

Ratio Satis III

Victor Mota

O Senso da Razão

Victor Mota

As Idades: quem é mais velho, quem é mais novo, o carrossel da existência

Argumento

A ideia de liberdade anda de para com a ideia de juventude, de idade, então. Mas que é mais livre? Quem é mais jovem, mais velho? A liberdade surge com o passar da idade ou vai-se sendo mais livre à medida que nos livramos do “jugo” da carne? Entre espírito e carne, eis a batalha, numa nova concepção de liberdade, mais responsável, que tenha em conta o Outro.

Desenvolvimento

1.

Não estaremos diante da civilização de muita coisa, entre as quais a da idade, da eterna juventude, relacionado com a liberdade e a imagem? Quando vês o tempo a passar, a idade, olhas para ti e estás quase velho, olhas para a tua mãe e ela está pequenina, quase mirrada, eis o tempo a passar e tu não podes fazer nada ou podes fazer muita coisa, viver da melhor maneira, dando atendimento aos mais novos, ajudá-los a crescer e dado também atenção aos mais velhos, irás passar por eles daqui a um tempo.

2.

Diz-se dos jovens que são demasiado jovens, demasiado adulto, que não ligam a ninguém, ocupados com o Tic-Toc e o Instagram. Mas há jovens e jovens, nem todos são assim tão superficiais. Há quem espere, desespere por dentro e aguente, o passar o tempo, a oportunidade para se afirmarem, ente o vazio da moda e dos artistas da TV, um mundo de sonhos que se desmorona de um momento para o outro, mesmo que custasse a construir... A felicidade também é isso, esses momentos de pura descontração ante a tecnologia, como se fôssemos todos telecomandados. Na verdade, com a idade vais aprendendo a situar-te no teu lugar na sociedade, na esfera pública, e isso é uma aprendizagem que se vai fazendo, assimilando, a sabedoria vem à superfície e já não te ocupas de coisas tão superficiais, apreciar o momento, fazes um café ao fim da manhã depois de uma boa noite de sonho e sentes que a tempestade já passou...

3.

Assim, o único modo de parar o tempo, de o congelar, é viver o tempo da cultura, do costume, mas também, na tua cabeça, a reflexão filosófica, aprender a apreciar o tempo como um bom vinho velho alentejano ou minhoto...

4.

Também a visão dos animais é plenamente utilitária, quando passo a mão pelo pêlo do meu gato ele pensa que o estou a lavar, que sou a mãe dele, mas também reconhece o carinho e o afeto, ou seja, a necessidade (evolutiva) está de mãos dadas com o afeto e vice-versa...

5.

Não é raro os jovens arvorarem-se em grande campeões e acharem que os velhotes devem ser dispensados, que não sabem nada, mas a culpa é desses mesmos velhotes, que acham que só eles é que passaram mal, que noutra época é que era bom, grandes sacrifícios. Estamos diante de um conflito de gerações que acontece na maior parte das famílias do mundo ocidental. Longe de dar uma solução para o caso, vamos analisar a questão do ponto de vista filosófico.

6.

O modo como eu lido com a minha vida, a minha existência e o tempo, mudou bastante desde há alguns anos. O país está a envelhecer, menos gente e cada vez mais gente de idade. O país está envelhecido. Depois, vêm os migrantes para compor a coisa. Na escola, este conflito vê-se claramente, os jovens desrespeitam os mais velhos talvez, em primeiro lugar, porque estes lhes dão, recentemente, bastante atenção, porque lhes dizem que o futuro é deles e são eles que têm de pagar nisto, o que é uma pura mentira, todos se têm de envolver, velhos e jovens. Os ditos bem sucedidos deixam os seus pais em lares e enquanto são conhecidos como famosos e até conhecidos academicamente, digamos, os seus pais vivem ao abandono em lares ou em suas casas, dependendo dos vizinhos, ou seja, uns dos outros. Geram-se então novas redes de solidariedade entre aqueles que, de certo modo, ficaram para trás. É preciso dizer aos jovens que um dia também serão velhos, isto se não ficarem pelo caminho...

7.

Seja como for, há um aspecto de competição e desarranjamento em tudo isto, ou seja, por mais que o sujeito tente fazer bem, acaba sempre por ser um desastre total, por não se coadunar na vida social, isto porque as sociedades mudaram drasticamente com a tecnologia. De um momento para o outro ou progressivamente, cada pessoa tem o mundo nas mãos, basta uma ligação à internet, eis o sonho da Matrix...

8.

Mas, digamos, a idade não depende do espírito? Ou seja, muitos jovens parecem velhos e há idosos que mantêm o espírito jovem positivo até ao fim. Depende do quê essa alegria de viver? Talvez dependa da sabedoria e das experiências que vamos tendo, a vida não é pré-determinada, nós podemos alterar o curso da existência, a vida não é um fado, uma fatalidade, não está consignada e adstrita a determinadas condições à partida. Mas muitos acham que sim, por isso deixam-se andar e não se preocupam.

9.

O gatinho está no seu canto, junto à janela, que divide o mundo exterior do mundo interior, também ele tem um mundo interior e um mundo exterior. O mundo exterior dele é o meu mundo interior, a casa, o acolhimento o bem estar. Ele, de certa maneira, é a melhor definição de liberdade: respeita as regras, obedece ao seu dono que trata dele e sabe que se assim fizer terá uma vida descansada, folgada até, será livre. Também é assim com os humanos, a fórmula da *liberdade livre* não funciona, a verdadeira liberdade está no respeito mais ou menos estrito de regras de convivência, é isso que nos faz livres e felizes, é isso que diz respeito à jovialidade de espírito, à juventude da foram de Ser...

10.

Também eu gostaria de sair, andar pelas ruas, mas tenho de estar aqui fazendo este ensaio e mais outro, até que terminar, até que chegue a meia centena e, depois então, poderia usar da minha liberdade, enquanto envelheço por aqui, pelo tempo que passa...

11.

Também o escritor não é uma máquina de cuspir palavras, o filósofo não é uma máquina de pensar e muitos se aproveitam das suas ideias em seus tópicos de vida, quando ele mal tem para comer e como que presta um certo juramento à humanidade, é na verdade, um funcionário da humanidade. E como está mal pago o seu salário! Mas muitos são sofistas, ou seja, querem que os seus pensamentos valham dinheiro, quando não é esse o caminho, porque o excesso de dinheiro vicia, olha certos casos de empresas, de milionários pederastas, de sujeitos que não foram felizes na infância...

12.

O que acontece, por outro lado, a quem escreve muito? Acaba por ficar famosamente esquecido, ou seja, é uma pessoa que tem o seu valor, mas esse valor é coloquial, anda no meio e através dos transeuntes e de certa maneira não é perturbado, lá vai uma crítica ou outra, mas bem, deixam-no andar, como se não tivesse uma vida social. Na verdade ele é um intocável, ou seja, não pode ser tocado... Que infelicidade esta a de estar entre humanos e não o ser!...

13.

Certas pessoas parecem ter mais idade do que outra, certas pessoas aparentam ter mais idade do que aquela que realmente têm, biologicamente. É aqui que eu quero chegar. A mim bastou-me ficar com o cabelo branco para parecer velho, mais velho do que realmente sou. E quanto tenho, na verdade, 52, aparento ter quase setenta, talvez terá sido de me desgastar bastante. E ainda dizem que não trabalho...

14.

Há pessoas que nunca se deslocam mentalmente daquilo que pensam, o que são é aquilo que pensam e são pessoas verdadeiramente desinteressantes. Mas o homem da cultura também pode ser chato, ter o seu desinteresse. Só uma *démarche* relativamente ousada faz mudar as coisas, uma alavancagem relativamente corajosa, como se diz hoje em dia.

15.

E o sujeito anda nisto, como o cãozinho, dando três voltas ao lugar onde se vai deixar, o gato até faz coisa parecida, porque não somos máquinas, todos nós temos os nossos medos, a nossa idiossincrasia pessoa e, em certa medida até, alguns são, como dizia a escritora, etnólogos de si-mesmos...

16.

Na verdade, como antropólogo, quase sempre me senti sozinho, ou seja, não tenho o apoio de grande parte das pessoas onde vivo, como se fosse uma aldeia africana, ou seja, o meu coração não está com a maioria de todos, deles todos, mas continuo, pois sei que Roma e Pavia não se fizeram num dia e que ninguém é perfeito, enquanto sujeito cristão, perdoo a maior parte do mal que me vão fazendo, um deles é o esquecimento, que aconteceu também ao Senhor Amadeu Ruas, aconteceu, faz parte, eles estão num registo diferente do meu, por isso deixa-os andar que a heroicidade final fica para mim...Esta é a minha idade...

17.

Tenho andado nestes dias e ler a obra de Deleuze “Espinosa e o Problema da expressão e também, considerando *O Problema da Habitação* (obra escrita por um professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que não me lembro agora o nome, enfim, este ensaio não é uma espécie de inquisição à minha pessoa...) que eu tomo nos termos de habituação, porque estar em casa é antes de mais a reiteração do costume, daquilo que é acrescentado à natureza. E a expressão resume-se a isso, à vida social, a teres e sentires vida logo que saís porta fora de tua casa, a “ouvir” (ouvir e ver, ao mesmo tempo), por mais contraditórios e masoquista que possa parecer, as ambulâncias ou os crimes na CM TV...

18.

Habitação, habituação, expressão.

Quando saís de casa é porque precisas de conviver, mesmo deixando o gatinho em casa com comida para o dia inteiro. Por isso, todos precisamos de nos expressarmos, é natural ao ser humano tal como a comida e isso deveria ser considerado, reconsiderado. A vários níveis, antes de mais ao nível estético, depois ao nível ético, do comportamento e das atitudes. Eu faço habitação porque preciso de estar em algum

lugar, sou sedentário e não nômada, não sou um sem-abrigo nem pensionista quanto mais por invalidez, consegui dar a volta e ser uma pessoa normal face ao Estado e isso me orgulha bastante, porque sinto que estou de volta à vida. O sujeito não sou eu, é tu e eu, são eles, aqueles, os jovens que precisam de um pequeno toque para andarem certos, os miúds da escola que ainda têm muito tempo para perfazer, caminhar e é bom que alguém lhes diga para não terem pressa, pois essa é a melhor idade das suas vidas, a adolescência, altura em que se problematiza tudo, até o tempo, e se põe em jogo o que deve ser e o que quer ser face ao que há-de ser, ou seja, é aí que o homem se projeta filosoficamente no Mundo, além da caverna e da caixinha confortável...

19.

Encetando a nossa equação, podemos dizer que a melhor definição de felicidade será esta: ser jovem é ser feliz, sobretudo não no corpo, porque o envelhecimento é inevitável, mas no espírito. É isto que queremos dizer, a felicidade não depende do ter mas do Ser, sendo que o ter ajuda muito, nem todos somos capazes de ir para um mosteiro e despojarmo-nos dos nossos pretensos bens, jurar obediência e castidade...

20.

Se o homem não pode evitar o envelhecimento, para no tempo, sendo que essa paragem arrastaria um movimento estátua, ou seja, também uma paragens dos órgão vitais, o homem pode adiar a passagem do tempo, nele e à sua volta, pelas impressões sobre si... Eis o *botox* e as diferentes técnicas de rejuvenescimento, enfim, todo esse processo da estética em que principalmente as mulheres vão ficando mais atraentes e quando se trata de mamas, vão ficando mais apelativas, embora pareçam bastante desgastadas no fim da vida por uma vida de excesso de sexo e outras coisas, outras substâncias que não vêm aqui agora à baila.

21.

Desde tempos imemoriais, o homem procura o elixir da vida e a tentativa de ficar imortal, isto tem tudo a ver com o assunto que aqui nos traz. Desde sempre se preocupou em igualar os deuses, quando os deuses nasceram dentro de si. Mesmo a própria imagem de Cristo é a de um homem relativamente novo, que se entregou à morte pela ressurreição, como outros mártires, como os Três Pastorinhos. Há em

Hollywood a ideia de morrer jovem, só para dar boa impressão ou por teimosia e mania do actor? As duas coisas, obviamente.

22.

Estas técnicas de anti-envelhecimento negam a vida, são tanto negação da vida quanto a eutanásia, ou seja, o homem, normalmente ocidental e a mulher, querem ficar a agarrados a vida porque talvez não acreditem numa outra para além deste, tenham pouco fé e pouca frequência religiosa, sendo que por exemplo na América, há poucos crentes, mas aqueles que o são, são de verdadeiro coração, quase ao limite da sanidade, nomeadamente afro-americanos que misturaram as suas crenças animistas arcaicas com o cristianismo e eu não acho isso mal, de forma alguma.

23.

Encantamento da vida, encantamento da sedução, ninguém quer parecer velho, pois que perderá o valor nos termos de uma economia da sedução, ou seja, para estares activo e reconhecido tens de parecer jovem, senão, dedica-te à literatura e ao consolo da filosofia, que parece mais preocupar-se com um registo anal do que fálico, se quisermos usar alguns termos do jargão psicanalítico. É o pensamento dos fundilhos, vindo desde a Idade-Média para os dias de hoje, pois muitos parecem, mesmo na Igreja Católica, viver ainda na Idade-Média, apesar das actualizações num certo vector ou outro da doutrina cristã. EM muitas celebrações, o padre parece ainda estar de costas...

24.

Por exemplo, o meu vizinho chama-me de bicho, outros me chamam de monstro e eu não vou bem me importando com isso, porque sei que, de um momento para o outro, posso estar, de um dia para o outro, em Hong-Kong, na Patagónia (lembrando Bruce Chatwin, recentemente desaparecido), hoje o tempo tem várias formas e várias matizes e uma reflexão sobre o envelhecimento, a velhice, a invalidez permanente, é uma reflexão sobre um Tempo que parou, que está estacado na história, que pegou de estada, mas por outro lado é a reflexão de um tempo que passou, que não volta mais, que é cruel como as pombas que já não existem no Central Park...

25.

Sim, já não sou inválido. Deixei de o ser -penso eu- ainda encerrado em casa, com imensa vontade de me meter no Metro e ir até à Baixa, fazendo não sei o quê, talvez apenas procurando um corpo, um corpo de espessamento, algo gasto e esquecido, como o meu, pelas agruras da cidade, do tempo, da cidade...

26.

Sim, recuperei, sobrevi, sobrevivi. Agora, cada um dia é mais um dia, após outro. Isto tem a ver com o assunto que aqui nos traz, o envelhecimento, afinal, a velhice, os tempos mais felizes segundo alguns, porque quando se é jovem não se pensa no que se faz, são as hormonas, é o instinto, nem todos os tiros pode ser do centro do alvo, pois então, ora essa...

27.

“Então, vira o teu semblante. Porque não escreves precisamente sobre isso?”. Foi o que eu fiz, cara amiga, fui usando a teoria até chegar a um ponto, a esse ponto de não retorno que te leva a ir longe, mais longe, mais além do que nunca ninguém foi em todas as direções, como se tivesses uma arma que não fere mas converte os corações num espetáculo de êxtase e harmonia benfazeja...

28.

“ De outro modo que ser” (Lévinas). Os filmes americanos podiam ser de outro modo, é a emoção de estar do outro lado do atlântico, da Atlântida, a água não acalma os seus espíritos porque vivem sob o signo de uma emoção metálica, que não tem limites, enquanto o europeu pensa, a partir do *terroir*, a sua condição, vinícula ou estelar...

29.

Eis o homem (e a mulheres e derivados) que envelhece. O tempo passa. Não é o homem que envelhece, é o Tempo que passa...

30.

O tempo passa por ti, no Rossio ou enlacrado na Rua da Betesga e tu aflito com isso. Deixa estar, acredita que há um Outro lado, porque nós o construímos a partir daqui, deste reduto e condição, projetando o nosso Ser num lugar que nem sequer existe...

Como posso ter razão sem usar de violência?

Argumento

A agressividade e violência é uma forma de ter razão? De manifestar força com sentido? Esse instinto básico pode ser condicionado, domesticado, mas o discurso e psicanálise salvam o agressor. Este é o nosso argumento.

Desenvolvimento

1.

O que nos podemos interrogar é se há sentido na força, no uso da força, teremos, então de analisar as raízes filosóficas da violência. Na verdade, ter razão com violência não é ter razão, a não ser que seja entre militares ou lutadores de MMA...geralmente, em termos do senso comum, não usa violência para ter razão, pois a perdes ao usar violência. Mas, em que radica a violência primária da nossa sociedade, da humanidade em geral, da civilização, do homem? Sim, qual a sua explicação primeira, primordial. Teremos de erradicá-la? De explicá-la para a extrair do homem ou no mínimo a domesticar?

2.

Em certo sentido, o uso condicionado da violência é mais honesto do que certo discurso intelectual atreito a uma classe, a um grupo de interesse. No boxe, por exemplo, há regras e a violência, com regras, faz parte do jogo. A rua também é um jogo e aí de formam os grupos de interesse, como analisou a sociologia, a antropologia, a psicologia social. Interessa não desanimarmos, não chorar sobre leite derramado, não perder o interesse... Mas não podemos estar todo o tempo dependentes de estímulos externos, a força tem de vir de dentro, senão nunca será genuína e, logo, pouco efectiva...

3.

Por vezes, a violência da TV é maior do que aquilo a que chamo de “violência pessoal”, ou seja, a violência física, porque aquela usa de violência psíquica para

manter as massas drogadas face à realidade sobre uma falsa aparência da realidade, nunca indo ao fundo da questão, salvo honrosas exceções como alguma TV2.

4.

Desde cedo percebi que nunca seria jornalista e acho ainda que bem, antes um razoável antropólogo e um filósofo amador do que um mau jornalista, embarcaria numa barca que não interessava nem a mim nem aos outros, era como mexer numa lixeira e isso já o fiz em criança, tendo lá encontrado, na lixeira de Fatiz, vários itens de interesse que de resto levei para casa, entre livros e engenhos diversos. Na verdade, era bastante engenhoso em pequeno e estava previsto ser ou advogado ou engenheiro, mas fui sendo antropólogo ao longo disso tudo, da infância, da adolescência e, à medida que fui descobrindo o mundo que me rodeava, percebi que era as ciências sociais que tinha de seguir, eivadas de uma certa filosofia e literatura, o que lhe daria um certo tom mais ou menos lírico, indagativo, exato...

5.

Não tanto a religião mas só a arte poderá resolver este problema da violência, como já referi em anteriores escritos, não só porque a sua linguagem é simbólica, mas por tem uma semente de verdade pessoa na sua mensagem.

6.

Neste capítulo, filosofia e antropologia são importantes, mesmo no meio do contexto do espaço público, jornalístico, em jornais como o Público, o Expresso, o Sol, para uma sociedade intoxicada pelos assuntos políticos, desportivos e económicos, onde a cultura é uma espécie de apêndice da vida social, um passatempo de elites ricas, para sua ilustração egoísta e pavoneante.

7.

Sim, ando com a antropologia às costas há algumas décadas, sempre produzindo e ainda tenho de pagar a estada no apartamento de um primo onde estive durante a licenciatura, depois comprei casa e fui sofrendo, sei mais de psiquiatria do que muitos médicos, que não têm formação em ciências sociais e humanidades. Mas não me gabo disso e até evito de falar sobre mim próprio, para bem do acontecimento das coisas...

8.

Depois, um problema do Ensino da filosofia e da Geografia: há alguns anos, os antropólogos podiam lecionar no ensino secundário a Geografia; isso alterou-se. Muito bem. Então porque não podem também ensinar Filosofia, entre outras, Sociologia e Psicologia? E um doutorado em Filosofia não pode lecionar no ensino secundário, se não tiver a via de ensino na área a que vai candidatar-se, por exemplo, a Filosofia. . isto demonstra o estado do ensino em Portugal, entre outras coisas que fui observando quando procurava voltar a dar aulas no ensino secundário...

9.

As pessoas que me acusam de ter ido a prostitutas não vão à Missa como eu vou nem se arriscaram a entra num convento aos 17 anos de idades. Ou se calhar foram mesmo religiosos e são-no, o que é pior indício da sua miopia intelectual. Deus já me perdoou, como eu perdoei a mim próprio, par poder seguir o caminho em frente.

10.

Falo assim da minha vida, porque assim resolvi o (meu) problema com a violência e não fiz grande e figadais inimigos em toda a minha vida, porque rezo e faço exame de consciência todos os dias, quero chegar ou trilhar um caminho de perfeição relativamente independente mas sem fundar coisa nenhuma, a não ser o IESL. Para tudo há solução, para a morte é que não há, mesmo assim ainda tenho esperança que haja, segundo a minha crença e várias tradições filosóficas e religiosas, veja-se um dos mais bonitos livros sobre educação e teologia, “ A Essência do Cristianismo”, que bem se lê como deste tempo e neste tempo podia ter sido escrito, de tão atual que é.

11.

Depois, criei um litígio que digo ser imanente com a filosofia, que não cita nomes no corpo do seu texto, nem datas, nem acontecimentos, nem lugares. Fiz uma quebra de contrato com essa filosofia...

12.

E, antes que fizessem alguma coisa por mim, fiz eu, alguma coisa por mim...

13.

Neste caminho, em que apresentei teorias próprias, obviamente coadjuvado pelos mais diversos autores de várias disciplinas, o caminho não foi fácil. Ainda estou nesse caminho. Não gosto particularmente de perder, mas por vezes desistir não é uma forma de perder, mais vale fazer o que se gosta do estar insistindo por caminhos que só nos isolam. Assim, nunca conheci grande solidariedade por parte da Igreja, desde que fui abusado numa sua instituição. O padre que o fez continua a celebrar missa, a mesma missa a que eu vou, não celebrada por ele, obviamente. Mas a mesma missa. Depois, na antropologia, um curso de elite, não conheci grande solidariedade, fui sendo antropólogo como podia, podia ter sido um grande antropólogo português, talvez o antropólogo, mas não estive nada mal ter chegado onde cheguei. Por isso me considero um razoável antropólogo, ainda no activo.

14.

O homem é por natureza violento, tudo depende se tem um território e uma mulher para defender e nisto sou muito evolucionista, como Teillard de Chardin ou Arthur C. Clarke, ou seja, quando vê ameaçado o seu modo de vê, ele retalia, defende-se, torna-se agressivo. Com as mulheres também acontece o mesmo, mas de uma forma diferente. Hoje em dia ainda é assim, até em Nova Iorque. Sobretudo em Nova Iorque...

15.

Um livrinho que eu já citei algures, foi-me muito importante para compreender o fenómeno da violência sob o ponto de vista filosófico (não behaviorista, *Las Raíces Filosóficas de la Violência*, de Sergio Cotta. Outro também foi importante, ainda do ponto de vista filosófico: *A Violência Totalitária*, de Maffesolli.

16.

Percebi que o homem, até do ponto de vista da antropologia, age em conformidade com o seu grupo (*inmates*, no jargão antropológico), ou seja, por vezes sacrifica a sua liberdade individual em favor do grupo e isso parece-me bastante lógico. O que não me parece lógico, antes de mais do ponto de vista filosófico, é que ele aja com violência contra o outro no seio do seu grupo, a não ser que esse grupo faça da violência um *habitus* (no sentido que Pierre Bourdieu lhe dá), logo, ele tem de sair desse grupo e associar-se a outro, se for um Ser pacífico. Mas também pode fundar um novo grupo, assente em novos e diferentes ideais, ou até frequentar uma igreja...

17.

De certo modo, um sujeito que andou em seminários, nunca se adapta à vida “*cá fora*”, porque não é só na rua nem na TV, não há leis, veja-se a internet, como ela está caótica, diria até, anárquica, ninguém regulamente coisa nenhuma, são raros os exemplos onde isso aconteça, podemos ter acesso a tudo desde mulheres a bombas de matar ou veneno, basta ter dinheiro e, já agora, um cartão de crédito.

18.

Competição, status, tudo se liga e desliga como se fosse um interruptor, um clique de PC, na verdade o homem de hoje procura o Todo, só que não sabe, esse Todo pode ser deus ou diversas experiências, sensoriais, intelectuais, e Deus pode ser, em última instância a derradeira experiência, uma experiência espiritual do caminho mais longo e menos percorrido...

19.

Portanto, há várias formas de violência legítima; a da polícia, por exemplo, a retaliação de uma nação face a uma agressão, nem que seja em território próprio, como faz a Ucrânia e não creio que esta dispare mísseis contra território russo...

20.

É claro que não queremos esgotar o tema, não é essa a nossa intenção, mas tão somente adiantar alguns tópicos e algumas reflexões em torno do tema, sob o ponto de vista metodológico e filosófico, como nos chega ao olhar em termos de

fenomenologia corporal e discursiva...mesmo que o agressor seja mudo, ele é objecto de análise da antropologia...

21.

Mesmo que nos cusparam em cima, porque já vários cuspiram para o chão à nossa passagem, continuaremos o nosso trabalho, não repisando demasiado certos temas que são óbvios, nem abordando questões que são mais complicadas e do foro íntimo de certas disciplinas, mas vamos a muitos temas e damos consideráveis tópicos para que outros possam continuar, de modo mais ou menos científico, mais ou menos artísticos, a escrever e descrever sobre estes temas...

22.

Percorremos então, um caminho real através de uma selva de símbolos (Victor Turner), de uma feitura de fenómenos sociais, uns totais outros bastante banais, para analisar, um pouco à moda de Sedas Nunes e ferreira de Almeida, o que vai acontecendo, o que nos vai acontecendo, não esquecendo João leal, pães de Brito, Iturra, João de Pina-Cabral, José Fialho, António Medeiros, Filipe Verde, Freitas Branco, o saudoso Paulo Valverde, falecido em 1997, creio, entre outros. É nosso propósito dar uma ponte a partir da antropologia para a filosofia, ou vice versa, sugerindo uma metodologia própria e temas os mais diversos sobre a apresentação e representação do eu (*Na Vida de Todos os Dias*, diria Goffman) para um total e cabal compreensão do homem, à consideração destas ciências (ou artes, mais ou menos líricas) da psicologia, da psiquiatria, da geografia, do serviço social, enfim, uma série de talentos que poderão ser desenvolvidos e amadurecidos com a nossa modesta ajuda...

23.

Falando um pouco de violência doméstica, podemos, claro que podemos, dar a nossa visão e argumentação, sem que tal nos traga vantagem alguma (“Que fiz eu para merecer isto” ou “O que é que isso contribui para a minha felicidade?”, em várias obras que estão presentes na minha biblioteca particular, que talvez um dia seja doada a uma universidade ou escola secundário, pode ser um politécnico), se eu continuar a minha obra e, claro, tiver êxito, um êxito público que tanto desejo e para o qual tanto trabalhei...

Digamos que, neste sul da Europa, vivemos ainda sob o signo da Honra e Vergonha (Lisón Tolosana). Neste contexto, a Igreja Católica teve, desde a falência do Império Romano, um papel central. Os nobres quase não mandaram nas sociedades durante quase dois milénios. Mas isso começou a mudar, hoje em dia a Igreja é muito mais espiritual, diria até, sobrenatural (*sobrenatura*, em vez de anti-natura, encarando o homem como um ser eminentemente espiritual, vejas em várias obras de Jean Guilton, só para dar um exemplo), do que o era naquele tempo. Mas ainda restam as catedrais, os castelos, a memória de muita coisa que foi feita e não foi feita, sobretudo, porque a ilustração e literacia daqueles povo era escassa. Mesmo assim, ainda que o conhecimento quase todo esteja disponível na rede, por vezes o nosso índice e volume de violência é superior ao de outras eras, veja nas diversas obras de Hobbsbawm (“A Era do do Capital”, e o já citado “A Era das Revoluções”).

24.

Queres viver uma boa vida? Sem remorsos nem medo de morte, de ser morto à pancada num estádio no Bairro Alto? Escolhe o caminho do meio, o da moderação, é fácil deixar-se ir pelas emoções, às vezes até é bom, mais genuíno, porque é verdadeiro. *Ridendo castigat Mores e In Vino Veritas...*

25.

Por vezes, há pensamentos que entopem o fluir do sangue ao cérebro, que entopem o pensamento, para não falar do vinho, do uisqui, das drogas, sendo que aqui o tabaco é tolerado. E já viram como aumentou o número de fumadores em Portugal? O espírito vai quase em roda livre, perdem-se os sentidos, ganham-se noutro lado, perdem-se os princípios, ganham-se noutro lado...

26.

Por vezes, o sociólogo não consegue explicar os fenómenos e muito menos um antropólogo na cidade, como disse o deputado do Partido Socialista na Gulbenkian enquanto apreciava alguns quadros franceses...É então que ele tem de voltar para os seus pares, procurar falar com alguém, para deixar de fazer pião num solipsismo que pode ser encantador do ponto de vista filosófico, psicológico, mas não o é certamente do ponto de vista antropológico...

27.

E, perguntamo-nos, como pode um filósofo resolver o problema da violência, do ponto de vista filosófico, obviamente. Nem mais e precisamente, porque ele não é violento. A Não ser que seja louco e eis aí o estatuto social do filósofo, o seu papel e função sociais... Que precisam de um *refresh*, tal como o ensino, que está cheio de pessoas que se eternizam nos seus cargos, mas a culpa é do ministério, que afunila os candidatos ao ponto de eles não poderem prosseguir seu caminho como professores, sendo que a profissão é pouco atraente porque é mal paga, falta paixão de ensinar a muito e muitos já se cansaram dos mesmos temas, dos mesmos programas, sobretudo nas áreas que eu posso leccionar posso asseverar...

28. Mas...eu já perdoei aos meus inimigos, ao mesmo tempo que me "vingo" deles fazendo coisas e mais coisas no meu dia a dia, a maior parte do tempo adstrito às lides domésticas, para manter acesa a chama de aparecer por cá alguma visita, de preferência feminina...

29.

O fato de haver poucos licenciados em antropologia em cargos políticos diz muito sobre a formação antropológica de quem faz as leis e defende pessoas sob a base do Direito, mas diz muito mais dos antropólogos e da relação teórica entre Antropologia e Direito. Não há qualquer ligação, que eu saiba. É uma conversa de surdos que nem sequer existe, tanto porque os antropólogos não se interessam pela sociedade civil de um país, imersos nas suas actividades académicas "parlamentar" quanto os juristas tratam o costume apenas como um item mais do Código Cível, demasiado insignificante, pequeno, para ser tomado em conta na esfera da comunicação pública e mediática, sobretudo porque custa identificar os problemas e resolvê-los cabalmente. E isso os antropólogos podem fazê-lo...

30.

Depois, os antropólogos poderiam começar a entrar nas escolas secundária, notadamente nos projectos parecidos com o que se chamava antigamente de Área-Escola. Neste aspecto, o antropólogo, como o sociólogos, estão mais habilitados do

que os psicólogos, de longe, penso eu, mas poderia funcionar em estrita colaboração, pois da Antropologia à Psicologia não vai uma distância assim tão longa, tão inultrapassável, clara...

Entre Normal e Patológico: algumas falácias da psiquiatria

Argumento

Procuramos neste ensaio demonstra que ser louco pode ser uma forma de ser normal. Pois, quem decide o que é normal e o que é patológico?

Desenvolvimento

Não pretendemos neste ensaio por em causa a psiquiatria e seu poder curativo, mas tão somente levantar algumas questões que têm a ver com os itens sociais “normal” e “patológico”. O que, na realidade, o normal? E o patológico? Tem que ver, certamente com uma certa desordem do pensamento, mas também física, pois o que é cerebral acerta no que é físico. Não fora a psicologia que aprendemos no seminário, estaríamos totalmente em branco, a somar à frequência da psiquiatria, onde se passou de tudo um pouco, desde 1995 até hoje...

Mesmo assim, como a antropologia tem interesse por tudo, avançamos, no dealbar de um novo século, de um novo milénio entre profecias e pensamentos insistentes, entre a filosofia hindi do meu bairro e a missa de sábado na Igreja Católica.

1.

O recesso aproxima-nos mais da realidade do que o êxito, se não for embandeirado em arco...eis o que nos conta a nossa experiência, é preciso um inêxito para chegar ao êxito, como se tivéssemos de dar um passo atrás para dar dois em frente. Mesmo assim, avançámos um passo, se é que se trata de avançar (Veja-se o movimento “Les empêcheurs de penser en ronde”, de uma universidades francesa, que também é editora de livros).

2.

Se, nos tempos anteriores à Internet, à TV, a interação social era de certo modo livre e gratuita, salvo raras exceções, hoje em dia paga-se para ter interação, aumentando a estratégia para o fazer, para se não sentir só e quando se sente é sempre culpa do Outro e não do Mesmo, do idêntico.

3 .

O patológico é um desvio discurso e comportamental, um estado mais ou menos determinado, mais ou menos definitivo de estar em dissonância com a sociedade ou algum grupo. É o contrário da alienação, que resulta da máxima atenção e concentração de um grupo, como acontece com as claques do futebol.

3.

O homem não é um ser autónomo, ele procede por assimilação dos elementos do meio ambiente físico e social, a não ser que esteja desarranjado psicologicamente e seja insensível aos estímulos do exterior, da sua unidade físico-psíquica, físico-química (veja a este propósito “O Fenómeno Humano”, de Teillard de Chardin).

4.

Então o que é o normal, sociologicamente? É o grupo, porque a sociedade contém desvios. É a norma, por mais desfasada que esteja da realidade e hoje em dia a norma é o desvio, enquanto o desvio, o patológico, é que aguenta com a norma. Mas...será a norma o senso-comum?...

5.

Loucura é a solidão da alma e não falta por aí quem não queira estar a sós consigo mesmo, mas está, por consequência ou causa de alguma coisa. E que dizer do poder psiquiátrico? A religião substitui, de alguma forma, a psiquiatria ou apenas a precede, é uma forma mais de se ser louco?

6.

Não será a loucura uma reação orgânica a qualquer coisa do meio físico e social, psíquico, como diria Teillard de Chardin em “Le Phénoméne Humain”?, a resposta endêmica a uma reação, a uma invasão?

7.

Depois, a questão dos medicamentos. Será apenas por questão química? O psíquico tem que ver com o químico? Depois, os interesses das indústrias farmacêuticas, que se alimentam de pessoas doentes...ou talvez não...

8.

Há uma vida científica e essa é a da psiquiatria? E qual o papel das ciências sociais, elas não postulam também uma vida científica?

9.

Diz o Nobel da Literatura deste ano que “o mundo está a derivar para tornar o inaceitável a norma”. É esta luta entre norma e desvio, em termos comportamentais, que importa tanto ao cientista social quanto ao psiquiatra, mas interessa o que é que a mente pensa, se a mente é o que (se) pensa...

10.

A isto se junta o que a psicologia chama de pudor sexual, ou seja, o sangue na zona anal, o sangue menstrual, porque todo o corpo é motivo de desejo, logo, tem de estar apto, o mais limpo possível, mais branco possível, para a vida social industrial. Daí o contraste entre branco e preto, ou seja, o escravo é considerado escuro, preto, logo, culpado e carregado de pecado.

11.

É claro que a solidão pode distorcer a nossa visão do que é a norma, socialmente. Mas também o casamento o faz, aprisiona dois corpos e duas almas que, de outro modo, podiam viver em liberdade. Mas o social funciona por laços, isso nos diz a sociologia.

12.

Mas, não está também apto para a liberdade também o autor, o artista, quando cria laços com as suas ideias? Debaixo de tanta inspiração está um ser psiquicamente frágil e atormentado...

13.

E, neste sentido, não será de considerar que a frequência por parte do utente, do cidadão “normal” da psiquiatria gera marginalização, mesmo no mercado de emprego, sendo a saúde mental, o parente pobre da saúde, o grande tabu da sociedade, a par da sexualidade, assim também como a cultura o é do orçamento de estado?

14.

“Deténs-te no momento /e não consegues sair dele”, diz a canção do U2, cheio de obsessões, que sucedem umas às outras, pensamentos ou ideias que não existem. Mas, se são pensadas, existem, nos termos de um panteísmo, nos termos de uma psiquiatria dos escolhos mentais...

15.

Nos TOC's é a desarrumação que torna tudo mais complicado e incomoda, a sexualidade, que é voraz, a limpeza do corpo e do espaço em redor, enquanto noutras patologias assiste-se sobretudo, a uma quebra de ligação com a realidade, como se a mente do sujeito (e o que é a mente, na verdade, senão os seus produtos?) estivesse

independentemente da realidade costumeira. Eu defendo que tudo isso, quase todas as patologias, têm que ver com um medo primordial da morte.

16.

Nem todo o mal psíquico é obrigatoriamente psíquico, químico, psiquiátrico em si. O que está no fundo do mal psíquico é o mal moral, ou seja, a assimetria entre o Eu e o Mundo, ou seja, entre Deus e entre os irmãos, quebras e falhas nas relações (amorosas, eventuais), carência económica, falta de qualidade de vida. Mas nem só, muitos actores se sentem infelizes e se suicidam. Aparentemente têm tudo, além da fama e do sucesso social. Mas, não será isso artificial? Ou seja, não teremos de voltar às velhas comunidade tradicionais onde tudo se vence e se sabe uns dos outros e isso de alguma maneira não é um desafio maior para o Big Brother?

17.

Afinal, de quem é a culpa? Sim, a culpa das doenças, dos diversos estados, de um mau orçamento de estado, do mal no mundo, da guerra? É dos homens e do deus que eles criaram, se o Homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, o inverso também é certo, mais que certo. E a culpa, a culpa moral de tantos pensamentos, um rol deles, e tantas e tantas doenças, quando não se sabe ao certo quais as piores, a psíquicas ou as físicas...

18.

Será culpa da tradição judaico-cristã, o povo eleito sente-se culpado e de quê? De não ter o seu deus consigo a todos os momentos? O panteísmo sempre nos pareceu uma ideia perigosa, politicamente perigosa, porque há sempre lutas e desavenças e sempre haverá, a paz perpétua de Kant não passa de um vislumbre de filósofo, bem como os sonhos de Francisco de Assis...

19.

Por outro lado, não advém a sujidade pública de um desleixo nos costumes, do “deixa-andar”, da falta de higiene nas ruas e nos caixotes do lixo? Isso é cíclico e depende do rendimento obviamente, porque o pobre não tem desculpa para ser limpo

como o rico tem. Depois, o papel da religião e dos políticos a darem exemplo, por vezes mau exemplo, todos puxam para cima, para a santidade, quando se esquecem que “cá em baixo” há muita coisa para fazer, ou seja, mesmo os EUA continuam a fazer esforços para que haja vida em Marte e esquece os problemas verdadeiramente terrenos que ainda existem. Desde que a economia vá funcionando, está tudo bem. Portanto, há em certas doenças psíquicas benignas um sentido de perfeição e moralidade verdadeiramente agudos e tudo tem que ver, a meu ver, não só com a genética, mas com o meio ambiente físico e social, ou seja, é o ambiente, não somente os medicamentos, que podem curar o doente psiquiátrico¹...

20.

Em certo sentido, os males do corpo são também males psíquicos, veja-se a obesidade mórbida ou a anorexia, veja-se as doenças dos olhos, que moldam não só uma personalidade, à medida que evolue no tecido do social, mas a sua representação face ao Outro, o Outro que pode estar apenas no outro lado da rua ou no Metro, simplesmente.

21.

De qualquer modo, mesmo numa equipa de futebol, o psíquico é o motor tanto do sujeito quanto da sociedade e, em certo sentido, em mais ou menos todas as actividades humanas, ele está intimamente ligado ao físico, ou seja, é o velho ditado *mens sana in corpore sano*².

22.

Portanto, o normal é qualquer coisa da ordem do arbitrário, ou seja, em tenho de ter uma família onde tudo corre bem e um comportamento mais ou menos previsível, isto

¹ Estas nossas ideias vão colher, vão de encontro a certas teses de Max Weber, nomeadamente “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, mas também às de Goffman, “Prisões, Manicómios e Conventos” “ A Apresentação do Eu na vida de todos os dias”.

² “Mente sã em corpo são”, um grande e significativo ideal dos gregos.

de acordo com a minha profissão, no âmbito de uma certa divisão social do trabalho (Durkheim). Se me desvio desse comportamento, ou de um discurso normal, estou obrigatoriamente doente e acabo internado, memos que não tenha ferido ninguém. Tudo depende se levo a sério ou não a minha maluquice e tudo depende da coesão e dinamismo social da sociedade, do meu grupo...

23.

A pergunta persiste, o que é normal? O que é patológico. Este é o que se desvia da norma, seja em termos de delinquência, seja no âmbito mediático do espaço público... Só quem está algum tempo do “outro lado”, como certos artistas (Van Gogh ou Dali, por exemplo), percebem que não há grande diferente entre um estado e o outro e entre a loucura e desrazão e a normalidade é conhecida uma fronteira cozida a linhas muito fina...

24.

Porque, essencialmente, o povo, como o sujeito, precisa de memória, de se sentir agarrado a este mundo, acreditando ou não no Outro (Mundo e Outro-Pessoa), precisa de estar sempre reiterando a sua presença na terra, talvez porque não seja (pelo menos inteiramente), daqui.

25.

Culpa, remissão, indulgência-perdão, eis o eterno ciclo retorno da personalidade mística, sendo Deus um mito, não se podendo dizer mal d’Ele de modo algum, temos de nos submeter a uma *persona* que não é inteiramente humana, nem inteiramente divina, o Cristo, o Ungido de deus. Contudo, consegue-se um certo conforto na Igreja, nas Igrejas, face aos desafios psíquicos em contexto cosmopolita, impessoal despersonalizado nas relações, quando há sempre uma vaga daqueles, mormente os que vêm da aldeia, que puxam para o lado da solidariedade, desfazendo a anemia própria de certas sociedades ou grupos.

26.

Dizia Raúl Iturra que o antropólogo, pela exigência da sua profissão, está tanto atreito à super inteligência quanto à esquizofrenia, no conjunto de uma profissão bastante desgastante, porque tens de pensar o Todo e a Parte, o ínfimo, microscópico (onde haja vida humana) e a totalidade dos fenómenos humanos que, pró certas ocasiões, são fenómenos sociais totais...

Neste sentido, como o médico (psiquiatra), o sociólogo (embora menos, pois este estuda mais a “normalidade”), o psicólogo e, finalmente o antropólogo (ainda que sobrando por vezes para o geógrafo) e o assistente social, diria até o teólogo, ocupam-se de fenómenos humanos totais, que é a relação entre os homens (entre si) e a relação com o Todo, seja o Mundo, seja, em certo sentido, a divindade...

27.

Não procures incoerências. Vive com o que te é dado, com o que conquistaste. Ele está ao teu redor e traz-te saúde, mesmo que sejas teimoso e queiras fazer o Seu trabalho. Assim, tens de te submeter, pois é peso demais para uma só pessoa. Aceita, dói menos...

28.

Cada vez mais se desenvolvem disciplinas apaixonante, como a etnopsiquiatria (com Georges Devereux à cabeça, já desde algumas décadas), ou seja a loucura não só é um negócio quanto uma coisa interessante, para quem vê de fora, obviamente, porque o doente, por vezes, está tão imerso no seu mundo, como o universo autista, que não se apercebe que não é normal, ou seja, não é social, o seu pensamento, o seu comportamento. Não é, numa palavra, adequado, funcional Evans-Pritchard, “Estrutura e Função das Sociedades Primitivas”)...

29.

Há portanto, uma certa relatividade em psiquiatria, como a há em antropologia, nomeadamente na antropologia social, ou seja, dependendo do contexto, as variações são as mais diversas, até dos sintomas e aquilo a que cheguei de economia da libido noutro escrito tem muito que ver com a sexualidade como forma de afirmação/libertação mas também como método para marcar terreno, território.

30.

Portanto, a nossa argumentação passa essencialmente pela sexualidade, ela pode curar, como cura a Igreja, mas pode também perverter, viciar, entre os dois, os três, os quatro, se bem nos entendemos. Mas, será sexualidade e o sexo um elemento passível de ser considerado antropoceno? Eu defendo que sim, não com desprimor de outras abordagens. Porque o sujeito fantasia sobre isso durante várias horas ao longo do dia, porque é das experiências mais extraordinárias que um ser humano pode ter, para se sentir completo e realizado...

31.

A antropologia, por vezes é tão vaga que assusta, será possível um inventário de todas as actividades humanas e teorizar sobre isso com a ajuda de Deus? Concerteza que sim. A psiquiatria também assusta, porque a mente está politicamente aberta e não há limites ao pensamento. Depois, há o efeito retemperador da literatura que nos traz, dia após dia, para a realidade de todos os dias e, enfim, para a normalidade...

UMA INCIDÊNCIA CIRCUNSTANCIAL: CERTEZA, DÚVIDA E EXISTÊNCIA

Argumento

A realidade pode ser um cisco insignificante, pode ser uma dúvida infinita a propósito de qualquer propósito num pano de fundo que é a existência, pode ser apenas as pequenas percepções por um tempo, até fazer sentido do todo que é a pessoa.

Desenvolvimento

1.

Fazer sentido desde o pormenor, para chegar ao “pormaíor”, por método indutivo e também usando o cartesiano método dedutivo, plasmado *em As regras do Método*. Estamos diante de nenhum tema, de nenhum assunto, mas de um conjunto de impressões mentais, fenomenologicamente falando. A filosofia costuma ser avessa a isso, de tão retórico que é o seu discurso, a sua narrativa.

2.

Não há nada demais além do que se não conhece, vai-se conhecendo, vai-se avançando, e já é bem bom, porque até aqui as desilusões foram muitas, passámos todo o tempo a esperar que os frutos das sementes que semeámos viessem a dar fruto, mas nem por isso, resta-nos contentarmo-nos por não ter corrido pior. Este é um caminho, um itinerário, filosófico. Nem mais, nem poético nem literário, no âmbito da prosa, é filosófico, talvez além do *Cândido* de Voltaire, tal é o nosso desgaste e cansaço...

3.

A dissonância das vozes por entre as paredes, atravessando os ouvidos, o inferno são os outros, que não te dão conta de nada, como o teu pai, e que ainda por cima dizem mal, não sabendo o que custa criar, acham que é coisa como fazer amor com uma mulher e já está, tira-se o preservativo e deita-se fora, até parece mal num discurso filosófico, mas a realidade é mesmo assim, tarda incluir datas e nomes de pessoas, de lugares, no corpo do texto filosófico, enquanto assim não for, a filosofia permanecerá para sempre aflitiva no século das Luzes ou na Idade Grega do descobrimento do saber ocidental.

4.

Pensa: terás construído uma obra digna do teu nome e sem grandes sarilhos, tirando a tese, que te levou ao hospital dos malucos, nunca lá devias ter entrado, devias ter-te defendido, mas entraste, que vai agora fazer? Construir uma narrativa do Outro? Ou a narrativa das vozes, do Outro em Ti, quando tens o ego escondido num pequeno apartamento de Moscat?...

5.

A filosofia é, assim, como que um vírus de terror que evita guerras, que põem toda a gente a falar entre si sobre o espanto do mundo e os distrai de se matarem uns aos outros, porque pela palavra, pela complicação teórica, vai-se disfarçando a coisa.

6.

A luz incide sobre a janela, é o sol a fazer das suas. Os tipos da contabilidade voltaram a abrir o escritório, é a crise financeira dos mercados, enquanto o talho e a cabeleireira estão fechados, estranho, a meio da tarde. A tipa das jóias voltou, tem estado no seu lugar uma negra bem atraente. Pouca gente me cumprimenta, a não ser um ou outro velhote. Continuo á espera que se discuta a minha tese. Isto é filosofia? Claro que é, é circunstância, vida, existência, o banal no seu melhor e que melhor

matéria par a filosofia, se é que ela precisa de algum ponto de apoio imanente, do que o banal? “É daí que surge a verborreia”- dizia o Victor.

7.

Sim, a literatura é a arte da sabotagem, porque os outros não sabem nada de ti, sabem a sua versão de ti, que pode ou não ser maligna, enquanto tu contas aos outros, para regime oficial, aquilo que queres que saibam, como um epitáfio.

8.

Não, não tenho amigos. Mas isto, é tudo o que eu tenho, por isso vou a partir disto construir qualquer coisa, com calma e paciência, embora a grande parte ande numa correria doida por não sei quê, corpos, dinheiro, fama, imagem, muito se estatelam contra a parede, outros permanecem vivos e actuantes, muitos estão mais para lá do que para cá, outros continuam em suas safadezas, porque algum dia foram feridos...

9.

Sim, teu Ego está entre quatro paredes, à espera de ser libertado, de se soltar pelos campos da tua infância, onde andavas nos palheiros com a Isaura, o Charréu e o Grilo. É assim na cidade, “alguns já estão engavetados”, como diz o teu irmão.

10.

A vingança, a remissão à existência, faz viver, mantém-te vivo. Mas...com que qualidade? Não viverás por isso bastante mais angustiado se te entregasses ao Senhor teu Deus?

11.

Cargos há muitos e tu temes não estar à altura, muitos são os candidatos, alguns piores, alguns melhores do que tu, mas não temas pela saúde, vai, sibilino, traçando o teu caminho numa floresta de enganos e desenganos, com Frei Manuel Bernardes nos “Caminhos da Floresta”.

12.

E trago à baila a obra de Gadamer, *O Mistério da Saúde*, a propósito de compósitos desejos de perdurar nesta vida, ao mesmo tempo que te tornar um autor de renome internacional, além do nacional, do social, do eventual. Só basta um clique societal...

13.

Estás, portanto, entre várias categorias, o teu Ego pode estar queimado, mas continuas, muitos sistemas filosóficos há que descobrir e explanar nas academias, sem fim, o teu será um deles, se a cada pessoa cabe um só sistema, já parece a China, um país dois sistemas.

14.

Vejo no meu irmão e noutros tipos a ilusão de prova que a maior parte dos académicos têm. Mas isso é culpa dos filósofos, que mais cedo admitem um engenheiro ou arquitecto para fazer filosofia do que uma pessoas das ciências sociais. Há aí um conflito de interesses bastante grave e significativo, que demonstra como a sociedade pensa...

15.

Mas também é culpa dos antropólogos, que se fecham em copas em nichos nas mais diversas universidades portuguesas (e são duas ou três), não se abrindo à sociedade civil, sendo uma espécie de clube quer produz em série coisas sobre o mundo em que

vivem, uma espécie de *illuminatti* alimentados até pela própria sociedade pelos seus privilégios, com um ar confrangedor de simplicidade, descrentes de qualquer coisa de transcendente, como se fossem uma Igreja à parte em autocombustão, ou seja, produz os seus artífices e o estado alimenta todo este estado de coisas. No fundo, é a regra milenar: se discordas de mim, não fazes parte do clube...

16.

No fundo, todos procuram a fuga, atrapalhados, quando isto é uma manta de retalhos, bem curta para a cama em causa, ou seja, quando se tapa a cabeça destapam-se os pés e não falta que sacuda a água do capote.

17.

Mas...é assim que se constituem os grupos, remam todos para o mesmo sentido, pensam todos o mesmo, tem interesses em comum, reverberam a reiteração do mesmo até à exaustão, porque não são cosmopolitas e quem o é arrisca-se a maiores riscos...

18.

Sabotagem, interesse, o filósofo é culpado de todos, todos o perseguem, todos o acusam, porque na verdade têm inveja do seu dom, lá diz a antropologia, enquanto outros procuram os bens terrenos, o filósofo contenta-se com pouco, pouca televisão e alguns livros, muitos livros. Pena é daqueles que vêm na filosofia um modo de vida, de ganhar dinheiro...E vai além do teu tempo e dos homens do teu tempo, presos à imanência como o cão ao seu osso...

19.

Para evitar que a cidade continue matando, é preciso regressar a uma vida simples, porventura aos conventos e mosteiros, sendo que aí tudo de novo recomeça, os abusos de crianças, a violência doméstica, a lassidão de algumas almas que só conhecem a quentura dos trópicos, tudo isso associado à economia, o poder inglês e americano, que é apenas quase somente simbólico, pois quem verdadeiramente manda é a China e o Japão, os diferentes, afinal...

20.

Acusam-nos de não ter amigos, e não se apercebem de como é a vida na cidade, de como preciso de estar só para escrever, de como tive de optar por certas ideias contrárias ao senso comum para afirmar as minhas, a minha liberdade...

21.

Andamos nisto há muito tempo, numa troca de acusações que não tem fim, tudo tendo advindo da infância, onde se forjaram grandes amigos mas também grandes inimigos e a remissão à existência tem os seus limites, poucos fizeram filosofia com pouco dinheiro e ainda assim, sou funcionário da humanidade, quando muitos do meu tempo vivem noutra época, o tempo do banal senso comum e disso se rezará um dia, no epitáfio ou na glória.

22.

O ser humano está cheio de incoerências e ninguém quer fazer má figura, diante de Deus, da sociedade, todos pensam que têm alguma forma de razão, em vez dos arrependidos, daqueles que estão condoídos com a sua própria existência e os seus erros, entre psiquiatria e religião, entre economia e astronomia...quando a felicidade é tácita e a competição é feroz, porque o país está entregue à bicharada.

23.

Para captares as mais diversas dimensões da realidade, além do mesmo, precisas de estar atento, esperar um tempo até que a diástole faça o seu trabalho e percebas como o mundo é muito mais do que Tu mesmo...

24.

Há-de sempre haver quem diga mal de ti, do que fazes, que não reconheça o teu valor e entre os familiares há alguns que pensam assim, por vezes até a tua mãe te desconsidera, porque não tens jeito para ganhar dinheiro, porque não casaste e até porque não tens namorada, trabalho. Há sempre quem critique, como tu criticas alguns, mas encontra o Paulo na rua e vês a esperança, essa esperança que dás aos outros sem que te peçam, essa alegria, que não é estar todo o tempo dentro da Igreja, embora isso te agrade sobremaneira. E passa o tempo, nenhuma mulher se aproxima e tu notas que não és gay, nem bicha, somente que não chegou o teu tempo, logo, tornas-te especialista em esperar, não procrastinar, mas esperar e aí tornas-te o verdadeiro escritor, cujas palavras saem do âmago do teu Ser...

25.

Eis a incidência circunstancial, uma fresta da realidade que está além de ti, ao passo dos teus olhos, quando deixas de ouvir e tactear e acabas por ver ainda, mesmo que cego a certas coisas. E exploras o teu ser como nunca ninguém o fez, como nunca antropólogo algum o fez e precisas da filosofia para isso, quando estarás no âmbito da psicanálise há algum tempo e tens de te haver com isso, porque com as tuas escolhas não há amigos com palmadinhas nas costas e esse tempo não tem reverso mas inverso.

26.

Tu olhas pela grelha da ciência social, porque assim foste formado, para além da religião, que te faz falta para te sentires bem, e mais do que nunca precisas dessas referências, dessa estruturas porque estás só fazendo tudo isto e até a literatura se tornou numa arte de enganar, de se desenrascar, ou seja, até no Tolentino de Mendonça vês isso, essa esperteza saloia de dizer não o que penas a partira da reflexão, mas o que de bom todos os outros pensam. E isso é, de certa maneira injusto. Então, que espécie de ciência social tu fazes? A tua, de ti mesmo...

27.

E ainda por cima te chamam de Judas e tu pões-te a pensar," Judas do Quê?, Traí alguém? Cristo?" - É isto que pensas no vinco do tempo, mais um conceito que adiantaste em favor da compreensão do social para bem de toda a gente...

28.

E notas que o mundo não é perfeito e esperas, desesperas, esperas de novo mais uma vez, não sabes a que propósito, e deixas-te ir pelo instinto, como os gatos, quando se alojam no motor dos carros, quando a curiosidade os mata e assim, como o cantor Alexander Search, prossegues o teu caminho, pois não sabes de que outra maneira pode ser, que outros argumentos possas levantar, fora da academia, julgando que tens poucos amigos, tens mais do que aqueles que pensas e a realidade é assim, evolve, desenvolve-se no ar, na água e todos se querem, mais ou menos, aproveitar-se dela para benefício próprio, numa sociedade em que o ter é mais importante Ser, daí o *vinco*...

29.

Sim, prova, demonstração, eis a sociedade ocidental, prova pela mulher que comi para me afirmar macho, prova da TV ou do jornal onde apareci só para tomar a camponesa, de certo modo, enganá-la, não lhe dar tempo, porque o meu tempo é muito mais importante do que o dela e, na verdade, ainda que não tenha tempo, devo aproveitá-lo ao máximo dos máximos, com ou sem sentido...

30.

Não pensarias, quando foste para o convento, que a maioria das pessoas é louca, mesmo sem ter ido parar a hospital psiquiátrico algum. Pois...são loucos, consideras tu que já lá estiveste, ao menos não ficaste por lá, como alguns queriam, despachar daqui para fora desta tourada de maluquice estrada fora, onde se finge ser amigo e se é cobra...

31.

Afinal, os intelectuais estão todos fugindo para a religião, à medida que o normal e estranho se torna progressivamente normal, muito por culpa não diria dos media, dos novos media, mas essencialmente da televisão, mais concretamente dos programadores de TV que têm apenas formação de jornalistas e uma ou duas vivendas em Cascais...Mas, enfim quem vai julgar essas pessoas? Quem vai julgar o Pinto Balsemão? Estão todos agarrados à árvore e a maior parte dos jornais tem uma ótica deturpada...

32.

Assim, promove-se a estupidez e os verdadeiros artistas, que têm uma visão nova e inaudita ao mundo, deixam para a posteridade a sua afirmação, talvez para depois desta vida, talvez não, talvez nunca nada se saiba ou nada se tenha sabido, porque antes de mais é preciso viver, viver loucamente...

Quando a Realidade é pouco Democrática: um mundo conspirativo à casca da noz

“A única coisa de que podemos ter certeza é a incerteza”

Zygmunt Bauman

Argumento

O filósofo continua a escrever, a filosofar e pode fazer isso porque tem o salário garantido ao fim do mês por isso está nessa bolha *ad aeternum*, ao passo que aquele que corre por fora tem de pedinchar à família dinheiro para comer, fumar, fazer filosofia, que a todos beneficia. Portugal bem pode ser o mais injusto dos países, esta é a minha tese.

Desenvolvimento

1.

Por vezes, tudo parece conspirar para ti, no bom ou no mau sentido, no bom ou no mau momento. Há muitas vantagens no pessimismo (Scruton), mas também há desvantagens, como diria Cícero, é bom manter no meio termo, dosear as emoções, ser moderado em tudo, como disse no final do meu primeiro livros, *As Curvas Apertadas*.

Mas é impossível, porque na corrida, que é quase sempre de obstáculos, na corrida da vida, há sempre de permeio um certo pessimismo e a alma ou está eufórica ora depressiva, faz parte, desde que contagiemos apenas o otimismo para os outros e nos aguentemos à brava com o nosso pessimismo.

2.

Mesmo assim, és mal entendido, as pessoas estão agarradas às suas pequenas questões e não entender o teu comportamento, o teu entendimento e tu, delicadamente, não insistes, se querem persistir no erro, o problema é deles, Cristo só houve um. Mas há santos que o seguiram, felizmente...

3.

Muita coisa, muita merda, como se diz antes de entrar em cena, antes de discutir uma tese, está a vir à superfície da Igreja, que não entende o corpo, eu digo mais, não entende o Diabo e a separação que é devida entre sagrado e profano num contexto societal, eclesial...

4.

Depois, olhas para ti e vês do que gostas, melhor, gostas do que vês, um tipo que está ultrapassando muitos, alguns, traumas, de infância mas talvez de adolescência, um tipo que se mantém activo sexualmente e atraente para as mulheres, pois é o sexo que preferes, nem que sejas gay ou bicharoco, que não é o caso, mas há sempre abébias a dar. Será isto Filosofia» Sim, de certo modo, entre o vão, o vinco e o vime da vinha de onde se vai buscar as uvas e o vinho, seja tinto seja branco. Sentes, portanto, à distância, o teu pai numa canção de que não te lembras, sentes o coração da tua mãe, batendo em ti, dentro de ti, por ti porventura, ouvindo “Mama”, do Phil Collins, de pois de “I’m Alive” de Celine Dion.

5.

A mente é como um motor, tem injeção e piston, admite gasóleo ou gasolina, conforme o caso e há que aquilo que uma canção dos Queen sugere, “torn between the levels”... Pode parecer descarada a nossa intervenção, mas é por bem, da escrita e de outras coisas, não vale tanto a pena andares preocupada com o dinheiro, ele há-de vir, assim como a tua amada, basta esperares, bem sei que custa, cede que dói menos, aceita, se não custasse não valia a pena, arranja por isso um bom passatempo nem que seja o Tetris ou o Xadrez, que abandonaste há algum tempo...

6.

Lembra-te do que disseste em tempos no Metro a duas inglesas, “is not so important” e como elas não tivessem ouvido, repetiste, mas de outra maneira, ou seja, “I’m not so important”... elas riram-se de alívio, como se a Inglaterra fosse Portugal e vice-versa, dois países um sistema e ainda à baila vêm os francesas, deixa lá ver, que os espanhóis vão para o mesmo, até nos imitam em certas coisas...

7.

Sentes que estás desligado da comunidade antropológica, mas não é preciso estares ligados, nunca deixarás de ser antropólogo, está-te no sangue e além disso és também filósofo e escritor, nada demais para descrever uma sociedade que vai mundo, sujeitos que, ao invés do mundo moral, vão evoluindo na escala do social e que tu vais vendo, vais assinalando...

8.

Quando te consegues ver a ti mesmo, estás no bom caminho, arranjas até motivo de risota, para além da crítica dos outros, em certo sentido, eles não te podem ferir mais, porque tens uma cama de antireflexo, e mesmo que elas entres, as críticas, és uma esponja e quando apertada, sai tudo...em nome da escrita, da filosofia, do pensamento livre e da livre associação, diurna ou nocturna...

9.

Ainda assim, na tua filosofia altruísta, tens tempo de ouvir programas religiosos, quando a TV fica sem som, por defeito técnico, por oscilação das vontades e produzes, produzes muito, sem saber que um dia virarás célebre, ainda que nenhuma dama te visite, é uma forma de expressão, por isso continua, numa metafísica do aquém e além Tejo...

10.

É isto Filosofia? Não sei, não estou numa academia, mas acho que é, sem sombra de dúvida, filosofia, porque chego sempre a uma conclusão mais ou menos metafísica acerca do comportamento e do discurso e, depois de uma quase vida escrevendo as

mais diversas coisa, continuo, ainda sem o jogging, insistindo na escrita, quando já precisa de um terapeuta que me orientasse nos alvares do poder social... Mas duvido que o psico terapêutica tivesse mais poder do que eu...

11.

O sujeito debate-se então, com os mais diversos desejos, entre pensamentos intrusivos e dupla personalidade, mas faz parte, é preciso tudo relativizar, entre sístole e diástole, porque não foi preciso cirurgia, e isso até nos tornaria num superhomem, personagens que tu és para alguns dos teus alunos e a culpa é do Nietzsche, vá-se lá saber porquê, alguém explique isto em Portugal, que é o teu contexto metodológico...

12.

E preocupam-te as imagens mínimas, porque tens um problema com a realidade, terás também com a verdade, no entanto prossegues a tua caminhada e quando baixas a cabeça, te aparecem várias percepções do mínimo, como se fosses chinês ou japonês, em troca do bem-estar psíquico individual...Porque quem comanda qualquer coisa, também tem a sua doença, nem que seja a mania de mandar nos outros, coisa que eu não sou grande especialista a fazer, tomara eu mandar em mim próprio, no eu dos Outros, nos Outros em Mim.

13.

Mas Nietzsche não sentia culpa, ele grassava na religião como sendo algo pouco honesto, sincero, um pouco com a hipocrisia de alguns psiquiatras de hoje, em que a mente está em céu aberto, em autópsia mútua, como diria Nélia Dias...

14.

E eis que acordo de manhã, custando-me a levantar, com uma grande ereção, a glande quase de cola à barriga, estranho isto, apenas estou em privação em memória de outros tempos em que fazia as coisas em cima do joelho, digamos, partia logo para a parte física, quando na adolescência e juventude não era assim, tinha cabeça, até no

ISCTE e na Nova, ou seja, procuro um certo equilíbrio que foi perdido algures nos 35 anos, um pouco antes deste segundo milénio...

15.

E tudo isto é Filosofia...que o diga Fernando Pessoa, tenho a ideia de que percorro alguns dos seus passos, na subida iluminada para o Chiado, bem como Teófilo Braga, nas etnografias da antropologia, Fernando Namora, Alberto e os mais antigos Cesário Verde e e Sebastião da Gama, para não falar de Alexandre Herculano e Mário Viegas...

16.

Pois, decidi não pedir nada, mais nada, não reclamar, apenas quero o meu dia a dia de volta, ainda que só, ainda que custe, ainda que não tenha cobertura e palmadinhas nas costas. Porque isto é Filosofia...

17.

Há uma espécie de felicidade incompleta em tudo isto, em ver o gatinho recebendo o vento da rua pela janela. Sim, mais, há qualquer coisa de americano em tudo isto, mesmo no sofrimento, na vontade animal de copular de varais maneiras, como se o francês soubesse esperar, como se desse valor a tudo, mesmo a uma calçada limpa e lisa, a calçada portuguesa, pois então.

18.

Será isto Filosofia? Não será aquilo, antes e depois dos desejos e dos sentidos satisfeitos, entre sonhos e dificuldade em levantar da gama, como se fosse preciso um guindaste? E é este o fio da nossa prosa, filosófica, pois então...

19.

Encontras-te nessa situação social, podias, através da reflexão ou da mera imitação, estar noutra, bem mais vantajosa, porque, afinal, sabes dar valor à tua circunstância, acidental ou provocada, transformando-a em ouro que te faz feliz...

20.

A meio do caminho, ficas extremamente cansado, com fortes dores de cabeça, mas continuas, não volta a dar, é um beco sem saída e ainda que tenhas de voltar para trás, fazes isso porque, afinal, não deves nada a ninguém e tens ainda o teu caminho a percorrer, talvez em nome de uma filosofia, de uma antropologia, que ninguém fala porque cansa, a verdade cansa e não é dada a um só de uma vez, mas desigualmente distribuída a todos...

21.

Se tens oportunidade de ser feliz, não deixes escapar essa possibilidade, ainda que sejas engenheiro ou arquitecto, a felicidade advém essencialmente da realização profissional, pouco mais, a vida é uma passagem, não uma instância de poder, ainda que muitos (não são poucos), achem o contrário, que se deve amealhar o mais dinheiro possível, sem viver a vida, sem ter um acto de generosidade sem fazer um juízo moral...

22.

E, então, vais criando habituação à habitação, gostas de estar em casa, podias estar no meio de uma tribo timorense, mas está aqui, no meio das tribos urbanas e decerto não te dás assim tão mal, porque muitos te respeitam porque também os respeitas...

23.

Então, nesse sentido, o que é o mecanismo do interesse, o que nos liga ao mundo? Não será que estamos já ligados, antes da concepção até, inclusive? Porque há qualquer coisa de meio ambiente e meio físico e social, também em nós, nos nossos neurónios, neurónios...

24.

Então, sobrevém o cansaço, não é fácil acreditar e ser-se bom, é bem mais difícil do que ser mau e entre essas duas formas de discurso, de entendimento das coisas e de comportamento, anda o homem, atarefado por ser pai e nós respeitamos isso porque

também o quisemos ser um dia e esse elo quebrado está algures no passado, aonde não queremos regressar.

25.

Sonhar não é assim tão impossível, nem tão fora da caixa quanto possa parecer, vais insistindo com a tua técnica do crisol dos entendimentos e diálogo do quotidiano e esperas pela felicidade que virá, a rodos, de uma só vez, de enxurrada, que te irá culminar e contemplar de Bem e alegria, porque a vida presta-se a isso, fazes uma remissão à existência e consideras-te feliz embora cansado, é normal, é o peso da responsabilidade pelas coisas que tens feito e desfeito...

26.

O cansaço mental sobrevém, a filosofia dá para isso, sentir-se cansado, estirado, contemplado com as dores do mundo em nome da literatura, da nomenclatura, da democracia e mais sinais exteriores de que é capaz ainda de trabalhar, agora que deixaste de ser reformado por invalidez. Digamos que, tirando umas pequenas dívidas, tens a ficha limpa...

27.

E estás, assim, afoito ao passar do Tempo, àquilo a que muitos chamam de envelhecimento, é o Tempo passando por ti no Rossio ou metido contigo na Rua da Betesga. De uma maneira ou de outra, continuas, porque como diz o povo, “parar é morrer”, mesmo depois de teres sonhado com a pequena Baía de São Pedro de Muel, enquanto os Muse tocavam, sendo que a primeira parte desde concerto foi dos Gift, onde ouviste o tema “Um Verão”.

28.

E as tuas reivindicações teóricas caem por terra, deixas de ser alarve em relação com a realidade, ou seja, querer tudo, muitas e coisa e até a atenção que muitos não têm. Daí a pressão, a tensão, no Metro, em casa até, porque procuras sempre alguma coisa e deixaste de beber café, sendo que o tabaco está evidentemente racionado, quando a bebida ainda entra alguma.

29.

Por vezes não aguentas, tanto esforço, tanta entrega e não estás sendo reconhecido como um grande escritor, porque achas que merecias, que seria um desdobramento lógico da tua produção. Mas deixa estar nem sempre se fazem as coisas com sentido e intenção particular, peculiar, Deus tudo trará a seu tempo, bem como Amor, estás um pouco desatento a isso e nesse dia, no Metro, podias ter conquistado uma miúda que te mirava interessada à espera do teu sim e voltaste para casa, porque querias fazer e terminar o presente ensaio... ora bem, estás quase conseguindo...

30.

E continuas a descortinar **déjà-vus** e a perceber onde erraste podias ter-te entregue a alguém, da do a alguém e esse alguém teria sido a Catarina, que tu bem a quiseste, ou a Susana, de que guardas memória mais cara e até a tens procurado online e por todo o lado que é possível, teria sido a tua mulher, sendo que terás tido outras, como Magdalena ou Lily, que muito bem te fizeras, mas escaparam não sabes como e ao fim de todo este tempo ainda esperar pela Cinderela e isso te dá, essa busca, saúde e bem-estar...

31.

Já abordei em outros lugares, a existência enquanto circo, *ritornelo*, repetição, ritual incessante face ao sagrado e ao profano, quando se confundem os dois conceitos, gera-se qualquer coisa de estranho e ao mesmo tempo maravilhoso, porque a natureza pagã do homem faz com que ele faça coisa, monumentos, edifícios, estradas e lembramo-nos dos 40 dias de Jeshua no deserto e o modo como foi tentando pelo Demónio...

32.

A neurose morde o espírito, pensamento após pensamento, fracção de pensamento, particularidade do real e impressão cerebral, em vez de digital...deixas marca em todo o lado e, como Pessoa, o teu Ser cola-se a tudo o que é mundo, do Mundo, sendo que estás além desse toque porque foste tu que compraste a cola acolá.

33.

O Tempo persegue-se, estás enredado em ti, importas-te umas vezes, no sentido de fazer bem depressa qualquer coisa, construir obra, escrever e pensar, resolver problemas, outras vezes pouco te importas porque achas que já fizeste que chegue, mas isso acontece por pouco tempo, essa preocupação, essa presa, como Maria, de te levatares e ires porta fora, apressadamente. Está, portanto, embrulhado em ti, enquanto pegas numa funda, como David contra Sansão e jogas o tempo para a frente de ti, além do banal, para te projectares também a ti além dele e ele caminhar à tua frente, como se fora teu escravo...

34.

O segredo de uma vida longa e realizada talvez seja lutar por fazer aquilo que nos dá gosto, gozo e como custa isso a conseguir! Muitos entram em competição desenfreada, talvez por imitação do modelo americano. Mas...há outros modelos, como o Suíço, o francês, o norueguês, igualmente passíveis de serem adotados em regime de economia social pessoa. E, depois há o modelo português, daquele que faz melhor e deixa tudo para a última, que sabe enfim gozar o sol e a gastronomia deste canto da Europa. Os brasileiros reconhecem isso, um certo valor no solo que corre nas veias da gente daqui...

35.

Há quem goste da zona de conforto para produzir (textos, símbolos, manufactura), mas há quem goste do risco de estar fora da caixa, quando nesta modalidade o regresso a casa é bem mais feliz do que estar como ratinho na sua caixa todo o tempo. Porque o tempo, o vento e o movimento podem mudar e é preciso ir no ar das correntes, das vogas (do Bogas), ir atrás e por outro lado À frente ao mesmo tempo de qualquer coisa de interessante...

36.

Depois, vais descobrindo que, finalmente, após tanta luta e recesso, estás dentro daquilo a que se configurou chamar de “inconsciente coletivo” e deixas-te estar, quieto, como se fosse uma viagem de avião, porque, afinal, queres chegar ao fim de qualquer coisa e, como diz a médica de família, “não estás a fazer mal a ninguém...”

37.

Sim, ainda há diante dos teus olhos, algo que te impede de ver claramente, nitidamente, como se fosse um véu, um leite, uma catarata que se vai atravessando na tua vista e continuas a lutar, a debater-te com ideias e palavras, sendo que cego também farias uma certa coisa, uma certa filosofia ou hermenêutica.

38.

E, depois, como que voltas ao ventre da tua mãe, às costas do teu avô, àquele lugar pequeno agora, mas imenso durante a infância, onde brincaste com outros e tiveste os teus amigos. Agora, tudo se perde (e se transforma), viés só e vai tendo por companhia as palavras, “as palavras não sabem amar”, diz a canção dos Silence 4 e tu acreditas nisso como se nunca tivesses tido fé e tivesses voltado a ter, quanto mais não seja em ti mesmo e no Deus que te acalenta o espírito e a carne e te vai conservando “deste lado” da vida.

39.

Porque tu acreditas na sinceridade, na honestidade, finalmente e a filosofia, de alguma maneira, não é assim tão assertiva e tirou-te do sério, como que te amordaçou, entre a razão e a desrazão, a loucura e a normalidade, a força e a fraqueza sabias que tinhas de abrandar um destes dias, porque queres viver, mais e mais, não em termos absolutos, mas para fazer certas coisas que gostas de fazer e vai então criando calo e vendo as coisas do mundo com mais prudência, até para não te queimares nos olhos.

40.

Sim, a filosofia é como um cancro, tanto nos pode matar quanto nos pode trazer uma nova e segunda vida, mesmo que sejas hedonista não eras nunca tão perverso e tarado como te sentes em algumas alturas do teu dia, como se essa perversidade e taradice se constitui como entretém, como motivo de interesse pelo movimento extático da mente e da percepção, muito por culpa da tua educação e do meio onde se

desenvolveste em criança, até chegar à adolescência, altura em que trancaste a tua sexualidade a chaves de um baú de um sótão qualquer do mundo, de um mundo qualquer e assim descobrir o fio de Ariadne em tudo isso e voltar a estar jovem e realizado, embora com cabelo branco e o corpo cansado, mas ainda com vigor para muito amor, se o amor for coisa do corpo e não da mente...

41.

E assim estás, entre o sagrado e a casa, os pensamentos permitidos, uns que têm a ver, outros que nada têm a ver com o real, mas se não têm é porque também, por oposição, têm também a ver. Voltamos ao espinosismo como panaceia da dúvida, como elixir da inteligência humana, quantas vezes armadilhada pela ciência umas vezes e pela religião outras, porque não andam sempre ambas entrelaçadas uma na outra, mesmo que uma certa realidade social mostre o contrário...

A CRÍTICA E A CONVICÇÃO:

Absorver ou Replicar?

Argumento

Defendemos a seguinte tese: o sujeito precisa de um *refletor social*, ou seja, de uma impermeabilização da crítica por parte de Outrem, pelo menos enquanto não tem lastro para absorver e replicar. E, quanto à crítica, é evitável replicar?...

Desenvolvimento

1.

O sujeito que foge ora se destaca ora aparece, conforme o camaleão, *O Desgosto do Camaleão*, da autoria de Francisco Rebelo sobre as aventuras e desventuras de um escritor em África... Enquanto te manténs em guerra com algumas pessoas, sujeitos, actores sociais, está como que em paz contigo mesmo, com a tua natureza guerreira que te conserva e faz sentir mais vivo do que a moderna da rotina de todos os dias (Raymond Carver, "Telefona se Precisares de Mim").

2.

Por vezes, temos receio de admitir a verdade e estamos ali, atravancados, fora de nós mesmo, dentro de nós mesmo, com um nó na garganta e no estômago, não sabendo o que fazer, não avançando nem recuando, talvez devêssemos ter ficado no passado, ao menos não haveria equívocos nem problemas, com nós mesmos e com os outros...

3.

Será que o santo é santo por fazer a vontade de Deus e dos Outros? Eles ficam-se a rir, "como é parvo este gajo", porque têm o fito não na eternidade, no Deus Puro e Santo, mas na temporalidade, no imediato, na imanência, no *manducare*... Mas o profeta

persiste, tal como Locke em “Perdidos”, porque anda um Perdido por Lisboa afora e a torção do mundo, a voragem dos dias, continua operando nas consciências, a uns que vão muito à frente, usando ou não drogas e estatelam-se mais adiante no muro e a outros que de tão devagar vão que ficam pelo caminho, talvez à espera que uma ambulância com a mangueira de bombeiro mal posta, os ajude...

4.

O objectivo do escrito, portanto, não é ser visto nem apercebido, é trabalhar secretamente em favor do mundo e, claro, de si mesmo, em função da sua visão do mundo, abrir caminho para que outros, os seus e os seus amigos, possam percorrer os eu próprio caminho, dar indicações, favorecer, sugerir, preparar terreno...Porque alguém tem de ir à frente. Nesse caminho encontra muitas necessidades insatisfeitas, mas é isso, essa dor, essa falta, que lhe dá ânimo, porque ele poupa as suas energias, inclusive as sexuais e sociais, para ser porventura redimido um dia. Nisto tudo há um cálculo e a crítica até funciona como incentivo, *ab contrario*, que fere o seu Ego e desse sangue saído o leva mais adiante, para uma outra vida, como Cristo na Cruz.

5.

Portanto, ante a crítica não serve a mera impermeabilização, sob os fantasmas do adormecer, do levantar pela aurora, quando a luz do dia vai subindo na janela, tem de arranjar outra forma, que é neutralizar, de outro modo (*autrement*), as críticas, a crítica.

6.

Um dia vai acontecer, é sob esse signo que vive o autor, faz e executa a sua obra escultórica, para que aconteça qualquer coisa, e não quer apenas a promoção do seu nome, a fama, o sucesso, o êxito, como lhe quisermos chamar, mas apenas a continuação, em melhores condições, do seu trabalho, enquanto artista e autor pois lhe dá mais gozo fazê-lo do que colher os louros, sem grandes trapaceirices...

7.

Num mercado aberto, onde há muitas oportunidades, custa a reconhecer a derrota, mas esse é o jogo democrático, de derrota em derrota até à vitória final. Pensa assim: mais valia estares no Afeganistão, onde nem sequer podes saciar os teus sentidos, pois que as mulheres andam tapadas. Seria melhor para ti? Não sejas lorpa, não vás com muita sede ao pote, como te diz o povo...

8.

É dando que se recebe, diz a doutrina católica. E se eu nada tenho para dar? Daí recorro a Nietzsche que, mesmo ele, diz que há sempre coisa para dar, daí os extremos se unirem, o espírito do ateísmo e a alma católica. Preferes sofrer e vais andando, até que nada te perturbe e voltas as costas à turba, porque estás em regime de escrita, de autoria, concentrado na tua tarefa de antropólogo...

9.

Depois, uma reflexão que está por fazer sobre o cinema e não é só o americano, é o português e o francês, o alemão, as novas séries que andam por aí que dão muito lucro ao Netflix...Mas nós não estamos oficialmente ligados a nenhuma universidade, por isso não temos que responder por isso, de certa maneira é, para nós, seara alheia e eles continuam a estatelar-se no ecrã...

10.

Tudo em nome da liberdade de expressão, precise o sujeito na vida social, no envolvimento fenomenológico dos dias de rotina, de ter um reflector às críticas? Assim, tendo, não ouve o que os outros pensam, porque nem tudo é crítica, umas vezes é, outras não, é elogio, basta estar atento.

11.

Assim, todos temos a aprender com os atores, talvez mais do que com os autores, num registo que remete para a seminalidade da questão da criatividade, enquanto o registo da vida é cada vez mais esparsa, mais difícil de compreender aos antigos, mais desafiante de pôr por palavras aos miúdos que queiram compreender...

12.

O nomadismo tem tudo que ver com isso, com o sentir, muito mais do que a teoria, ou até o rebatimento e aprovação da teoria por outros termos, outra via...

13.

Assim, como diria o Tiago, estudante de Doutoramento em estudos Portugueses, tudo se resume ao *void*, ao vazio que é preenchido ocasionalmente, dependendo da união mais ou menos oficial, contratual, dos dois seres, seja eles iguais sejam idênticos. Assim é com o corpo da fêmea, precisa e anseia por ser preenchida e ainda que se tenha tocado, espera pelo macho certo, que a realizará, numa erótica espiritualidade que lhe fará sentir todo o calor do que é ser(-se) humano...

14.

Então, eis de novo a questão: absorver ou refletir? Depende do encargo que tenhas, depende da tua condição, da tua orientação, mais ou menos religiosa ou até metafísica, como Bach no “Cravo Bem Temperado”.

15.

A expressão “éramos felizes e não sabíamos” explica melhor o que quero dizer, ou seja, a felicidade estás sempre adiante de nós, caminhamos para ela e também está atrás de nós, neste caminho, nesta via mais ou menos estreita que é a existência individual. Se o sujeito for cientista social, as dívidas e dívidas pouco importam, além do mais, ele é funcionário da humanidade, nem sequer é tanto um professor, mas poderá sê-lo, como Camané ou Nuno Bragança...

16.

Portanto, não se pode usar, para o sujeito comum, um mero reflector, pois nos abstrairia dos encantos e misérias do mundo com que o vamos percebendo e realizando o nosso caminho, que é sempre para adiante, como numa peregrinação a

Fátima ou a Compostela. Devemos então absorver tudo? Quem nos protege? Deus? É estas questões que eu levanto e às quais procuro dar resposta...

17.

Por vezes esta tarefa pode parecer desmoralizante, porque quanto mais só está o sujeito, mais se sente angustiado, mas tudo bem, entre vida social e doméstica andamos nós, algum dia há-de acontecer e acredito que Portugal é um país onde alguma coisa acontece, mais tarde ou mais cedo...

18.

Absorver, refletir, ripostar. Será isto uma guerra, onde estão então os Condestáveis, aqueles que acreditam no Outro e não querem a sua aniquilação, que acreditam neles tanto quanto em si mesmos? Entretanto, a guerra continua, contínua, incessante, não olhando a alvos, sejam eles mulheres, idosos, crianças, falo da Guerra da Ucrânia e de outras, haverá uma fórmula secreta e exclusiva para debelar tais conflitos? Ou a guerra é intrínseca, porque tem a ver com poder, território, economia...

19.

Ripostar com flores, eis a solução. Como a Rainha Santa Isabel, o povo tem razão. Com oração, talvez, sendo que a via estreita nem sempre traz os mesmos resultados do que a via larga, no âmbito do poder (temporal), a porta grande, ninguém quer ser bode expiatório, ainda que seja bufo mais do que uma vez, em várias circunstâncias...onde está então a ética de tudo isto, na norma que impede o professor de dar aulas; retardando o seu trabalho, para o qual investiu a sua vida e que é a sua vida?

20.

Depois do filme À Espera de um Milagre, fiquei a perceber bastantes coisas, mesmo com bofetadas de orgulho de algumas pessoas que apenas querem subir a escada do poder, por vezes para conquistar certas mulheres que querem um bom partido, o sexo pelo sexo não está bem, todos se julgam donos de uma certa verdade e a pior delas é

precisamente não tanto religiosa quanto filosófica, embora haja na religião bastante pretensiosismo, que nada tem a ver com os copos e os corpos da Festa do Avante!

21.

Depois, a noção de uso, que te persegue e atordoia, enquanto alguns fazem disso uma empresa de telecomunicação, lado a lado com outras, na transição de um Ser mais ou menos bem disposto, parecido consigo próprio e com o mesmo, ante a reiteração da adoração ao grande outro, ao pequeno outro por via de uma solidariedade que funciona em estratos sócias desfavorecido, vá-se lá saber os planos que os ricos fazem para se manterem nas suas condições, sendo que nem toda a gente que tem formação é boa, muitos não têm formação e são-no, enquanto outros não têm medo da morte, não ligam à sua condição de finitude, com isso nos enganam a maior parte dos filmes de Hollywood, essa dureza própria de que tem o capital, a vários níveis, e antes de mais simbólico e que o não quer perder a todo o custo, porque se vão aproveitando enquanto cá estão, comendo e fornicando até mais não, até rebentar de prazer e ociosidade, é assim que se apanham muitos ratos, nem todos podem ter consideração (uns pelos outros). Daí a noção e o sentimento de vão que muitos sentem, de vazio, porque não querem parar e aquelas que param nunca mais entram na mecânica industrial do desejo, na articulação da libido com o caminho a seguir. Por isso estão paradas a rezar num nicho que apareceu a maior do caminho...

22.

Assim, progrides socialmente com um desejo irreprimível de tudo explicar, é a tentação da prova e vais andando com isso, com esse ardor quase seráfico de que o mundo, na sua manifestação e fenomenologia é, mais do que positivo, santo, nem que seja por um dia, à base de esforço, desforço e inspiração. Eis então o teu itinerário, não te cabe a ti replicar, ainda que o teu Ego diga que sim, porque se fizeres bem ao mundo, ele bem te fará, ou seja, eis o velho ditado, “assim como fizeres, assim acharás”...

23.

Para reflectires precisas de ter um reflector, como aqueles que usam os peregrinos que vão a Fátima na Estrada Nacional 1. Senão, és uma esponja que precisa de ser espremida e, normal é apenas essa a tua tarefa, não capitalizar, em nome de um Deus

que te dará algo de puro um dia. E continuas à espera, sempre activo, fazendo sempre alguma coisa, levantando-te todos os dias, com boa ou má disposição, para mais dias de trabalho, pois já dizia São Bento, “ora et labora” e, à entrada do campo de Auschwitz, a citação do filósofo “O trabalho dignifica o homem”, não sei porque me ocorre esta citação, mas talvez seja pelo valor que dou a quem trabalha, sendo que a escrita, muitas das vezes, é realmente um disfarce para nada fazer, para fazer coisa nenhuma, o que de resto, no fundo, não está assim tão mal, já que se discute no norte da Europa o Rendimento Básico Incondicional a que certamente Vale e Azevedo se irá candidatar, mesmo vivendo ignoto algures em Londres...

24.

Sim, é preciso um recesso para que ganhes alguma vez alguma coisa, sendo que há aqueles que ganham alguma coisa e outros que vão ganhando, pois não se pode ganhar sempre nem sempre perder, digamos assim, basta olhares para o futebol, quando um clube está sempre a perder, mais vale extinguir-se, de tão morto que está, coitado do moribundo.

25.

Talvez porque tenhas o teu espírito demasiado apegado ao passado, como andares para a frente com a cabeça virada para trás, ainda vem além que só pela impressão que lhe dá, ainda te parte o pescoço (como diz a canção do filho de Paulo de Carvalho) ao tentar virar o rosto para diante. Formigas!...

26.

Às vezes, a única coisa que te resta é pôr uma chupeta na boca e mudar a fralda, ou seja, muita teoria já chegou à luz do dia, muita outra vira com os dias subsequentes, basta que saibas mergulhar devidamente protegido, no magma social da concreção, do real esguiado pelo fino fio da teoria, como se fosse uma linha de pesca com que apanhas peixe na Ribeira do Cabrunca, quando, em tempos idos, Jeshua ajudou Pedro e seus companheiros a pescar pela barca uma certa quantidade de peixe que nunca mais chegava...

27.

E vais andando, pela via humilde, não precisas de reflector nem ser esponja, porque sabes que toda gente tem dois braços e duas pernas (bem...quase toda a gente) e se a justiça é cega, Deus não o é e entregas-te a ele com paixão e até com um certo nervosismo, porque a coisa sai-te devidamente do coração e é tua fonte de inspiração, de respiração.

28.

E, então, lembras-te do seguinte ponto, se tivesses casado não tinhas tanto tempo para toda a gente, como tens, como se fosses um padre que espalha charme e boa vontade aos irmãos de toda a gente e talvez por isso seja considerado, por uns, de bobo e básico, para outros de génio e de louco (todos temos um pouco, diz o povo). E esse ponto está em ti, atrás de ti, á superfície da tua pele com que fazem operações plásticas, mas tu não as tens, apesar de precisares disso e de cortar as unhas dos pés, como As Meninas do Sado e Apita o Comboio, sim, mais abaixo, onde não queres que ninguém chegue, nem precisas, pois podias vaze-lo e é uma tua opção não o fazeres, pois não percebes o ponto (da questão) e ainda assim o toleras, pelo passado num determinado ano, sendo que mesmo que desapareça, está lá na mesma, não sabes bem porquê, por isso tens de o carregar, pois é o ponto de vista do Outro...

29.

Dar a outra face ou replicar, reflectir, não em termos de reflexão, mas de resposta, reactividade, ou seja, ter orgulho em si, amor-próprio e sentido de sobrevivência, porque todos temos de nos alimentar, sendo que estamos mais ou menos dependentes uns dos outros.

30. Não encontras o comando porque o espírito do comando está dentro de ti, portanto mantém o silêncio e vais sofrendo a bem sofrer, apenas para dar testemunho de um ideal, seja a pátria, seja a solidariedade, a família, o ministério de que foste incutido e imbutido. Antes de mais porque muitos sofreram mais, na carne e do espírito, do que tu, e muitos continuam sofrendo, não tendo quem lhes ajude e tu não queres somente cultivar a imagem de um país perfeito, como queres dar impressão, boa impressão de ti mesmo, porque essa boa impressão pode não ser apenas exterior,

em termos de caracteres tipográficos os mais diversos, mas pode bem ser muita mais coisa, interior, do fundo de ti mesmo e do teu contexto cultural de origem e adoção...

31.

Porque lá, onde falta esperança, estás tu para ajudar o Outro, abatido pelas suas dores, o seu pecado e ignomínia, pela sua dor e culpa, que dá a volta, todos sentimos um dia. Mas...será que todos a sentimos? Não sentirão outros mais do que alguns? Ou seja, o Bem e o Mal da sociedade americana e europeia, da civilização mundial, bem pode ter mediações, medições e cores as mais diversas, para não andáramos toda a vida entre oito e oitenta...eis, então, como corolário do nosso ensaio, o papel primordial da reflexão filosófica...

O QUE ENTRA SAI: UMA REFLEXÃO SOBRE SEXUALIDADE

NO ÂMBITO DA RELAÇÃO MENTE-CORPO

Argumento

Explicar antropológicamente o problema filosófico da homossexualidade, já que a opinião pública se preocupa com isso, porque, afinal, o sexo é importante, pois é afetividade e realização de anseios. A vagina enquanto boca do corpo, o ânus enquanto exutório (Pina-Cabral), o que entra sai e nada é mais motivo de riso do que isso. As diferenças, as tolerâncias, o riso, o pudor, vergonha, pecado, como já expliquei, o ânus não está ligado à reprodução mas à *jouissance*, a um prazer primordial, primitivo e se soubermos compreender até psicanaliticamente esta questão, não apenas antropológicamente, perceberemos melhor a relação corporeamente, um grande avanço será dado para compreender certos aspectos do homem e da sua cultura, movimento, sociabilidade, sexualidade.

Exploração

1.

Não desistas de ser calmo, delicado, compassivo, especialmente para com a tua mulher. A sociedade deu-te em contrato social, foi uma dádiva, ela é uma flor, que para brilhar precisa de ser bem tratada, bem regada. Se tens outra? Problema teu, talvez ela também tenha outro e daí não vai grande mal ao mundo, ainda que a Igreja defenda a monogamia, portanto, tenta conciliar as duas coisas, os dois registos e vive, com paixão, não tanto assolapada mas serena, calma, com princípio de vida e de viver, com estímulo e resposta, o ser humano é maravilhoso, mas quando sob stress, pode-se tornar violento por razões as mais arbitrárias à casca da noz...

2.

Quando te tratam mal, é complicado fazer teoria, mas também não se faz grande teoria fora do conforto, isso é bem certo, especialmente num dia chuvoso, em que nos apetece estar ao borralho ou alimentar o esquentador a óleo, entrecortado com umas batatas fritas e com bom livros, um dónute, e esqueces o chavalinho espanhol que se ri de ti na rua mais abaixo, porque eles não te conhecem, embora julguem conhecer, mas de resto é culpa tua, quem te manda escrever livros que nem esses tipos lêem. Sim, porque não estás vendido, nem vendendo. De resto, esquece os monhés que nem sequer passam fatura e que te viram a cara para o lado quando és o seu melhor cliente, se calhar andam no chamôn e têm inveja de ti, não voltes lá mais, espera que o supermercado se mantenha aberto e vai lá, fazer a tua teoria, andar de um lado para o outro como os peripatéticos, porque lá só param malucos e há muito que abandonaste o hospital, ardeu, de resto sabes como as pessoas são, quando te vêem muitas vezes acabam por se fartar. E eu venho da Livração...

3.

Mas...o que nos leva aqui, anda tudo preocupado com os fundilhos, essa agora, eles e elas...onde está a filosofia de tudo isto? Porque ela está fazendo um caminho que a antropologia já fez, mais secular e marxista, portanto, a filosofia é, como de resto a Teologia, machista e patriarcal, pena é que muitas mulheres idosas se arrastem ainda nas Igrejas, a coisa vai mal, pode ver-se com a forma como lidam com o corpo, como se fosse um Templo, tipo sexo sagrado, até mete medo, eu não vejo antropologia nem filosofia em tudo isto, estas incoerências que vou absorvendo, observando e descrevendo...

4.

Para o místico, a realidade é bem evidente, no convento ou mosteiro, reza pelos pecados do mundo e os pecadores, porque vê a coisa mal parada e por fim nada mais interessa senão interceder por essas almas mal-paradas que não têm orientação nenhuma e são apanhadas do clima, que abusam de crianças e batem em mulheres. Numa Flor!?!... E entre eles, contam-se todos os estratos sociais, sujeitos que não conseguem libertar-se do vício do sexo e confundem as coisas do mundo, seja, percebem mal a relação entre carne e espírito, dilema que eu ando a resolver há alguns anos e que estou conseguindo deslindar para bem do mundo que deixo atrás e deixar algumas estrelinhas nos olhos dos jovens, que pensam que têm o rei na barriga,

muitos deles estão pululando nas escolas deste país, esses são os piores, porque os outros, mais adiante, estatelam-se contra um mudo, fora e dentro de um carro, ou mesmo num interior de casa bastante viciado em drogas, leves ou duras. Pensem! Dediquem-se à filosofia!... Não é fácil, pois não? E quem disse que o seria? Não conseguem fazer nada sem a ligação ao mundo pela internet...

5.

Depois, em estudante fui aprendendo a distinguir, pela mão de Paulo Valverde, a escrita de emoção e a escrita de razão, ou seja, a maior parte da literatura e a maior parte da etnografia. O antropólogo tem de se distanciar, como Lévi-Strauss, seja de um espanhol, seja de um monhé, para evitar de dar um murro na cabeça a um, primeiro, pode ser com a esquerda e um outro murro a outro, pode ser com a direita, que é a que tem mais força e alcança maiores latitudes...

6.

Claro que todo o homem gosta de ter razão. Assim nascem os ditadores, como por exemplo em Roma, mesmo que se tivessem seguido aos gregos, que eram bem mais democrático, mas bem, à sua maneira, digamos assim. Que não gosta de ter razão? Quem não pensa, porque aceita, em forma de submissão que lhe é atroz, tudo o que o senhor diz, lembremos a este propósito a Introdução à *Fenomenologia do Espírito*, onde se fala na dualidade escravo, senhor, bem parecida ou mal orientada como a de Cervantes...

7.

Muitos aproveitam-se da filosofia para darem ares de importantes em termos intelectuais, não como nós, que evitámos a filosofia por amor à antropologia e nunca mais de lá saímos e ainda bem, porque para nós aquela é apenas mais uma janela do nosso espírito.

8.

Porque a maioria dos ocidentais estão habituados ao cálculo, a ser racionalistas e está nos seus genes espalhar a fé quando pouco pagaram seu futuro em nome da fé,

ainda assim, a dor de alguns é a felicidade de outras, eis o sortilégio humano do devir, num país onde há muita reiteração de si mesmo e falta de democracia, essencialmente porque se debate pouca coisa, ou seja, não se debate o que se deveria debater, mas enfim, nem todos podem ser antropólogos, é preciso um dever de resistência e um amor à humanidade que pouco têm, procuram, constroem, porque a maioria quer impressionar pelo físico, logo são seres mais do que ôcos...

9.

Um padrão no *Aparecimento do Homem* (Richard Leakey) tem a ver com a ideia seguinte, ou seja, por casa recesso num lugar, há um sucesso noutro lugar, imediatamente e passado algum tempo, um novo sucesso no mesmo lugar. Temos de saber compreender o tempo, domesticá-lo e é isso, essencialmente, o que o homem tem feito ao longo da sua história, uma história de relação com o tempo, o que inclui a sua ausência, como aconteceu na aristotélica Idade-Média, mas há quem diga que as Luzes começaram mesmo aí...

10.

A esta hora da noite deixou de chover. A chuva faz bem à agricultura, aos terrenos, à alma também e especialmente para quem a tem suja, pobre homem este do século XXI, anda de um lado para o outro, pensando, repisando a memória, sem saber o que fazer da sua vida. Depois, mete-se em trabalhos, porque não reflecte, porque talvez seja esse o grande tabu, parar para reflectir, nem toda a gente convém, meditar e rezar são outros desafios, para que tem mentes mais complicadas do que minha...

11.

Mas...ao admitir uma ponte entre antropologia e filosofia, estarei eu exagerando? Inventando ligações que não existem? Não creio, mas sei que não vou ficar por muito tempo nesta tarefa, até porque da parte da comunidade filosófica e da comunidade antropológica, não recebi nenhum feedback, apenas um silêncio surdo e mudo, ou seja, estou sem sinal de vida para continuar e prossigo à deriva num pequeno bote no meio desta oceano do saber.

12.

Posso ir embora daqui a um tempo, mas ninguém me vai tirar a felicidade, a licença, de ter sido feliz. E durante muito mais tempo do que eu esperava, entre vitórias e recessos. No fundo, sempre fui filósofo, mesmo quando estudava antropologia comprava livros de filosofia, parecia que estava no curso errado, mas não estava, em estava estudando o homem, saqueando os seus mistérios, envolvendo-me numa aventura que não tem á vista o seu fim, porque é o Mistério do Homem feito Cristo. Daí a sempre e pertinência de uma Teologia...

13.

Que dizer da pobreza da TV? Sempre o horror, o acontecimento, o horror do conhecimento, enquanto os académicos da minha área estão em silêncio, *blockout*, parece, nos seus nichos, sempre nos mesmos corredores sujos, como o canto do Metro, junto à porta, de um lado e de outro.

14.

“Confiança no Mundo”, dizia o livro de José Sócrates. E que isto tem que ver com filosofia? Ele lê e estuda filosofia, a da política, para a qual não estou especialmente vocacionado. Vejo a política pelo lado de Marc Augé e Marc Abélés e está quase tudo dito...

15.

Aliás, o problema mente-corpo pode ser visto de outra forma desde já sinteticamente: não é a arte que domestica a agressividade primária inata ao homem, sobretudo o moderno, mas o amor, mesmo no âmbito da sexualidade. Se tens qualidade de vida, melhor é o teu sexo, porém os africanos fazem-nos, na sua maioria, dentro de uma cabana de palha e sentem-se bem, não vai daí mal ao mundo, enquanto que a maioria da população europeia e americana tem todo um conjunto de artifícios para chegar, digamos, a um lugar de prazer, prazeroso, como se diz.

16.

A afetividade pode ter um caráter mais ou menos espiritual, como entre os hindus e aqui sigo Marcuse em *Eros e Civilização*, ou seja, é a industriiosidade, mais do que a troca comercial, que funda a exploração do sexo, dos sexos.

17.

Mas, hoje em dia, como é difícil manter esse equilíbrio corpo-mente! O homem hodierno tem exigências a preencher, nem que seja, se tivesse chegado a um lugar de poder, a responsabilidade de uma equipa, como um treinador de futebol, só para dar um exemplo, ou mesmo diretores de empresas, gestores, CEO's, ou seja, mesmo os políticos, precisam de vez em quando de esvaziar a mente, sentir a brisa da metafísica junto à praia, porque tabus todos os têm e o sexo para muitos o é, na medida em que é uma força que funciona nos subterrâneos da mente, para além do disparos constantes do cinema, da TV, da internet, a dizerem-nos para reagir ou então para ceder, consultar um médico e, por falta de orientação, lá vai o psiquiatra enriquecer com os seus clientes, que, na verdade, não têm tino e tento, olham mais para a realização pessoa, que é importante. Do que para a realização espiritual (Veja-se a este propósito vários títulos de Michel Onfray). O que é engraçado notar, na sociedade moderna, é que o sexo foi elevado a luxo e divertimento, negócio e até arte, do fazer, do ver, do saber fazer...

18.

Mas, o que comanda o corpo? A mente? O corpo comanda-se a si mesmo, ou o corpo comanda a mente? Remeto o leitor para o meu escrito O Dilema Carne-Espírito, donde tirei algumas ideias, na verdade são ideias que ainda estão na minha cabeça e que vão dentro dela fazendo eco, entre tabus e preconceitos, entre xamanismos e bruxarias diversas, ocidentais e orientais...

19.

Eu creio, aliás, que o homem é um eterno insatisfeito e defendo que é essa insatisfação, esse vão, que o leva mais adiante. Talvez só se sinta plenamente satisfeito numa outra vida, neste ou noutra planeta, a haver. Portanto, tudo o que podemos fazer por enquanto é viver, rezar um pouco, meditar e trabalhar, trabalhar muito nas mais diversas áreas de actuação da sociedade civil, da arte, da ciência, da

educação, da cultura. Indico a este propósito a obra do filósofo coreano Byung-Chul Han, *A Sociedade da Transparência*, que vou lendo nestes dias.

20.

Na verdade, a pequena percepção persegue-me e habituei-me a pensar como os hindus e os orientais, chineses, japoneses e a resistir, atacar quando tem de ser, quando o meu modo de vida está ameaçado. Na verdade, como disse a médica de família, não estou ofendendo ninguém. Talvez a mim próprio, um antropólogo não tem necessidades como os outros? Esta é a minha, encontrar a mulher perfeita que perdi na adolescência, na escola e, mais tarde, outra, na universidade. No fundo, tive eu mesmo muita culpa porque antes de mais não soube arriscar, não soube comprometer-me, mas não é tarde, amanhã saio de casa e entro de novo na cidade, sou EU e mais eu e mais ninguém, mas sou, portanto, também, como Theroux, nunca jamais moderno, como a prémio Nobel deste ano, etnólogo de mim-mesmo, porque analiso e recebo as influências do meu próprio interior, uma viscosidade aqui, um líquido a escorrer dali, e o meu corpo verga-se a isso, por isso tenho tanto barriga quanto uma ligeira corcunda...

21.

O que é, então, a essência da vida (humana, desde já), o halo, o espírito, o sopro de Iavé, a essência dos cristianismo (Fuerbach) é a relação interior-exterior, sendo que achamos que a alma, o conteúdo, é interior e o corpo exterior, ou seja, o invólucro que permeia as fissuras existenciais referentes a algo que se move, em várias direcções, obviamente dentro de uma caixa de ressonância e que, à medida que envelhecemos, acaba por se tornar obsoleta, sendo que certos espíritos têm o dom de compreender melhor, de aprender e por isso permanecem mais astutos e vivos. Veja-se a este propósito uma ou outra obra de Alain Kardec, o fundador do espiritismo, com grande audiência no Brasil. Mas tudo pode soçobrar de uma momento para o outro e, ao lado disso, como em África, pequenos milagres vão acontecendo, um miúdo que vem para a Europa estudar, pessoas que se matam entre outras que acabam de nascer, é assim o sortilégio invariado do mundo de hoje, cada vez mais milagroso, cada vez mais perigoso e preguiçoso...como eu...

22.

Se a mente, que não se vê, mente, é a tua ilusão privada, o corpo não mente, porque é visível, salta à vista. Mas...dirá ele alguma coisa da pessoa? Pouco dirá, julgamos, pois o espírito é o mais importante e não é antagónico ao corpo, são um complemento e razão do outro, porque é na concreção daquele, na sua imanência, que o homem se imortaliza, como se tivesse a todo o momento de regular esse difícil equilíbrio que ora faz ora desfaz as expectativas de felicidade. Portanto, a felicidade é esse equilíbrio, na relação mais ampla dos homens entre si, ou seja, na relação do ator com o ambiente e, no fundo, o Outro.

23.

Passa o tempo, a reflexão não vem o pânico instala-se nas hostes, leio um pouco de *A Ilíada* e também *O Fenómeno Humano*, de Teillard de Chardin. Tudo faz sentido, chove lá fora. No entanto, daqui a dois segundos, tudo fará pouco ou nenhum sentido, quando me abster de sonhos que tenho tido, porque me falta alma-gêmea. Um homem sonha, vê e confessa ter estado apenas com uma mulher, uma vez, durante este ano, isto dava um verdadeiro estudo sobre sexualidade digno do grande cultor norte-americano...

24.

“O que entra, sai,” - dizíamos no título deste ensaio. Essa abertura e fechamento é muito própria das abordagens de Claude Lévi-Strauss, que soube compreender a busca do índio da Amazónia pelo equilíbrio, que se apresenta de diversas formas tendo em causa o contexto cultural que só um trabalho de campo pode revelar, mas a busca não é cega, bom para o jovem antropólogo que pode viajar. Quanto a nós, ficamo-nos com as nossas teorias, porque já o fizemos em outro tempo, neste contexto português. Se foi bom, ou mau, não sabemos, não podemos dizer ou afirmá-lo peremptoriamente, dado que tudo depende, hoje em dia, de muitas variáveis, mas experimentamos um sentimento de abandono por parte da comunidade antropológica e filosófica, também, pelo que a vida continua que nós continuamos também, ainda que à nossa maneira, entre os nossos, ainda visitando a pequena aldeia que foi centro da nossa tese e a cidade à qual estamos habituados e da qual somos cidadão-pessoa. Porque há muitos sujeitos que pouco param por cá, deve ser da mentalidade moura que ainda nos está no sangue, quando não é fácil um parisiense adaptar-se, nos vários sentidos, quanto mais arranjar mulher, seja do bairro seja da periferia, portanto andamos de praia em praia, de seio em seio, como se fossem colinas (Fausto, Janita Salomé) na busca de um

corpo onde possa descansar o nosso desejo, caindo aqui e ali, mas sempre levantando a moral quando assim tem de ser e reconhecer o nosso erro a nós próprios, além da meditação, oração diária e exame de consciência antes de dormir, sobretudo se nos posicionarmos de barriga para cima...

25.

Sim, o antropólogo procura (melhor, encontra) soluções para problemas humanos, distintos dos do psicólogo, psiquiatra ou do sociólogo, mas os campos estão cada vez mais interdependentes e não somente através da proliferação de revistas interdisciplinares (ou transdisciplinares), mas também de outras que efectuam um transvase interno dos conteúdos de cada um dos ramos do saber, no âmbito das ciências sociais, como a Economia, a Geografia, a História, que cada vez mais equacionam esse eixo de acção que é a interdependência do sujeito com o mundo social, o grupo e a relação pivotal com a ideia de Deus, obviamente. Veja-se a este propósito o livro de Viktor Frankl, *Os Fundamentos da Moralidade*, porque os *moeurs* são os costumes, ou o costume, como dizia Kant e dizem os juristas, quando uma antropologia do direito faz cada vez mais sentido...

26.

Claro que todo o homem quer ser bem sucedido, ser protagonista de uma história importante, todos os seres humanos sentem isso, muitos esvaziam a sua consciência num ou noutro pormenor e não saem disso, como aqueles que sofre de TOC (ou POC ou OCD; em inglês). Há que ver que esta doença pode ter uma vantagem, para o sujeito e a própria sociedade, ele, sobretudo se for antropólogo, pode contribuir decisivamente na resolução de casos de criminologia. Mas pode também ser um grande artista pictórico, ou até digital, um gráfico de multimédia, portanto, há que ver esta e outras doenças relacionadas como não uma muleta, mas como uma alavanca. E, como é fácil fazer acelerar o Tempo? Como nós não o compreendemos! Ele devia ser o nosso Deus. Ele é, na verdade, o nosso Deus, o Deus da Igreja Católica e de outras confissões que vão pelo caminho.

27.

Quando eles estão distraídos, os teus inimigos, quando tu estás mesmo tu distraído de ti mesmo, Deus começa a trabalhar, para preparar e preparares o terreno para seres feliz, como diz a canção, Deus é para ti uma mulher, e não um homem, é a Santa Madre Igreja de todos os santos, a dona de toda a vida, aquela que garante que continues a tua caminha por essa Lisboa antiga e saudosa, onde se canta o fado não porque se gosta de sofrer, mas porque é tão somente uma forma de vida e porventura das mais elevadas...

28.

Na verdade, o homem de hoje está preocupado pela sua reputação, é o efeito em reverso do que vai fazendo no quotidiano, dos seus planos, da sua educação, quando vês um americano sem-abrigo no aeroporto alimentando-se de restos...

29.

Num próximo escrito equaciono a racionalidade ocidental, ao jeito de Raul Iturra, ou seja, são as ideias que fabricamos acerca da realidade que nos fazem prosseguir na tela do social e tudo depende, neste caso, da escola, ou seja, é na escola que os meninos aprendem a ser homens, só mais tarde decide se querem ser religiosos ou militares, ou aguentar mais uns anos e tirar uma licenciatura, embora com bastante sacrifício, porque hoje em dia, pelo menos em Portugal, as universidades são verdadeiras empresas. Mudança para bem ou para mal? Há um misto, pessoas, uma zona intermédia onde a universidade livre e aberta está bem viva, bem como em certos setores da sociedade, como os professores.

30.

E que dizer sobre a guerra? Toda a filosofia explode quando a ela relacionada, melhor, implode por si mesma, sem necessidade de ser artilhada ou armadilhada, cai por ela mesma mas o milagroso e mais notável é que se volta a erguer, como de resto a própria antropologia que a ela se relaciona...

31.

A memória de um tempo imediato, de uma ideia inata, de um tempo apriori, junta-se a uma outra em que o tempo esboroou o Ser, desgastou a mente e assim a miúda fica mais longe, afastada, recolhida em si mesma na sua mente e na sua TV, já que está a descansar, também estuda Filosofia e de quando em vez precisa de visitas para não se isolar do mundo. Manterás, assim, amanhã e depois, essa mania do status? Toda a gente gosta de se tornar importante, mas importante em quê? A que propósito, eis mais um desafio do humano entre si...

32.

Portanto, o debate entre mente e corpo pode também ser atravessado pela moral e pelo costume, ou seja, é na fracção de um tempo alargado, de longo termo, que o homem se reconhece a si mesmo como homem, mas também pelos flashes dos media que lhe vão incutindo na mente que precisa de reagir, tornar-se representativo socialmente, porque as sociedades não podem morrer, tal como as pessoas não podem morrer, a não ser que sejam eliminadas pelos mais diversos motivos que não somente a côr da pele, ou seja, a sociedade não pode morrer (Foucault), porque o grande fantasma é a morte do grupo, porque ele se identifica necessariamente, conaturalmente, com o grupo. Esse é um dos maiores medos do Homem, acabar com tudo isto.

33.

Na verdade, a bebida mais democrática é o café, muito apreciado em Hollywood e peça fundamental de muitos dos seus filmes. O café é mais convivialidade do que o vinho, que também o é mas de um modo mais rústico, que tem quer ver com *o terroir* da coisa. Depois, há o champanhe e a cerveja, muito apreciada na Alemanha mas também em Angola. Mas, lembro-me claramente do A. Imbombo, um jovem seminarista guineense que, vim a saber pela internet, já é padre ali mesmo na Guiné-Bissau, porque a quebra, nem que seja do tabu, faz-nos mais humanos, mais inocentes, ao invés do que acarretando a culpa do não-fazer, do deixar como está, do desculpar-se com os outros, quando o poder do indivíduo não reside no grupo, já que está só e lhe custa tremendamente levantar pela manhã, mas nele mesmo, diria até n'Ele Mesmo...

34.

Cada macaco no seu galho e que fazer acerca da criminalidade informática, que aumenta a olhos visto? Quando pensas que estás a ver uma coisa, alguém do outro lado, mesmo na Indonésia, pode estar sabotando toda a tua estrutura financeira. Por isso, deixas-te estar, nem tanto ao mar nem tanto à terra e optas por continuar a fazer o que estavas fazendo antes de chegar aqui, a estas palavras e conceitos, porque a algum lugar hás-de chegar, mesmo que seja a lugar algum, como diria Martin Heidegger...

CULPA O FILÓSOFO: COMO FAZER FILOSOFIA NO INCÓMODO EXISTENCIAL

Teoria

E-motion, **eletrónica movência**. Pretendemos sugerir que muito se espera do filósofo, que solucione os mais intrincados dilemas até da vida social, mas a moeda em um reverso, ou seja, o filósofo pode ser tido socialmente como uma bode expiatório de quem se quer livrar dessas situações. Se se pôs a jeito, não sabemos. Mas a sua acção tem esse duplo efeito, pela frente o Bem, por detrás o Mal.

Desenvolvimento

1.

O lócus existencial do filósofo é um lugar desagradável, cheio de fissuras e figuras assustados, pequenas percepções encravadas na memória e que geram um grande incómodo. Para ele, a vida é sempre desagradável, porque nada o contenta, muito menos a performance. Muito se espera dele, mas não se lhe dá grande atenção, portanto ela acaba por ser o bode expiatório de qualquer coisa da ordem do bizarro e até do patológico. Tudo corre bem por uns dias, quando almeja conhecer uma moça que o liberte da sua escravidão mental, mas, depois, acaba por projectar o seu olhar por imagens desagradáveis na internet. Bem, ao princípio são agradáveis, só que a culpa remói a sua alma e anda dias e dias até se consertam, até se contentar de novo com a vida e poder andar normalmente, igual aos seus semelhantes.

2.

Ele, o filósofo, julga estar perto de qualquer coisa após a abstinência, qualquer coisa que se vai acumulando na memória do mundo, mas logo, ante o acto, tudo se desfaz e altera, tudo se desmorona ele passa de santo a Diabo num piscar de olhos. E assim vai, procurando não erra de todo e lá cai mais uma vez no vão triste da existência e da comiseração, como se o mundo dele tivesse caído de um precipício...

3.

Sim, o seu mundo eivado de angústia acaba por influenciar os outros e vê-se sem-abrigo antes do tempo, por causa de um desejo mal intencionado, de um desejo transviado e pária da sociedade, ouvindo vozes e tudo e mais alguma coisa na caixa de ressonância que é o seu cérebro. Tudo isso o confunde, porque ele é puro e quer levar a sua vida por meio de certos princípios, mas por outra não consegue, ou por falta de apoio ou por ter um pensamento débil (Vattimo).

4.

Por vezes certas pessoas não percebem que a brejeirice, um pouco de sexo, é bastante saudável, estarão entretidos com carreiras, almejando o poder, enredados nos outros ou neles mesmos. De qualquer maneira, há um sentido de entretém ao longo dos dias que nos retira do extraordinário stress que temos sentido nos últimos anos. Estar ocupado, fazer alguma coisa, em vez de procrastinar. Como se o pensar fosse um sacrifício, por vezes e tivéssemos de dar à frente um espaço para se recriar fora de uma qualquer forma de moralidade.

5.

Por outro lado, a felicidade não tem de ser uma obrigação, porque senão torna-se oca, ela tem de ser resultado de um trabalho, de um investimento do espírito. Então, porquê a angústia das imagens pequenas percepções? É a nível neuronal que observamos os movimentos e as impressões da mente e ser filósofo ajuda-nos porque o bom filósofo policia a mente...

6.

Depois, o mito do eremita da Idade Média estudando filosofia na sua caverna, eivado de transcendência pouco preocupado com os pecados do corpo. Hoje em dia, o filósofo é diferente. Tem libido, aquela mesma libido do cientista de que falava Max Weber. E o que ele na caverna, o que produz no final da sua vida? Decerto preceitos de como a viveu, para que outros possam aprender um caminho diferente e obter respostas, nomeadamente os mais jovens.

7.

“O Homem sonha, a obra nasce”-dizia Fernando Pessoa. E quando ficamos sem sonhos? Ficamos ociosos, vazios e, além disso, temos de suportá-los, alimentá-los, geri-los, o que não é de todo fácil numa realidade que nos vem puxando para baixo e é complicado inventar, construir.

8.

O homem precisa de liberdade, de se libertar dos tabus, numa sociedade de sinais contrários face aos momentos da tua vida e de que forma a deves levar, conduzir, orientar. Não é fácil descortinar o que está bem e o que está errado, eticamente, sendo que se pode ser eticamente correto mesmo usufruindo das paixões, digamos entre uma esquerda cada vez mais radical e ecológica e uma direita cada vez mais fascista, eis o pêndulo que vai de um lado para o outro em termos das vontades políticas da nação.

9.

Mas há qualquer coisa que ainda não percebi realmente, ou seja, como podem a filosofia e a religião coadunar-se com os desejos, as paixões? Há certamente uma parte animal que nos leva de encontro ao outro, ao corpo do outro, mas a filosofia parece negar isso e, muito mais, a religião, ou seres, os prazeres animalescos do corpo. Mas...o espírito não está lá? Ou será um espírito selvagem? O filósofo dá-se conta de tudo isto e oscila a sua vontade, entre um e outro registo, não descansando enquanto não descobrir a verdade sobre este dilema, ou seja, será o seu próprio corpo enquanto bode expiatório que vai provar qualquer coisa em que o espírito duvida, está dividido...

10.

Portanto, se o espírito é o corpo, admitamos em termos de hipótese que o é, ele desmonta-se quando a moral está em baixo (literalmente) e tem de se reconstruir porque a moral tem que ver com o outro, mesmo na sua relação jocosa e de brejeirice. O que eu chamo de brejeirice vem do uso que lhe dava um colega que já faleceu, o Victor Domingues, ou seja, é uma forma de brincar sobre o sexo, as posições, as relações, as sexuais e as sociais e tenho-o empregado em vários dos meus escritos, de

uma forma ou de outra. Portanto, as relações são, para sugerir um outro termo, também relações, temos de cuidar dos outros para que cuidem de nós, para que não se apague da sua memória a nossa presença. È precisamente isso que o sexo desbragado faz, não a brejeirice, deixa-nos em baixo, sendo que é o Tempo que nos levanta, uma e outra vez mais...

12.

Aí, nesse memento, entra a noção de vão da existência, ou seja, o sujeito admite que está no vão de uma escada que os outros sobem e descem sucessivamente e está lá preso, como na caverna de Platão, num v (vê) invertido, que ele não vê, mas sente, ou seja, os seus sentidos estão além do que é equacionável, desfasados, gastos, macerados, como um computador velho (“a dar o berro”) que sabe se vai desligar um dia para sempre. Nada mais restará dele senão algumas memórias neste mundo, algumas lembranças junto daqueles que terá deixado para trás, o que é sinal de que está fazendo caminho, um outro caminho, simultaneamente numa fisicidade transcendental e na memória de nós mesmos, porque em sorte também nos vai calhar o mesmo um destes dias...

13.

Terá sido Bell a inventar o interruptor, não, foi Bird, diz-me agora a Wikipédia. Na verdade, o lastro existencial do tem que ver com um interruptor que se vai desligando a ponto e pouco, talvez associado a um temporizador, em que Deus traça aquilo que acontece, vai acontecendo nos nossos corpos e a ciência estuda e dissemina para uma audiência mais vasta, mais esclarecido, que se projecta mais nesta vida do que na outra, por ser laica, mas não só por isso, porque a ciência ajuda-nos a continuar o caminho, porque explica, dá razões, persiste e investiga e o ser humano precisa disso, de respostas, de expressões afirmativas da sua vontade de viver, porque vai sempre mais além, a caminho das estrelas onde decerto encontrará o próprio Deus que o criou.

14.

Por vezes estamos na mó de baixo e tudo nos parece desnecessário, inconsequente, incoerente, por isso temos a tendência para exagerar quando estamos mais bem dispostos, como se procurássemos um equilíbrio que teima em chegar, na verdade esse é um dos grandes desafios do ser espiritual, equilibrar as emoções e a razão na sua vida e talvez devêssemos ser, como povo, um pouco menos emocionais e algo mais racionais, não exagerando, claro, mas isso vai com o tempo e os intercâmbios de gente que sai, de gente que nos vem visitar, como os turistas, só para dar um exemplo.

15.

Um dia tudo vai abaixo, há dias assim, gostas de ver mulheres nuas em entrecurso, apanhando a carreira para uma boa disposição e depois arrependes-te porque és um tipo religioso, ainda para mais filósofo, mas tens as tuas necessidades e continuas a tentar encontrar a chave de tudo isso, permitindo-te não pôr esse peso em cima das costas de nenhuma mulher. Assim, aprendes umas coisas mínimas que são máximas com o Silvestre, não o dos desenhos animados, mas aquele gatinho que te faz companhia neste Inverno que está já a começar, porque vai chovendo bastante.

16.

A liberdade é o desejo íntimo mais próprio do homem, um homem preso, como um animal, enlouquece, precisa de conhecer novos ares, descobrir mundo, conquistar novos territórios e não estar preso entre quatro paredes, a custo da comida e do carinho do dono que, muitas vezes o maltrata, são vítimas silenciadas, silenciosas, numa violência talvez equivalente à que se faz e pratica para com mulheres vítimas de violência doméstica.

17.

O que há de comum, então, entre Kierkegaard e Marshal Sahlins? A economia do desejo, que conduz à economia do pensamento, ou seja, a maneira como o sujeito se entrecruza com outros actores sociais no âmbito da tela, do ecrã, do palco da vida social. Por isso sempre admirei a sociologia e podia ter sido sociólogo, mas tinha feito teologia e a antropologia estava mais perto desta do que daquela, mas a filosofia sempre me acompanhou e fui tendo bastante peso em cima das costas, quer enquanto

antropólogo como filósofo, alguma frustração, é certo, devido a várias coisa, fundamentalmente por não ter uma vida como a dos outros, que todos consideram normal e eu acho banal, pois perfeito as letras e estudar, levar o meu caminho e ter, como Kant disse, um pensamento autónomo face à realidade social...

18.

E o que há de comum entre Sartre e Franz Boas? Talvez no valor conferido ao objecto exterior ao sujeito, porque também há o objecto interior, esse incómodo mental, seja atrás seja à frente do peito humano, numa parangona estelas de órbitas visuais dourado pelo ouro de um atleta como Lénine ou pimenta nos Olímpicos e aí reside a diferença, o diferente é tomado como idêntico porque, precisamente, nunca foi idêntico em sim para em função do Outro, *para* o Outro.

19.

Mas. vamos a ver, como, antes de mais, cria o homem necessidades? Parece que é equivalente a vida moderna à arcaica, ou seja, dantes, nos primórdios do aparecimento do Homem, as necessidades eram básica, porque o conjunto da vida, o *ensemble*, o contexto era outro e tinha as suas especificidades. Foi o desenvolvimento da inteligência, articulada com objectos de uso, que levou o homem mais adiante, criando sempre novas necessidades, a de conforto, qualidade de vida, status, competição cada vez mais feroz, etc, etc. mas, neste sentido, os contrários unem-se, o Homem mudou, mas no fundo da cultura, da sua cultura evolutiva no tempo, é o mesmo. Por isso a pertinência não só de uma filosofia, mas também de uma etologia ou antropologia biológica que não vai nada contra a social.

20.

Na nossa sociedade, o *gossip* abunda, ou seja, vem e pára na bunda, quem dá sinal de si e fala outro é motivo de troça. Mesmo eu, enquanto antropólogo, neste terreno eventual que é a cidade de Lisboa, tenho tido grandes desilusões, têm-me chamado de tudo, desde chulo a emplastro, passando por preguiçoso e tarado. Mas vai-se aguentando, faz parte, costuma dizer o meu irmão. E eu aceito tudo isso, mesmo que pareça violento quando chegamos a casa e só te encontrar contigo mesmo...o que não é,

bem vistas as coisa sob um certo aspecto fenomenológico, assim tão mau, como diz a canção...

21.

Tirar os auscultadores e ouvir os sons do Metro, os movimentos da gente indiferente à tua presença, mesmo que ainda sejas um homem bonito e ao contrário de Sartre, não usas de muito palavreado porque, afinal, não te pediram para falares e das últimas vezes que o fizeste, foste mal entendido. Por isso, esperas pacientemente a tua vez e dás graças ao tipo lá do Céu por estares vivo e ainda fazeres parte de algo, que não sabes bem o que é, mas que se vai definindo na tua mente, em poucos dias saberás o que é na verdade essa coisa, se é uma ideia, um conceito, ou se ao contrário, é uma pessoa...

22.

Estás agora dentro do filme de Jack Ersgard, *Risco*, já lá estiveste antes, mas voltaste hoje para lá. Entras na cidade e lembras-te de Lévi-Bruhl ("A Mão") e também da música do Afonso Luxúria Canibal, dos "Mão Morta", se não tivesses dedos, escreverias com os pés, com a testa, como Stephen Hawking? E o Super Homem, não ficou paraplégico? Ao mesmo não andas de carro e de *Dune* até *Estrada Perdida* e *Mulohland Drive* vai um bom caminho, por isso não tomas as coisas como garantidas nem as deixas escapar, agarra-las com as duas mãos como se fosse uma taça do teu sangue, como se estivesses à beira mal curando as tuas maleitas do espírito, agregado a uma certa maneira de ver como a de Pedro Abruñhosa...

23.

Assim, seguindo Hans Jonas, podemos dizer que o Outro é o respeito, a moralidade, a liberdade, onde acaba a minha começa a do outro e é nesse entrelaçamento que se desenvolvem e articulam as mónadas que podem ser os seres humanos, não sei bem até que ponto Leibniz tinha noção disso.

24.

Mas, quem será, na verdade, o filósofo? Apenas um homem? Isso é bastante vago...Será apenas e só apenas um racionalista inveterado, sobretudo se for europeu, por exemplo, alemão? Não tem sensações como os outros? Não há muito lixo e perversão no seu pensamento, como no de outros? Porquê tanto espanto com o filósofo e ao mesmo tempo tanta discriminação? Aliás, direi mais, porque o deixam só, se tanto o admiram? Ele ainda é novo para fazer um testamento, seja legal ou filosófico. Mas...já o fez, seguindo Jean Guittton...

25.

Estás aqui, não és quem pensas, pelo menos para os outros. Não te conheces assim tão bem, senão não estarias só. Mas...estarás só, não apenas em termos de pensamento? As tuas imagens mentais (imago) vão-se sucedendo no palco que é a tua mente. E, de resto, como definirias a mente, a tua mente, sabes que os outros também têm uma, ou se calhar, às tantas, não têm mente, será que ela mente a todo o momento no passar da passagem do tempo, numa estação de Metro onde não há ninguém senão tu e apenas o maquinista das várias composições? Não terás, já há muito tempo, algures durante a tua breve existência, apanhado o comboio errado? Não terias d éter esperado por aquele que vinha à hora certa, à hora programadas? Não apanhaste comboio a mais? E, depois, em que estação de devias ter apeado? Naquela onde decorria o concerto dos Jungle?...

26.

Procuras uma palavra chave para que possas continuar a tua argumentação, sobre o peso que o filósofo tem às costas que, de tanto amar esta vida, não se quer despegar dela, por isso a pensa com o seu cérebro, andando de um lado para o outro Rousseau, (*As Insónias do Pensador Solitário*). Sim, estás à espera de uma correspondência (da realidade) e encontraste-a (*we have a match*), é no vagar do tempo que descobres o teu medo, o teu máximo medo face à vida e seus próximos temas, ou seja, antes de mais, o teu medo terrífico de te comprometeres com alguma coisa, mesmo com as mulheres. E que fazes a partir daí, com isso? Bebes, fumas, vês filmes. Mas odeias telenovelas. É estranho e entranhas tudo isso, poluindo o teu cérebro de imagens desvairadas, animais, calcinadas pelo peso da moralidade atávica que ainda te habita...

27.

És, portanto, da direita e da esquerda e quando às pessoas, admiram-te tanto que só falta cuspirem em cima de ti quer porque não tens o que eles têm, porque não és o que eles querem que tu sejas, isto pode parecer patológico, mas não é apenas a tua mãe e o teu pai, mas as pessoas, são as pessoas que ao mesmo tempo em que te intrigam, te apaixonam, porque tentas agradar, porque és um funcionário tanto da humanidade quanto da comunidade. Veja-se a este propósito, a obra de Zygmunt Bauman, precisamente “Comunidade” que, de resto, está mencionado como sociólogo, portanto, mais algum motivo para fazer sociologia, nem que seja sociobiologia...

28.

Mas, então, o que move o homem de hoje, não será o mesmo, as mesmas coisas, que o moviam na antiguidade grega? Na verdade, estamos em democracia...mas temos os media bastante mais desenvolvidos e a este propósito tanto cabe chamar, convocar, Mircea Eliade como Edgar Morin, ou seja, há um eterno retorno do mesmo que afecta o homem moderno, mas isso já Nietzsche o previa, assim, como Margaret Mead depois de trabalho de campo na Polinésia Francesa, ou seja, somos ora apolíneos ora dionisíacos, mas somos mais, somos narcísicos e isso foi-nos dado pelo desenvolvimento industrial, primeiro e, depois, com a explosão da tecnologia na mente do homem do século XX. Andamos em eterno retorno, damos voltas e mais voltas, como o cãozinho na sua casota, em cima da manta, antes de nos sentarmos realmente sobre aquilo que somos em essência...

29.

E repetimos isso vezes sem contas, sem parar, como num *ritornello*, como já disse antes, como uma rotina, sai de casa, trabalho, entra em casa, vai dormir depois de cuidar das crianças, volta a casa, vai dormir de novo... na verdade, não há saída, nem sequer para as necessidades, somos feitos à pressão e, por estranho que possa parecer, é a rotina que é causa de nossa episódica felicidade, que perseguimos dias e dias vezes sem conta, a todo o momento, respirando, sufocando, esganando a nossa própria liberdade, até um dia em que ora explodimos ora implodimos, daí o binómio da tragédia que Nietzsche analisou, ou seja, o oposto do contrário, a tragédia e a comédia. Ficou tudo dito na antiguidade grega e nós, sobretudo o Nós-América, reproduz essa matriz tipográfica inicial, ideal...

30.

É agreste a vida do filósofo nestes tempos conturbados, pós-Covid, com a guerra da Ucrânia e mais uma crise económica a caminho. Quando estará perfeito o mundo, ao invés de apenas no Norte da Europa, porque os EUA já não contam (sobretudo face ao novo poderio da China), há algures no âmago do Homem essa fórmula da uma hipotética Perfeição do Mundo? Ou estamos num caminho de autodestruição, com cada vez mais ameaças de bomba atómica, como é o caso da Coreia do Norte?

31.

Para onde caminha, realmente o homem? Porque há vários sentidos, várias posições no âmbito de uma atitude existencial, virada para a vida em termos tendencialmente fatalistas, com tudo isto do fado, do ideal português esquecido de alastrar a fé e o império, que não era somente o nosso império, mas o império de toda a cristandade...

32.

Na verdade, creio que Anselm Jappe (Teoria do Valor) terá sugestionado em mim uma certa ideia de valor que, tem, desde Frankl, absolutamente que ver com a moral, a ética, o costume, não uma coisa cinzenta, mas colorida, como um arco-íris que precisa de sol e chuva para aparecer, portanto, dois elementos tão antigos quanto o Homem...

33.

A solidão em que o homem está, mesmo Pensador, tem que ver com a doença. O homem de hoje está doente, seja por excesso de coisas, seja por defeito de coisas, ou seja, ele se preocupa mais com o ter do que com o ser, operou-se na verdade em termos civilizacionais o seguinte processo: o conceito de ter sobrepôs-se ao conceito de Ser, portanto o Homem está à deriva, deriva de sentimentos, de razões mais ou menos enamoradas, deriva do corpo que se despedaça no excesso do desejo e da posse do Outro, antes de mais o corpo do Outro, que é território que eu devo conquistar, primeiro, guardar e proteger depois, por isso ele está à minha mercê, o que equivale a dizer que é, numa palavra, tráfico humano, perda total da liberdade por parte das mulheres, que embarcaram de olhos vendados numa relação contratual e dela precisam devido a uma certa imagem e atitude física e social de altruísmo (*O Altruísmo*

e a Moral, de Alberoni), de posse que me põe louco, dessa necessidade de mostrar que posso ser pai e e pai de família, tal como os Big Men, ter e tirar prestígio e representação social a partir desses dados (factos sociais, segundo Durkheim) e dessas condições, que são as condições em que vivo...

34.

O destino do Homem, cruza-se, antes de mais, com o destino da relação entre sujeito e grupo, entre Eu e Mundo, mas nem sempre foi assim, as coisas estão a clarificar-se mais à medida que a ciência (a social também), avança no conhecimento do homem e das sociedades, dos contextos, por mais ínfimos que seja, pode ser até o meu trabalho em fazer um café á mão porque as cápsulas para o de máquina ainda estão caras. Portanto, tudo indica que é o consumidor, o que chamamos de população, que tudo decido, ("O Preço Certo") e que os intelectuais venham cada vez mais a ter menos poder, ou seja, é o magma social anódino e não o crítico que processa as mudanças na mente do homem, não tanto o iluminado ou eremita, que apenas quer estar em paz consigo mesmo, vivendo das memórias de um tempo estelar...

“

Quem nasce torto: de como fanatismo não é argumento

1. ENTRETIEN

Na verdade, interrogamo-nos com o que é certo, direito, e o que é torto, errado, tal como nos interrogamos com o que é Bem/Bom, Errado/Mau. No meu trânsito mental, nunca mais esqueci as botas da psiquiatra, na consulta que acabou por me deixar quase inanimado no Lorval e percebi também, porque, apesar da minha tragédia pessoal, a televisão continuava acesa, como uma cidade que nunca dorme. Aprendi a dar pouca importância a mim mesmo e a certos pensamentos e proliferações da mente, porque afinal a mente também mente, é preciso trabalhá-la bem por baixo, como a uma mulher. Pouca importância não é indignidade e o sexo nada retira a isso, é um divertimento, um *entretien*, como dizem os franceses, algo que nos faz viver a vida da melhor maneira, pegar pelo lado luminoso a vida, já que ela é tão curta.

O que é religioso é certo? Para um anarca comunista não o é, embora respeite a religião. Para este, o homem substitui Deus, mas não o religioso, pois pode ser espiritual, um Ser que adivinha nas estrelas a sua sorte. Para muitos, ficar na aldeia ou na cidade de origem pode ser ocasião de prestígio social, ligado a uma certa “imanência do *terroir*”, pode dizer-se. Para outros, viajar é o supremo bem e têm horror à “terra”, à localização e deambulação do desejo... Terra, como se o espaço de fora da cidade fosse aquático, mais, aéreo...

2. O MUNDO COMO DOENÇA MENTAL

A nossa percepção do mundo é enviesada como a de um gato que troca a vista, pois sabes que aqueles heterónimos ortodoxos acabam por se estatelar contra uma parede ou na estrada. Mas não nos desviemos do objectivo deste artigo...

Depois, vais fazendo escolhas: ver a América uma vez, para ir, voltar e contar, ou ver a realidade, que é tua, sucessivas vezes e ousar seres feliz... Digamos que a filosofia pode explicar bem o conflito entre o desvio e a norma, ou seja, o que é certo e o que é errado, muitos andam obcecados, quase religiosamente, pelo certo, enquanto outros persistem teimosamente no errado, tudo dependendo do contexto e da veiculação de sentido, o que é certo durante muito tempo pode bem parecer errado...

No fundo, andas toda uma vida à procura da felicidade, sendo que actualmente é coisa rara, uns têm outros não, tudo dependendo da representação social, mais uma vez, reitera-se o prognóstico de Margaret Mead e Clifford Geertz e dos antropólogos em geral, a felicidade é qualquer coisa de social (em nós)...

O homem em função e seguro do seu destino é o homem feliz, como o índio, bem depois dos colonizadores canossianos, ou seja, há na manutenção de uma certa reiteração do costume uma forma de preservar um estado de coisas mais ou menos mentais, ou seja, ser-se feliz com pouco porque, afinal se tem tudo, mesmo que a racionalidade subvertora se disfarce de irracionalidade, entre sonhos e humidificações do peito, entre letras e exalações...

O mundo, então, como doença mental, ou seja, uma coisa a ser levado com cuidado (porque há o Outro e respeitando és respeitado: *handle with care*, dizem os ingleses no aeroporto.

3. A LEGITIMAÇÃO SIMBÓLICA

Muitos são conduzidos por um certo espírito da vida, enquanto o filósofo se articula entre um discurso da morte e da vida, como nas pequenas mortes, por isso pouco atreito ao que é avesso e direito, leva a sua em diante como Arthur Conan Doyle... Muitos têm um certo espírito do desejo que eu próprio, o grande teórico do desejo inacabado, chego mesmo a admirar. Todo o homem quer ser herói, pelo direito ou pelo avesso, ou seja, herói civilizador...quem não sonhou ter todas as mulheres de uma cidade só para si? Primeiro, teria de ter conquistado a cidade e quando chegas a conquistar a cidade, sendo rei ou peão, acabas por perder a virilidade, mas esse é o sortilégio da vida na cidade, diferente na da aldeia, onde é mais fácil acertar, o bom é ser-se bom na cidade, isso traz-te todo o prestígio da aldeia e da cidade juntas. E um montão de inimigos, mas ainda bem, mais vale tê-lo na terra do que no céu.

De certo modo, aquilo a que chamo de “legitimação simbólica” está mais próxima do Outro, da felicidade, pois esta advém certamente de uma certa abdicação de algo, de um bem, ainda que material. Na verdade, a verdadeira felicidade está não na própria felicidade, i.e., no poder, mas na felicidade do Outro. Por isso os religiosos, na sua grande parte, são tão felizes, eles vivem, como anjos, para fazer felizes os outros e foi isso que sempre me atraiu na vida religiosa, onde fui verdadeiramente feliz, apesar de a minha sexualidade estar explodindo por essa altura...

4. ESCRAVOS DO *TERROIR*

Porquê uma apologia da viagem? Porquê uma escravidão do *terroir*, supondo que todos querem “viajar”?

Pois, reconheço que há uma certa liberdade na manutenção dos costumes, na metafísica desses costumes, mas é a viagem, “liberdade livre” (Ramos Rosa), que cria os costumes.

Depois, a mulher, que raramente acedeu ao poder (nos contextos histórico-políticos, etnográficos), disseminou o seu desejo, não mais o pretende unificar, concentrar num só homem, ela tem como que uma extensão do desejo fora-de-si, adstrita à menta, ou seja, deseja aquele homem apenas porque o pode manipular enquanto *réseau* de poder, ou seja, na verdade o poder é da mulher e não do homem, sempre o fio ao longo da história, um poder subterrâneo como as suas entranhas, limpas ou lavadas...E é o homem que vai ligar essa extensão à ficha, iluminá-la, então, de forma a que o conjunto, o *ensemble*, funcione bem, socialmente, reproduzindo o padrão social da união dos corpos e mentes...

Criou-se a ideia de que “ninguém vai ligar, que ninguém vai dar importância”, mesmo após a nossa morte, por isso podemos fazer o que quisermos. Isto é notório entre os jovens, mas esse mito foram os pais dos anos oitenta que os criaram, quase sem valores, numa religiosidade demasiado piegas ou mimosa, pouco comprometida com o Bem Social, pouco crítica. Por isso, se me lembro de Braga, lembro-me também dos livros de Nietzsche que comprei na Feira do Livro do Porto. Já então...

5. BRAD PITT

Norma e desvio, o que seguir, a voz do sangue, da descendência, da antropologia, o apelo da viagem, do mundo através do qual se podem fazer irmãos, da aventure de se descobrir além do outro, no comércio, nos carris que se perdem de vista? Ficar ou ir, mesmo que Nova Iorque seja difícil de compreender para a mente de um português da beira? És feliz quando combinas a intenção com a progressão, ou seja, quando és sábio e ao mesmo tempo velho e carcomido, usado, quando és criança velha e ao mesmo tempo recém-nascido, como Benjamin Boton, com Brad Pitt...E, então, chegam as

saudades de ler e voltas a folhear Moilère, Boris Vian, Michel Serres... Depois, descobres que és sempre um estrangeiro, de aldeia para aldeia, de nação para nação e nem tudo depende da língua falada ou articulada, depende da tua mente, sendo que quando tens dores de cabeça mais vale tomar um banho de água fria e desfumar um cigarro...

O que a América quer é sobretudo, perder o seu poder. Aí, serão enviados eremitas e monges para Nova Iorque e muitas mulheres passarão muito tempo sem sexo, mais santas, mais felizes, eis o desvio, eis o guilho da mente que a suicida.

O seu sucesso, o da América é a prova da especulação, assim, palco para os mais derradeiros filósofos e esboços filosóficos sobre coisa nenhuma, ou seja, sobre um item de um cabelo desviado, encontrado, de Marilyn Monroe ou Elvis Presley... Bradd Pitt é o exemplo dessa prova, ou seja, do Cristo que não é somente sobrenatural, é um Deus que se pode concretizar enquanto Homem, género humano, donde provém, aliás, ou seja, por isso é Deus, o verdadeiro Deus, como Maomé e Krihsna, ou seja ainda, o desejo, por mais selvagem que seja, pode materializar-se, ou seja, é isso que assusta o homem, pois no seu afã de felicidade ele vive na espera, por isso também o português é feliz, diferentemente, em termos etnográficos, do francês e, embora em menos grau, do espanhol e, em maior

grau, do brasileiro e do americano...

6. UMA GESTÃO DO DESEJO

Como já provei há alguns anos, na aldeia, a gestão da economia libidinal conduz ao êxito no grupo, mas também além dele, enquanto aceitação e salvo-conduto, ou seja, é por seres reconhecido na gestão do teu dinheiro que és considerado apto a casares com uma moça da terra. E isso, além do boato, ainda toma forma num contexto lisboeta. Pode-se dizer, então, que Lisboa ainda é uma aldeia? De certo modo é, regulada pelos media, como o país o é e ainda que muitos turistas venham pelo sol e boa comida, ficam sem perceber verdadeiramente, como nos regemos, porque vêm de fora para dentro, ao invés de nós, que vemos de dentro para fora. Mas isso acontece com todos os povos e etnias, ninguém consegue facilmente deitar fora os preceitos culturais herdadas, nem é muito saudável, do ponto de vista psicológico e de bem-estar, que o faça. Assim, a felicidade, uma certa forma de felicidade, advém da retenção, da negação (de um estado de felicidade, até), não sendo masoquista, de uma reiteração do "lugar-aqui", em vez do "lugar ali", como diria Heidegger. Mas, de

entre os turistas, os franceses compreenderão, pois estão habituados ao garrafão de vinho e ao presunto, bem lá no meio da cidade de Paris...

Assim, a arqueologia continua a apaixonar-nos e a par dela a antropologia social, a britânica e a francesa, ou seja, elas são um punção no tempo, uma no tempo efectivamente histórico, pelas ruínas e escavações, outra pelo tempo presente sobre sociedade que, de alguma maneira, pararam no tempo.

Portanto, voltando um pouco o filme atrás, tanto o padre, a Igreja, quanto o debochado, têm a sua razão. Se procuras o desejo ele não te encontra, ou seja, não te encontra tu com ele, porque o desejo não é planear, mas ser surpreendido, é tão bom estar sem sexo do que estar com ela a todo o tempo, sendo que ambas as posições acabam por fartar a quem não é estúpido e procura uma coisa verdadeiramente magnânima na vida, na sua existência, no seu caminho, de cá para lá, de lá para lá, repetindo os mesmos movimentos a todo o tempo, sem desvio, sem normal, como um *ritornello*, como numa Medina, em que o tempo tudo trará, e quando a felicidade é bem raro e deve ser construída e assim que o seja favoravelmente, logo se irá embora bater a outra porta, eis o sortilégio do Ser, mais, do Ser humano...

7. UMA ECONOMIA DA EXALTAÇÃO

Por isso, os machos alfa e *big-men* estão fora de modo, porque procuram uma certa forma de compromisso que é virtualmente impossível, diria até etnograficamente impossível, ou seja, a vertente do compromisso exige que a mulher se entregue, não que seja o homem a procurá-la e a insistir, sob certas condições. Mas isso é apanágio daquele...como tinha razão Claude Lévi-Strauss, poucos ousam dar razão ao seu pensamento, mas enfim, a sociedade vive sob uma certa forma de engano que perpetua, de certo modo, o esforço de clarificação e desenvolvimento de muitos antropólogos e sociólogos, de geógrafos, filósofos, escritores, como a mais recente Prémio Nobel...

Talvez o certo esteja na exata noção de encontrar um amor romântico, mesmo que *queer* ou LGBT, ou seja, o par ideal, a alma gémea. Enquanto isso, vais fazendo e oscilando entre um economia do desejo e outra economia, uma da exaltação... E muitos se tornarão teus inimigos por tentares, por ousares conseguir...Por isso se lê que nem todo o romancista talentoso é o mais conhecido, ou seja, muita transpiração acaba por cair em desuso, quando há uma bajulação do Outro, em vez de respeito por

ele mesmo, ou seja, uma tentativa de ser o Outro e não ele mesmo, em todas as suas manifestações e exaltações...

8. À TOA

Assim, o filósofo anda à toa, sem saber o que está certo e o que está errado e nem por isso se dá bem com o cientista social, que sabe tudo mas é infeliz, porque o mundo pouco feliz o insatisfaz, pois procura respostas imediatas que advêm do seu saber e nada mais quer saber, quando, na realidade, elas gostam é dos astronautas e dos actores, mais ou menos suicidas como são porque não têm tino, tendo e acham que a provação do mundo é directamente proporcional ao desejo de fama e realização mais ou menos sexual. Mas...isto não é como na tropa, parques são aqueles que trabalham insistindo no que é certo, muitos vão, a vários ritmos e ocasiões, pelo errado, o desvio, seja porque lhes dá prazer seja para ridicularizar aqueles que são atinados...

Então, neste sentido, o que pode substituir, mesmo em termos psicanalíticos, o desejo de respeitabilidade? A *jouissance*? O desejo de desvio, de divertimento, seja porque querem castigar nossos pais e dar-mos a mensagem de que não fizeram *bem* o seu trabalho? Ou será porque estamos em crise e o mundo (nós, no mundo) se está a alterar e (estamos, sentados ou a correr) num mundo que cada vez mais nos finta, que cada vez mais toma a honestidade como algo mediático, partilhável, quando o seu carácter expansivo não deveria advir da imagem, dos bits, mas da mensagem em si mesma, ou seja, a solidariedade e o bem são contagiantes quando, em certa medida, não se favorece os eu contágio, ou seja, o Bem esgota-se a si mesmo ali e aqui, cumpre-se a si mesmo e, não sabemos como, propaga-se sem percebermos, sem nos apercebermos... Assim, andamos à toa, respirando ao menos e fazendo sentido, como uma história de bons costumes...

9. A BORLA

Assim, há mais um sentido do momento, do que um sentido do currículo, da honestidade. Ou a honestidade tem outra forma, aquela que o Tic-Toc lhe dá...Por isso chama autistas a certas pessoas... Enquanto uns pensam que Eros tem razão, a razão das suas lágrimas, diria Bataille, outros pensam que tudo isto, o que acontece (Husserl) tem a ver com uma certa manifestação das consequência sociais do capitalismo, *at large*, da sociedade liberal e da liberdade num sentido lato, segundo Marcuse ou Lyotard ou Freud até. Ou seja, estamos todos mais ou menos mal iluminados por uma certa ideia de América que, no fundo, é feita pelos programadores de televisão, de resto, como em Portugal. E quem são essas pessoas? Pessoas próximas do poder, económico, laico, profano, simbólico, mundano e, por mais estranho que nos possa parecer, a Igreja venera-os, porque simplesmente não é espaço de liberdade antes de mais sexual...

Assim, o bom filósofo deixa de ser um autoreferenciador aos autores, a grande parte homens, machistas e patriarcais e abre-se todo o um campo para as mulheres filósofas, ou seja, para a gestão que elas fazem dos seus amores e sobretudo do ser mãe. O momento é o mais importante, diria Pedro Abrunhosa, porque é nele que se finca a eternidade, ou seja, os autores passam a ser apoio para novas teorias, para novas formas de Ser e ver a realidade, sem que o sujeito se funda em tudo isso, a partir disso, admitindo uma boa filosofia checa ou húngara, ao lado da finlandesa e da norueguesa, sem esquecer de resto já aquela que é filosofia porque é antropologia social e cultural, a africana...

Assim, o filósofo tem um cérebro repartido em dois, dois sentidos, duas formas de pensar, os psicólogos e psiquiatras dizem que é dupla personalidade, como me diz o meu irmão, a vida e a continuidade, ou seja, a defesa da vida, está numa guerra de palavras e não de actos, aliás, como na tourada, é aí que o homem aprende a ser pacífico e a domar os seus demónios, coisa que os miúdos do PAN ainda não perceberam...

Eis, então, a ditadura das minorias, como acontece nos Estados Unidos, ou seja, defender os direitos humanos com a máxima violência e proteccionismo, na Iberia faz-se bem melhor, por isso os ingleses e os noruegueses nos compreendem tão bem...

Há pessoas (serão pessoas?) que andam toda uma vida com os mesmos sistemas, maneiras de pensar...isso não agrada a Deus, Ele gosta que tenhamos prazer e o sexo é belo, bonito, é coisa que dá entusiasmo fazer, talvez a única coisa que faz a vida, a biografia, a existência (no sentido de Sartre e Virgílio Ferreira), valer a pena, ter sentido, o sentido que lhe dá a união dos actos, a união, pois, dos factos de sentirmos desejo um pelo outro, não advindo nada de poder a propósito disso, ou senão, quanto baste, uma outra forma de poder, talvez mais transcendente, carnal, divino porque

imane. Acredito que Jesus passaria cartão a estas minhas palavras pouco científicas...

Aí, a certo ponto, percebi que este actor social tinha inteligência a mais, por isso não verbalizava facilmente o seu desejo, o seu pensamento. Por isso lhe chamavam de autista, de esquizofrénico, de deficiente. Mas o pensamento continuava lá, a genialidade, não pensar o momento, mas desviar como Derrida havia feito, ou seja, fazer um *twist* da obsessão para a progressividade, deixar de ser grego e passar a ser português por admiração da América, não deixando de ser francês. Muitos haviam de fazer isto e ganhar alguma coisa com isto, nem que fosse saúde, porque este bem-estar e felicidade se ganham com muitos anos de experiência, muitas tentativas e muitos falhanços, como a seleção...

Portanto, voltamos à questão de Ricoeur, em *A Crítica e a Convicção*, nada é sagrado senão o teu coração, como diria Simone Weil em *A Metáfora do Coração*... Portanto, a meu ver, sonho há longo tempo por construir pontes entra a antropologia social, logo a sociologia, e a filosofia e creio que já, em sonhos, tenha feito algumas, e não sou engenheiro. Corremos para chegar à barriga da mãe, mesmo dando umas quantas voltas e ziguezagues, eis como jogamos à bola e corremos, no mínimo jogging e assim se define a nossa vida, entre futebol e uma cerveja nacional Super-Bock...

Conclusão

Então, há uma narrativa recorrente da heterogeneidade que é ortodoxia, ou seja, que construi pontes e conduz comboios, na medida em que reitera uma lógica que tem a ver com a produção e reprodução do semelhante, na figura dos filhos, o que torna o mundo definitivamente um lugar mais chato e cinzento. È a diferença que lhe traz luz e cor, ou seja, é tão meritório ser celibatário e não ter filhos quanto ter uma rebanhada deles, só para porfiar em termos social, quando aí o corpo se desagrega da alma no estertor, quando eu vejo mais filhos e beleza ao olhar apenas para o meu gatinho em todas as suas aventuras num espaço definitivamente mais ínfimo e peculiar do que aquele jardim americano das crianças brincando...

Mens Sana: de como a moral cristã separou o desejo da mente

Resumo

O que é a mente são, em transição ou definitivamente? Terá a moral cristão, se ainda se fala disso, separado a mente do corpo, para melhor a analisar, para melhor o analisar? É a mente corpo? Quem manda na mente? O corpo? E quem manda no corpo, o corpo? E qual a ação do tempo neste binómio? Serão este binómios que tentaremos aqui e agora analisar.

Desenvolvimento

1. A MORAL CRISTÃ

Terá sido, aventamos como hipótese, a moral cristão que separou a mente ocidental do corpo ocidental? Porque fomos influenciados pelo Oriente? E porque, ainda assim, a mente ocidental continua sendo quase exclusivamente utilitária? Porque tem tanto sucesso o capitalismo, em todas as suas variantes? Gostamos certamente de dar porrada no saco da moral cristão, é mister, quase politicamente correto, mas esta possui em si, no seu âmago ou crisol, a solução para uma forma de vida mais ou menos feliz, delirante até, o que é bastante satisfatório, estranhamente até +ara o corpo, pois ela o disciplinou em favor da ordem social mais ou menos conveniente aos fins da raça...

Somos atraídos por esse espírito, mas também pelos prazeres do corpo, então como conciliar uma e outra, como articular mente e corpo em função da mente e do corpo social, da inteligência do social?

2. QUANDO NA MISSA, DE JOELHOS

O que acontece quando entramos na Igreja? Entramos certamente em transe e apercebemo-nos do descuido, do desvio, é preciso recorrer ao Cristo para voltares à coisa certa, ao caminho conveniente de ti mesmo, porque conveniente para o teu grupo e a tua sociedade, em detrimento de uma visão mais ou menos conspirativa do mundo e sua ação sobre a mente... Sim, no interior da Igreja estamos em transe, porque há uma ideia superior a nós, que paira sobre a nossa mente e que, na consistência da sua imagem, não mente...

Felizmente aprendemos a ser revolucionários, procurando uma ou outra forma de inspiração, mais ou menos filosófica. Por isso tenho como projeto de pós doutoramento uma análise filoantropológica de uma publicação história entre nós, o Guarda-Rios, para analisar esse confronto entre uma certa primitividade, o tradicional, rural, vão, e o utilitário e citadino, entre os prédios... Por isso continuo a ouvir Penguin Café...

3. THE BODY SPIRIT-O CORPO ESPIRITUAL

A ideia muito cristã do corpo como templo...como pôde conviver ao longo dos últimos séculos com a ideia profana de exploração do homem pelo homem, de um socialismo científico, do laicismo? Um dos poucos a fazer bem este ponto, foi, de um modo absolutamente pervasivo e socialmente influente, Mário Soares. Assistimos, então, a um *clash* dos critérios, a muitas perdas, para a sanidade pública e pessoal de muito boa gente. Terá sido, então, permitido isso, em nome da liberdade individual, de um liberalismo definitivamente da disposição do corpo no espaço público, o que Nélia Dias disse ser uma sociedade de autópsia mútua, embora num contexto de museologia etnográfica? O *clash* é civilizacional, defendo, é o corpo Ser pessoal tripartido, ou seja, a parte de cima do corpo tripartida em mente-espírito-cérebro, quando nos esquecemos da alma, do valor de troca, da alma mais ou menos pobre do Ser, do fazer, do *estar-aí* heideggeriano, do Ser em função de qualquer coisa de absoluto. Daí a Igreja e o medo cerimonial...

4. O SUJEITO ALOJADO NA MENTE

O sujeito está, assim, na loja, ou seja, alojado ora numa categoria da mente, seja espírito seja alma, sendo que o corpo é veículo, peça de transmissão por onde para o combustível (de combustão, acendimento) para a própria acção da locomoção e do desenvolvimento das coisas do espírito. A vida social, é por isso, a paixão de muitos, cilício de algo que ferve, queima, mas que dá vida, prolifera no íntimo e se propaga no íntimo social, além da crítica, da condescendência e da respectiva inveja dos emigrantes que foram para França trabalhar...

Este alojamento tem que ver com uma certa habituação da mente, do costume, do continuar a correr quando se está completamente estourado mas se escolheu uma profissão pública, onde o dar é dar até mais não e o receber é apenas em termos de um parco estipêndio para continuar a trabalhar para os outros. Daí o liberalismo americano, o capitalismo da mente, na mente... Essa reserva face ao que acontece do outro lado do mar atlântico, porque, de alguma maneira, a América não morreu, aos poucos ou de uma vez, continua viva, uma certa ideia de Ser, feliz e consentâneo consigo mesmo e os outros... Se existe uma antropologia social por lá, não sei, mas sei que a antropologia é distinta na Europa, mais social, mais de esquerda, mais inamovível, veja-se isso, por exemplo, em termos dos elementos como os ventos de furação, de uma sociedade que tanto tem a casa às costas, quanto a tem em movimento, feita quase exclusivamente de madeira...

5. A CASA, LUGAR DE RESPIRAÇÃO INTERIOR

Na verdade, foi a casa. A domesticação do pensamento selvagem (Goody), permitiu consertar, recolocar na origem, esse pensamento muito protestante da separação da alma do corpo, sendo que o homem, nos mais diversos contextos, continuo sendo constituído e afirmando-se socialmente como dualidade, mente-corpo, pois este obedecia aos ditâmes dela, racionalista, desde logo com Descartes... Assim, o amor cidadina é instituído como o mais excitante de todos, um lugar de subida, de status, de olhares mútuas por referência face ao que deve e pode ser feito, à manifestação da explosão exterior, exteriorizada, em vez da interior, quando o ser está em combustão mútua...

Por isso, a posse do corpo do outro é ímanes, mas pode ser posse de uma alma sem lhe tocar, como o mostrou João da Cruz e Teresa de Ávila, entre tanto outros que eu tentei em jovem introduzir nas aulas de Antropologia do ISCTE nos idos anos oitenta-noventa, quando a nossa seleção jovem foi campeã do mundo...

6. ABRIR OS OLHOS

Quanto a mim, apenas abri os olhos, como dizia a minha avó materna, ou seja, percebi que passe o que passe dentro de casa, intramuros, há um mundo lá fora, duro, por vezes cruel, mas que vale a pena ser vivido, se tens a consciência limpa e tranquila. Se todos podem ser bons, eis outra questão, mas creio que o pior dos homens pode, pelo menos por um instante de uma lágrima disfarçada, ser bom, logo feliz. Ser Bom/Feliz, ser a completude do ser no espaço mínimo da casa e no volume limitado de um corpo, gerindo de uma maneira e de outra o *ensemble* que é a junção da alma com o corpo, espírito puro benfazejo, respeito por si próprio, ânsia e ansiedade, caminho...

Sim, há uma tática para se ser bem sucedido, respeitarmo-nos a nós mesmos mais do que os nossos inimigos, esse é o segredo que as televisões tardam em mostrar, ou seja, algo do âmbito de uma psicologia da antropologia social... Porque, antes de mais, o vão é a diferença, a separação, entre alma e corpo, claro que foi para efeitos de análise dessa relação que se fundou essa separação, como se o homem pudesse tudo pela mente, pudesse prescindir da reiteração e do regresso contínuo e contíguo à imanência...

7. O COSTUME FUNDA A CULTURA

Quantas vezes caís, tantas quantas te levantas, é esse o destino de todo o bom, bom, nem de todos, mas é esse o registo e é isso o que importa, fazer, desfazer, refazer, tecendo, moldando o barro para criar novos homem, num registo mais ou menos evolucionário, revolucionário... Sabes viver a vida, aprecias a vida simples, como David Lynch no seu mais recente filme, *Uma História Simples*; não exageras, tens ânsia de te libertarem, mas podes ficar escravo de uma liberdade livre e perdes assim a noção dos outros, do grande Outro, o Big Brother...

Assim, vai de grau em degrau, procurando fazer sentido dessa divisão entre, desde já, corpo e alma e, no âmbito do superior, do impensado pensado, prensado, da divisão entre alma, espírito, mente, cérebro, tudo isso que faz um homem ter dupla personalidade, enquanto a rarefação de talento faz os outros misturarem-se uns com os outros, comerem-se, porque por si só não chegam lá...

É nesse adestramento Eu e de suas volições, que o sujeito vence a batalha do status, lévi-straussiana, que só existe porque existem as fêmeas, mas afinal elas pouco ligam a isso, apenas querem ver o mundo destruído à pala da sua beleza e concupiscência. Se o poder é delas? Tem sido, só que a narrativa principal tende a dar ao homem a supremacia, inclusive do espaço privado do espaço público, político...

8. ENQUANTO UNS CHEGAM NA CARREIRA, OUTROS PARTEM

Sendo assim, a vida, a biografia, a existencialidade enquanto viagem, é assim percebida pela mente calculista, que prevê o seu conforto e realização. A mente desarmada é a mais rica, enquanto muitos andam por ver andar os outros, escusam-se e escudam-se na religião para ter e obter, por necessidade intrínseca do seu magma existencial, pensamento de ordem que lhe dêem sentido à vida mesquinha que levam e conduzem socialmente...Eis os pederastas, chulos, pedófilos, lavram no erro e não se sabem corrigir, nascem tortos e nunca se endireito, mas que se endireita tem mais mérito do que quem sempre esteve certo, direito e, afinal, nunca deu conta disso, porque preenchia, na sua conduta e discurso, os ditames da voz do sangue, do costume. Por isso as prisões estão cheias, todos querem ser espectadores de um mundo em colisão, em coligação cósmica, *coalition*, como dizem os americanos. O certo é que há muitos nessa vida e não chegam a fazer nenhum filme educacional ou o que quer que seja, refere-te aos fenótipos e serás feliz, em vez de tentares salvar o bebé de ir pelo ralo abaixo na baixa da banheira. Assim, o homem feliz é, concordando com o meu irmão, o homem do costume, ou seja não é fácil sê-lo, mais vale viajar, parecendo que é difícil, é bem fácil ir embora e esquecer ou mudar-se de casa em casa cada seis meses...

9. A DEMOCRACIA DO CONFORTO EXISTENCIÁRIO

Assim, ora te vais poupando, ora vais jogando as coisas para um arquivo, que alguém há-de pegar nisso e porque não podes dar tudo como exposto, para benefício público, quando na verdade ainda procuras um certo reconhecimento, aquele mesmo que a tua aldeia não te deu, por isso tentas na cidade, pela cidade, através das veredas cimentadas de Alfama, entre vozes de coros e fadas, mais ou menos afamados, do Parque Mayer às Portas de Santo Antão...

Então, a questão persiste: é mais fácil atentar contra a democracia vivendo nela, pensando nela, através dela, porque todo o homem tende para o excesso que o poder, moral, material ou espiritual, político, lhe dá. Por isso o Papa é tão espirituoso. Que eu saiba, não é formado em antropologia, apenas quer mais e mais cristãos nas suas fileiras, quando o ponto não está aí, na conversão, sendo que a religião católica é, vista aos olhos de quase todos, mais uma facção, diria até, mais um partido, que tende, como os outros, a absolutizar-se, a discursar em termos de exclusividade moral, espiritual. O respeito pelo corpo é pouco, ou seja, o corpo católico não deseja o Outro, mas deseja o Cristo em comunhão magnânima e extática. Eu compreendo e pratico, para mim até é a facção mais correta que existe. Mas, ainda assim, falta vir Cristo, sendo que para os Judeus, Ele nunca cá esteve... É dos excessos do corpo, da democracia, que se aproveitam os fundamentalistas, sejam islâmicos sejam protestantes, porque o católico, historicamente sucedâneo do judeu, está sempre na mira dos inimigos e, não possuindo armas, não pode disparar, por isso é alvo fácil. A não ser que se fortaleça pela fé...o que já não é pouco...

10. SAUDADES DO RIO

O católico vai atrás, atrasado, porque não se quer queimar e julga que está certo, mas este Papa não teve ainda a coragem de instituir o sacerdócio para as mulheres e o casamento para os padres, como acontece já alguns decénios nas igrejas protestantes. De resto, não é por isso que eu luto, nem vou dar a mão a seara alheia, ou seja,

enquanto cristão católico, não vou dinamitar aqui em que acredito, mas como antigo membro da esquerda radical, tenho princípios de um lado e do outro recolhidos, ou seja, há vantagens enormes em perceber os dois lados enquanto antropólogo, ainda que não te dê benefício pessoal, todos te chamam mais ou menos chulo e parasita, talvez porque acredites numa sociedade utópica que muitos teimam em adiar, em odiar, seja porque estão no poder, lá está, da democracia exclusiva, disfarçada de liberalidade dos costumes, ou seja porque são passarinhos e não têm coragem para mudar as coisas, o que mostra, desde já o maior dos desrespeitos pelas gerações vindouras, ou seja, mantenho-me na minha de macho alfa pois acho que isso está certo, pelo menos para mim, o que já é bastante e vou andando assim, porque na realidade todos são mais ou menos assim. Enquanto outros, que eu nem conheço, perdem inúmeros direitos...

11. PROJECTO

Na verdade, neste binómio carne-espírito, como manter a felicidade sem um estímulo interior? Ou exterior, não sei. Como manter a felicidade, que parece coisa gratuita, mesmo à luz da religião e se muito trabalhamos para ela sempre provamos um certo sabor agridoce. O homem liberal anda todo o tempo em filmes e realizações, de um lado para o outro, quase seco, como diz a canção dos Xutos...mas, ao menos, por mais irónico que possa parecer, não é no egoísmo, mais ou menos liberal, que nos sentimos felizes, mas na solidariedade, seja das classes altas, seja das baixas...dá a paixão e pulsão pelo *status*, ou seja, a conquista das mulheres, porque elas precisam antes de mais de casa, de um abrigo para se sentirem seguras, de um projecto devida, devido, de vida...

12. FADO FADADO

Muitos, actores sociais ou mais ou menos intelectuais, não querem saber do seu destino, de como vão morrer, partir deste mundo e andam assim à toa, mesmo que haja uma canção, agora universal, que lhe diga que tal vai acontecer, mais ou menos proximamente e que podem ser felizes com isso, por isso se aproveitam da carne que têm e seu espírito fica baixo, fraco, lhenho de lassidão...

Ora, vejamos a seguinte questão: se o corpo é corpo, parte inferior da *existenz*, não se divide em mais nada, é visto como um todo, porque é que a "parte superior" se divide, antes de mais em alma, espírito, mente, cérebro? É porque a realidade social é da ordem de uma inteligência ordenadora, de um demiurgo, de uma ordem,

reguladora da acção e do comportamento social dos sujeitos, ou seja, da sua produção de discurso enquanto hoemns simbólico, o que pode ser exaltante ou degradante, sob o ponto de vista da filosofia moral. Mas, em tudo isto, quando cruzamos a antropologia com a filosofia, nomeadamente sob a égide do social, obtemos mais respostas. Por isso falo do retorno ao corpo enquanto sentido, enquanto registo da imanência que nos liga à terra e aos elementos. Então, será o espírito que conduz o corpo? Isso é demasiado cansativo e esgota o homem, torna-o seco, na ânsia de chegar À Verdade sobre Si-Mesmo...

Portanto, é tão bom saber o nosso destino quanto o terreno que pisamos e não temos de ser especialmente bons, mas bons em função de algo rudimentar, simples, acessório e ao mesmo tempo funcional, fundamental, ou seja, ser corpo e ser espírito, alma peregrina no trânsito encadeado da cidade, projetado o homem além de si, num espaço natura, ouvindo as cigarras, os cigarros a arder junto ao ouvido da mente, o regato que sempre correu por lá e tem laivos de eternidade, por isso vai continuando no seu caminho, como nós, aliás, de um momento para o outro felizes e alegres e depois tristes e *melancómicos*, para usar a expressão de um dos nossos autores da praça, depressivos, sendo que esta forma de Ser e Estar nos traz também benefícios em termos de saúde, ou seja, não podemos estar todo o tempo, todo o santo dia, bem disposto, ou seja porque não é anatomicamente, organicamente, possível, seja porque a natureza das coisas é feita assim mesmo, do vão, das coisas altas e baixas, da verticalidade do jogo de um Ronaldinho Gaúcho...

CONCLUSÃO

Assim, concluímos: será a lógica formal, reiterada pela menta, assim tão diferente da lógica instrumental, que identificamos com o corpo? Eis a velha máxima que nos diz que “é o corpo que pensa”, ou seja, a imanência dita as leis, bem como a mulher, na guerra dos sexos, dita as leis, sempre foi assim. Andarão muitos homens em busca de fama, provento, proveito, como Alexandre Magno, Gengis Cão ou Afonso de Albuquerque, tentando ficar na memória da história e assim se tornarem imortais, ou seja, dignos de memória, quando outros procuram e preferem estar na retaguarda, uns se estudando outros se estugando... é esse o desígnio, o fado, o homem fazendo

história, montado a cavalo ou do cavalos do carro, com mais ou menos potência ou arranque.

Essa mesma história nos dirá se essa separação ocidental entre mente e corpo (de resto, já analisada na filosofia bastante sob a designação de “Problema Mente-Cérebro”) se restringe ao nosso modo de vida, se a história e o costume do homem pode ser lido em termos da humilhação por pensar, do tempo que leva nesse vagar, entre um corpo quase em desuso, do qual se aproveitou bastante, e uma mente que se des-faz, *fade out*, em alma, espírito que vai partir um dia, mas não já...

Um foco de Luz sobre o autor: inspiração e transpiração, entre ciência e literatura

Resumo

O que orienta, na verdade, o espírito do escritor, uma consciência no adestramento do seu sentido de humanidade e desumanidade dos outros, ou apenas entretém os leitores que vêem a vida como desinteressante, como uma “coisa” que não mereça ser vivida senão pelo lado jocoso e cabotino das coisas e das pessoas? Sim, o que comanda a consciência do autor? O Id, o Ego? Deus? Ele aceita uma Voz, que ainda que o incomodando, lhe dá conselhos de graça, dispensando o psiquiatra e então verte, sem mais e mais além a sua verve, agradável ou desagradável como a bílis de muitos media? O que o incomoda e comanda é a turba, a turba desordenada de corpos e vozes, de toques e insultos, a delinquência, a injustiça face a quem defende válidos ideais... Como diz a canção dos Depeche Mode, “suffer well...”

Desenvolvimento

1. A ARMA COMO ARGUMENTO

A ideia de que escrever é uma espécie de atividade criminosa, o escritor, o autor, pode ser um homem em apuros, com muito ou pouco de filosófico, que se vem queixar dos outros ao papel em branco... Mas pode ser algo mais, um ser que busca reflexão sobre as coisas literárias, sobre a vida, sobre a humana condição. Ele aguenta, aguenta, porque também é filósofo, ou seja, gosta da vida e de tudo o que ela lhe pode proporcionar e acaba por se ver enredado num lodaçal de seres definitivamente inferiores, que não têm medo da morte, que usam armas e cordas como argumento... talvez porque não saibam esperar, desesperar, e não estejam bem consigo próprio na sua curta e pequena lógica, talvez queiram apenas sobreviver, vingar-se, fazer a “sua” justiça. Outra questão que nos podemos pôr e que não é de somenos importância, qual o regime mais certo, mais indicado para um certa ideia de sociedade, ou seja, dever-se-á defender o sujeito, o indivíduo, actor social, ou o conjunto da sociedade. É

uma questão clássica da sociologia...mas também a da antropologia e filosofia, para além de uma questão central da psiquiatria...

Na verdade, a solução para a nossa questão está nos alvares da tradição judaico cristã: Jesus Cristo. Foi Ele quem baralhou os dados e deus aos homens do seu tempo uma concepção de Tempo e Devir, de circunstância face ao desagrado da vida, que acabaram por moldar ocidente, oriente, África, Oceania. Isso, poucos cientistas sociais sabem reconhecer, entre nós, pelo menos. A maior parte é cética ou atea porque provêm de boas famílias, os pais já andaram a fazer o que eles fazem, nada há por eles feito de raiz. Mas lá fora não é melhor, especialmente no Norte da Europa. A filosofia é diletante, esfumada, não tem carne...A sociologia é interesseira, carreirista e convive de perto com o poder, enquanto a antropologia é ainda mais diletante, digo até que muitos antropólogos se escondem, têm medo de políticas, de políticos, de padres...

Por outro lado, a criminologia está contaminada pela ideia de autor, de culpado de qualquer coisa, nem que seja de falar, de se manifestar, ainda para mais em democracia, sobretudo em democracia. Os jovens estão habituados a ter opinião sobre tudo e mais qualquer coisa, ou seja, a sociedade portuguesa é tudo menos pró...Não admira que os professores sejam o parente pobre do sistema, ou seja, este sistema não existe, já não há sistema, ele foi engolido pelas pessoas, que agora cacarejam e o vomitam a toda a hora...

2. QUEM LHE VESTE A PELE: O A-PARECER

Então, para onde vai a alcateia? Andam por aí e vestem de azul. São eles que garantem a manutenção do estado de coisas, vão apagar os fogos, sossegar muitas mentes atormentadas com o seu futuro, mais, com o que vão comer na hora seguinte. Perdeu-se o sentido de solidariedade em Portugal. Basta andar de metro, ninguém fala com ninguém, parece que é proibido sequer perguntar as horas a alguém, mas isso deve-se em parte, a meu ver, de uma falsa percepção do que é a América e no que ela nos influencia. Mais tarde, aparece sempre um russo a dizer “eu bem vos disse para não se meterem mar adentro, estavam tão bem em terra...”

Porque muitos falam em canais acerca de futebol, de política, a coisa não sai daí, sempre o mesmo ram-ram, quando há outras pessoas, um pequeno número, sem dúvida, que pensa e trabalha em favor da sociedade, admitindo e corrigindo os erros dos outros, em sociedades desenvolvidas ou em desenvolvimento, ou seja, são legiões de sociólogos e antropólogos, para não falar de alguns geógrafos, de alguns filósofos,

que querem uma sociedade (mundial) melhor e fazem por isso, investindo o seu tempo em estudos que quase ninguém lê. O cenário é dramático e vai piorar se continuarmos a vencer sobre os erros dos outros. Muitos dizem que têm razão e se mantêm no poder, com mais ou menos dinheiro (“Ah! Eu tenho razão!”- diria Schopenhauer). Toda a acção tem uma consequência, quer queiremos quer não. O mais difícil, em tudo isto, é como seres razoável em momento de injustiça, ou seja, como seres justo (Ricoeur) num contexto de injustiça, num contexto em que a palavra dita tem, em dupla hélice, sentido ou não (sentido)...

2. O GATO QUE QUERIA VOAR

Então? Quem controla quem? Esta noção é bastante democrática ou muito pouco democrática, como uma anarquia ordenada, “ordenhada”...

Na verdade, o que mais incomoda o homem ocidental é que ele tem nostalgia da viagem, principalmente para Oriente, ou seja, para um cenário social radicalmente oposto ao seu e essas dores fazem-te crescer, meu jovem...

O que mais espanta o filósofo é a lassidão de uns em tempos de paz, ou seja, muitos povos estão desleixados e com eles estão os indivíduos. A guerra pode estalar a todo o momento num mundo interdependente, ou seja, aqueles que estão com o capital andam nervosos e cheios de doenças psiquiátricas (o lado negro dos EUA e do Norte da Europa, o que explica como a felicidade é coisa relativamente relativa...), os do sul e países em vias de desenvolvimento, ainda constroem infraestruturas, portanto, como mostra o cinema, o mundo é, antes de mais, uma aventura individual, no início, como o bom herói americano e uma aventura social, como o bom português civilizador...

Eis, portanto, o conflito essencial, primordial, do homem ocidental: ele não pode pensar, pois é um homem de acção, de viagem, de arremetimento, nunca de arrebatamento, o seu desígnio está virado para a praticidade, a concreção, a praxis, em sentido clássico, a não ser que admita, que assuma, ser um homem de reflexão, de análise, de pendor...

3. PENSAR É UM LUXO

Sim, estamos sob o reinado da prova, prova para a existência de Deus, do Cristo, do Homem. O homem duvida de si mesmo e de suas capacidades e tende a ver esta estadia terrena como algo que é um palco para se negar a si mesmo, tornando-se violento, a maior parte das vezes para agrado e impressão das mulheres, daí o capital, o poder, a confusão dos corpos e dos líquidos seminais e outros que tais, que levam a uma confusão digna de um anatomista patológico dos melhores... Tem-se a ideia arreigada que o pensador, filósofo, não tem necessidades vitais, sexuais, que o seu cérebro persiste despejado do resto do corpo... nada mais errado. Todo o filósofo tende a sublimar o sexo, a relação carnal, enquanto muitas mulheres não entendem isso, ou bem que o privam do convívio do seu corpo, ou bem que se entregam a outro, dir-se-ia mais dotado, mais engraçado...

Mas a questão não é apenas pensar, reflectir, seja isso um luxo ou não, a questão é seres discriminado em quase todo o lugar e te tolerarem como toleram agora Cristiano Ronaldo em qualquer equipa onde vá...A questão é verem-te como o sujeito não sexual, que não precisa de amor para pensar, quando é da afectividade que nasce e provém o pensamento mais prolífico e brilhante...benfazejo e altruísta.

É neste sentido que tenho defendido que não é o espaço nem o homem enquanto ser espiritual que são a última fronteira, mas o corpo, este é a última fronteira e sua ínclita união com a alma, mais do que com a mente ou o espírito. Se a psiquiatria analisa a mente, a filosofia o espírito, o padre a alma, é porque a parte superior, da cabeça, do homem, ficou tripartida, ou seja, uma parte acredita em Deus, a outra não acredita em nada e a outra acredita intermitentemente em Si, sendo que a psicanálise acabou por dar uma boa explicação deste contexto “mental”, para os filósofos...

4. UMA FORÇA QUE SE ESVAI

Esse regime de abertura deleuziana ao mundo bem pode ser o início do fim da vigilância exercida pela política, ou seja, o início do fim da prisão democrática e forje de um novo regime de exercício do poder, algo que ainda não foi inventado, mas está em vias de o ser, ou seja, um certo liberalismo de esquerda, uma anarquia ordenada que saiba fazer conviver as aspirações legais do sujeito com as suas ambições sociais, onde não haja embate de interesses e valores, mais ou menos antagónicos, porque na

maior parte das vezes, o sujeito rejeita modelos de políticas que lhe são mais ou menos impostos a toda a hora, pela TV, pela Internet e cansa-se de ser polícia dele mesmo e dos seus a toda a hora...

Essa força, que por hora de esvai, acaba por desaguar noutros tempo, novos tempos em que os mais jovens aceitem o conhecimento dos mais velhos, em que a maioria vai fazendo com que lhes seja útil.

Ou seja, enquanto uns são lascivos e vêm no desejo e sua realização, a perpetuação do sentimento de inferioridade face aos outros, o jogo, o *divertissement* face à finitude-já-que-não-acredito-n'Ele, outro vêem no sexo uma forma de contacto e ligação com o mundo, o mundo do Outro, aquele que está para além de mim numa imensa pradaria deserta em que estou sem pernas e só vejo a casa para onde regressar, ao menos tenho lá mantimentos e livros, esses sim, mantêm a minha ligação ao mundo bastante viva, vívida, activa. Assim, o nosso pensamento, como o nosso riso, sai às prestações e não de enxurrada, como as coisas que temos feito em vida, muitas delas em favor dos outros, quando o dinheiro para a comida mal chega...

Assim também, a descoberta da nossa sexualidade tem que ver com identificar qualquer coisa que nos marca não só intimamente mas socialmente, ou seja, uma intimidade social que não é apenas sexual, mas identitária no mais pleno sentido filosófico do termo, porque a filosofia dos medos também é a filosofia das coisas que estão fora do armário, com que nos temos de comprometer em termos sociais, em termos de imagem social, em termos de representação social “todos os dias” (Goffman).

5. DE HERÓI A PÁRIA: AS DESVENTURAS DE UM ANTROPÓLOGO EM APUROS

A falha é um momento anterior ao sucesso, ao êxito. Aprendi isso pela minha experiência de antropólogo e pelos meus dias passados até agora em Moscat. No início, eu era uma sensação e julgo que até meio do tempo nem me apercebi da minha influência naquela vila. Depois, como se não conseguisse fazer amizade com as mulheres, fui perdendo o sentido e foram-me começando a ofender, a rejeitar. Inicialmente, fui-me bastante abaixo, ponderei mudar de novo de casa, mas, depois, não sei bem porquê, talvez por ter um *feeling* que as coisas acabariam bem, resolvi ficar, ficar e lutar, pela minha habitação, pela vila e pela cidade, pois era já então um

cidadão exemplar, ainda que celibatário, ou seja, o que não passou de um estudo revelou-se, talvez, na minha estada até ao fim dos meus dias. No princípio, as pessoas não diziam nada, depois começaram a mandar bocas, na rua, no supermercado. Sinceramente, ser antropólogo não me ajudou em nada, tornou a minha vida num inferno e eu resistia às vozes, talvez por saber que as pessoas em geral, não somente estas de cá, gostam de criados, quem lhes faça as coisas e quando alguém não se enquadra nesse comportamento, a coisa fica feia, só que não é somente para o nosso lado, mas para o dos outros também, de tal é a importância metodológica e até teoria do que por aqui se vai passando...

6. DO ÉTER AO MOSTO: ÉBRIO COM CAUSA DEVIDA

Depois, procurei ver nos autores alguma identificação do que eu estava passando, que não queria passar por, porque antes de mais este era um ensaio filosófico, não antropológico. Mas por isso mesmo metade da vila falava de mim, talvez por eu não me ter dado logo de início às autoridades locais e querer, ainda assim, ficar, em princípio para sempre, naquele ambiente verdadeiramente hostil, crítico a toda a hora, sem a mínima simpatia por mim. Mas, em casa, eu sentia-me bem e ia equacionado estas coisas...

A ilegalidade rodeava-me por todo o lado, a minha casa parecia isolada no meio dos prédios de quatro andares, era só fios soltos para dentro das habitações, ligações clandestinas, até a minha estava sendo pirateada e eu pagava uma pequena fortuna por mês à operadora... Ainda assim, progredia, mesmo dentro de casa, no âmbito dos meus pensamentos, precisava de falar com alguém qualificado, de uma forma ou de outra e isto já deixara há muito tempo de ser filosofia ou começaria a sê-lo a partir dali, a partir do momento em que a animosidade para com a minha pessoa era declarada, todos os dias, dia após dia. Mas, ainda assim, tinha amigos. Muito mais do que aqueles que suspeitava e fazia novos, todos os dias...

O que fazia, então, deste texto, um ensaio filosófico? Talvez a categoria do Outro, em causa a todo o momento, enquanto me abstraía do que se passava lá fora e deixava de ir ao Aeroporto, à Baixa, ao interior da vila, a via principal onde não recolhia senão admiração pela minha resistência, em vez de simpatia, num povo que estava sempre mal-disposto. Depois, recorri à noção de inconsciente coletivo e à sexualidade. Muitos metiam o bedelho sobre a minha e questionavam-me a toda a hora sobre isso, estava

se tornando um inferno, eu ouvia-os falar logo de manhã, do meu quarto e do atelier, o talhante e os tipos que andaram na guerra. Mas, mais uma vez... não podiam fazer nada, porque também estava enterrados e eu, ainda que sozinho e de não ter diatribe e, de resto, aguentava-me bastante bem...

A pouco e pouco ia percebendo os hábitos sexuais daquela vila, ou seja, muitas pessoas viviam só para a aparência, para o parecer e muitos, essencialmente jovens, andava sempre à cata de motivo para postar nas redes sociais, enquanto a manicure da indiana estava sempre cheia de gente, mais ou menos velha, a qualquer hora do dia...

7. O AINDA AUTOR: SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS

Eu estava, nesses dias, provando na pela, no espírito, o que é ser antropólogo, é andar de um lado para o outro com a casa e as memórias às costas, é nunca ter povo que nos receba de braços abertos, porque nunca somos realmente domésticos, nem nunca somos realmente estranhos, há um espécie de universalidade em tudo isso, estranhar o familiar, familiarizar o estranho... triste sina! Interrogo-me até: Para quê tudo isto? É uma legítima interrogação filosófica, sobre o ser sobre o parecer e o pertencer, itens que adiantei na minha tese de doutoramento e que tardava em ter discussão pública e aprovação...

O meu maior inimigo, por estranho que pudesse parecer, era o meu vizinho da frente. Sabe-se lá o que dizia de mim, nos cafés, na aldeia afora, o certo é que não fazia nada de jeito, era um corrupio de mulheres para a sua casa a toda a horas, o tipo não fazia mais nada e com setenta anos... Sim, o mundo estava louco e os são estava no Júlio de Matos, pelo menos tinham a coragem de se entregarem a tratamento e terapias as mais diversas... Ainda assim, neste *twist*, era autor e respondia por isso, não autor de um crime, mas de inúmeras palavras que encadeava com mais ou menos genialidade, respondia por certas questões filosóficas e dados antropológicos e estava disposto a ficar, pois se havia vivido momentos maus, tomando Quietapina a meio da noite para poder dormir, também havia passado bons momentos, só ou acompanhando...

CONCLUSÃO

Então, podemos perguntar-nos, o que é ciência, ciência social? O que será literatura? A literatura pode ser ciência? Nesse sentido, talvez seja útil indagarmos que tudo pode ser ciência, até a especulação o pode, segundo certas ideias de Husserl... Ou seja, por outras palavras, o pensamento filosófico está armadilhado? Porque fica o autor só, com ele mesmo, sempre só, tirando coelhos da cartola, disparando para todo o lado indiscriminadamente (figurativamente falando, é óbvio), sem o afago de uma mulher? Será que o seu pensamento é machista? Patriarcal, como a dos maiores pensadores da Igreja? Quem tem razão? A Esquerda? A Direita? Como é noutros contextos?

O filósofo não pára, tem uma margem de progressão ainda aparentemente enorme e é isso o que ele quer, ter terreno para poder especular, porque o bater batente das teclas dá-lhe gozo, mais, dá-lhe vida, faz o seu sangue circular por todo o corpo, sentir-se vivo e não pede, na verdade, muito mais do que isso, a não ser ser lido e comentado, construtivamente, como é natural.

Então, como será o futuro daquele que escreve, entre inspiração oscilada com transpiração, o autor, a quem o actor deve a raiz do seu sentimento e gesto, gesta? A imortalidade...e a que preço? Não mais vale ser vão, estar no vão de todas as coisas, refugiado, protegido, anónimo? De certo modo, o autor tem essa cortina face ao mundo, ele vê sombras descerem sobre o seu espírito, sombras humanas, animais, vegetais, minerais, astrofísicas, que acaba por traduzir em palavras, ele prevê o futuro e oscila ora entre o desvelo, o sarcasmo, a esperança e o brilho e, mais adiante, a desgraça, o horror e a morte, muito shakespeariana é esta sentença...

Um autor, pois, que acaba deitando sangue da ponta dos dedos enquanto o seu coração bate por aquela que ainda não chegou, por isso, em necessidade e angústia, seja mais desesperado do que o cientista social, que sabe tudo, tudo prevê e na verdade não faz mais do que literatura profilática, não se interessando sequer em saber o que a população pensa, em ir à TV para ilustração de seus contemporâneos mais ou menos ignotos...

E Pluribus Unum: o que é preciso defender na sociedade

Resumo

“Um por todos, todos por um”, é o lema de um clube português. Também era o lema dos mosqueteiros franceses do século XVIII. Mas...o que mudou na sociedade? O que é a sociedade ideal? Poderá ela alguma vez concretizar-se? Será um truísmo pensar que ela gira em todo da relação do sujeito com o grupo? Estará aí a solução para a felicidade, para a qualidade de vida, entre o individualismo capitalista e a solidariedade cristã, católica e o marxismo seráfico? Aqui se superam certas formulações de Zizek e Sloterdjick.

Desenvolvimento

1. FOUCAULT E A LÁGRIMA DO GATO

Enquanto um, sociólogo, diz que é preciso salvar, manter, a sociedade, ou seja, mesmo prescindindo da existência social e vital de alguns indivíduos, ou seja, eliminá-los ou torná-los inimputáveis, tudo em favor da sociedade, que é o grupo predominante, um homem esgueira-se e refugia-se no deserto, noutra sociedade e noutra cultura e ao mesmo tempo torna-se bode expiatório dela mesma, a sociedade do deserto dos tuaregues. Então, uma sociedade, uma certa ideia de sociedade, enquanto Lévi-Strauss procura o comum das estruturas mentais do que é humano, não com o mesmo fim que Foucault, que se achava perseguido pela sociedade por ser gay...Por isso foi tão sábio, as suas aulas eram rápidas, esquemáticas, parecia ele mesmo um personagem esquizofrénico com pressa de se afirma...perante a sociedade. Não se lhe conhecem poemas, como ao nosso Al Berto...

E porque há perigo? Porque nos querem fazer mal, a nós, aos indivíduos? Decerto são outros indivíduos ou, no limite, toda a sociedade...nas redes sociais se passar de herói

a pária em uma fracção de segundos, numa luta aparentemente eterna entre Bem e Mal...

2. FOUCAULD, AS AREIAS E OS NÓDULOS

Estamos, então, diante de vários sistemas de organização social, o socialismo, o anarquismo, o fascismo, a religião, que é uma forma de organização social, a meu ver a mais perfeita, pois se baseia numa ideia de Bem e reciprocidade, enquanto o homem continuar a lutar pela manutenção do bem, *au-de lá* de certas antropologias, o mundo será, cada vez mais, um lugar aprazível para se viver. Por isso, Charles Foucauld escolheu o deserto, farto dos ambientes de Paris, como os de Londres em *Oliver Twist*. Estou como o outro, faço o meu trabalho e a mais não sou obrigado, sendo que não me rendo diante de nada e sou fã, antes demais, do meu irmão, que continua a correr tal como o Aldegalega. Tenho a impressão de que já escrevi isto há dias, mas continuo, talvez no fim encontre mais uma teoria, após ouvir *Detour*, de Hans-Joachim Roedelius...isso me fará sentido da relação entre o sujeito e a sociedade, ou o grupo, pois essa massa amorfa, como dizia o meu tetravô, é o substituto de Deus nos tempos difíceis, como em *Gente de Dublin*...

O deserto é, então, o lugar de implantação de uma nova sociedade, o seu eco na mente do eremita, cartuxo ou trapista. Eis os fundamentos de uma nova sociedade, de uma nova sociabilidade, assente no respeito do outro, enquanto alguns, talvez a maioria, continua a brincar, à deriva, sem se preocuparem pelo sentido da Vida. O que procura então Charles Foucauld no deserto? Paz, habitação e habituação do espírito a novas esferas existenciais, além de Heidegger, que sempre esteve sentado na sua cátedra...assim é fácil...

3. HORIZONTES DE CONCATENAÇÃO

Esta problemática daria para um livro sem fim, explicar a relação entre indivíduo e sociedade, afinal parece estar aqui o segredo da compreensão dos mecanismos da sociedade, ou seja, como ela se concatena nos seus elementos e componentes. Então, qual o caminho da filosofia, quando a antropologia e sociologia já fizeram inúmeras descobertas, tendo-se autonomizado como ciências? Será por isto que a filosofia não é uma ciência? Então...é uma arte? Uma tarefa, um “trabalho”, uma actividade? E,

podemos visualizar a concatenação dos elementos da sociedade, ela é um organismo vivo? Como pode o analista ver de fora esse organismo se ele mesmo pertence a ele, pertence-lhe? Se o indivíduo está perturbado psicologicamente, também a sociedade, por arrasto, também estará? Devemos pôr ênfase, nos termos da psiquiatria ou na sociedade, o ser que está desintegrado deve ser curado, integrado, na sociedade? Porquê esta necessidade de integração, de autoconservação? E porquê há vários modelos de sociedade que o analista, a posterior, acaba por deslindar, talvez para fins profiláticos? Toda a patologia é uma falta de algo, carinho, afeto, talvez, e não entra nas contas matemáticas do sociólogo, mas alguns abusam, ou seja, têm afecto a mais, se se pode dizer. Mas o porno pode ser considerado afeto? Nada tem que ver com o amor de mãe, digamos assim. É vício, falta de manifestação de afecto, tal como a droga (“Droga é Merda” –diria um estudioso desse campo).

Somos falíveis, limitados, imperfeitos, mas é a nossa busca por perfeição, por imortalidade, que nos faz diferentes, diria perfeitos, porque ora queremos explicar tudo ora queremos explicar tudo. Há, pois, um lado da mente que trava, o outro que vai em frente e quer como que se soltar das amarras do corpo: dá a parapsicologia, a bruxaria, a astrologia, formas de explicação que têm o seu sentido para todo e qualquer antropólogo, porque versam sobre a relação não somente do sujeito com a sociedade, mas com o mundo, o cosmos.

4. ESPECTROS EXISTENCIAIS

Na verdade, a sociedade não existe, é uma ficção, um espectro. Daí a nossa explicação de Deus, durkheimiana, Deus é uma criação do Homem, o que não invalida um sem número de explicações teológicas, teleológicas, porque não se entra no campo da teologia e, antes demais, em todas as explicações tomistas. Se a sociedade não existe e já existiu, pode muito bem voltar a existir. Existe sim, uma sociedade mundial, a que a globalização iniciada pelos portugueses deu lugar, a sociedade virtual, enquanto uns simplesmente surfam, outros têm de controlar, como as formigas, as ovelhas, as mónadas leibnizianas...daí a etologia e a sociobiologia como caminhos auxiliares a uma antropologia total do homem total, o homem, de novo, do Vitrúvio...

O homem é uma sombra de si mesmo, anda atormentado, ansioso, ora cansado ora eufórico, porque ora tudo lhe desperta atenção, num excesso de excitação, ora o

cansa, numa falta de sentido, porque não sabe se há-de fazer sentido, compreender, se largar, desligar-se das amarras que o prendem ao real...

O homem, pois, escarafunha na sua mente, procurando um sentimento, uma remissão, um motivo forte para estar vivo, para alimentar alguma esperança que tenha, mas está farto de lutar, de estar só e não quer confessar fraqueza alguma pois isso o retiraria do jogo do social, do palco onde tudo acontece, dia após dia, com desvios e concatenações. Está, então, diante de um impasse primordial: não quer dar parte fraca, mas as suas forças vão escasseando porque está cada vez mais fraco e cada vez mais só. Aí entre Deus, para suavizar a sua patologia mental dos dias de hoje, dias de fartura de tudo e mais alguma coisa, antes do mais fartura de coisa nenhuma...a visão camponesa do mundo, em contato com a natureza, os elementos, os animais, vai-se perdendo ou recuperando, por outra via, aqui e ali...

5. O MITO DA NATUREZA

Queres ser feliz? Torna a tua vida interessante. Mas algumas vezes não tem interesse nenhum, é plena de doença e perturbação, mesmo assim, vale a pena ser feliz, por isso insiste, trabalha a tua mente, mesmo no defeito, na falta, pois um dia, como sujeito, actor social, hás-de ser preenchido, portanto, a felicidade é bem-estar e a qualidade de vida é dignidade, daí o interesse do trabalho, um trabalho que sabes e gostas de fazer...

Som, regressa à natureza, ao vão da existência, à visão de estar debaixo da escada, desse vão, no meio da onda, dentro dela, entre arrasto do Ser e concatenação com o teu grupo, é possível que o cientista social sinta isso mesmo, o mesmo que os outros, o seu brilho profissional obriga-o portanto a ser moderado, como diria Séneca. Junto da natureza está a tua redenção, por isso quiseste um gatinho para viver contigo, que logo que te deitas vai ter, como amigo, aos teus braços e o envolve, como se fosse um filho recém nascido. A natureza é, também, o caminho da aldeia que sonhas preencher quando estiveres na reforma, quando fores velho e precisares de estar mais contigo mesmo, mesmo enquanto acompanhado. Por agora, estás só, não estás acompanhado, mas estás ao mesmo tempo acompanhando de muita gente. Repara...a TV está ligada (“acesa”, como uma vela...) e não é por acaso, não é por acaso que está nos desenhos animados, de algum modo o homem precisa de ligações ao exterior a si, isso o antropólogo faz muito bem, enquanto o filósofo se restringe aos exercícios e à condição solipsista da sua mente, a grande parte deles, dando ao sujeito o primordial

preceito de ser individual e universal ao mesmo tempo... como Dominique Bauby em “O Escafandro e a Borboleta” ...

Precisas a todo o momento de estar a salvo, de te salvars, por ti mesmo e pelos outros, enquanto Tu Mesmo e ao Mesmo tempo, Outro, estranhando e entranhando, o que parece bastante sinistro, mas isso terá que ver com uma certa falta e uma incerteza de uma certa forma de finitude.

6. A OPINIÃO DE QUEM SABE

Se não sabes, pergunta, como diz o Outro, ou seja, se estás farto de ser filósofo, sê um pouco antropólogo ou sociólogo, mete-te no meio da gente, se é isso que te incomoda, essa timidez mais ou menos fatal e doentia que se entranha na tua mente e coage o teu corpo a espaços mínimos de renição existencial...

Daqui a nada deixarás de existir, portanto não dê tanto peso aos pensamentos, eles vêm e vão e mesmo que tu calques a tua consciência, um dia o teu espírito se há-de abrir, rasgar em dois, em três, em vinte e, de certo modo, acordarás do outro lado, porque de certa maneira tens andado a dormir, não estás devidamente desperto. Não é uma questão de coragem, apenas, em certas ocasiões, é também uma questão de paciência, de cálculo e aprendizagem, o que arrasta muita frustração e medo, mas é disso mesmo que são feitos os heróis. Portanto, se estás em ti mesmo e isso, essa solidão é a origem de todas as doenças, porque a doença é um isolamento patológico do mundo, procura o outro, entrega-te deixa o teu orgulho para trás e entra na mente e no corpo de alguém, daí a espiritualidade, a psicologia, a parapsicologia. Isto é um conselho de antropólogo, nenhuma obra ou vontade de obra vale a tua saúde, muito menos a tua vida. Mas não sejas bobo, sê ciente de ti mesmo e do teu esforço, da tua sabedoria, do teu trabalho, dos teus! ...

7. CHEGAR ONDE CHEGAS

Não te interessa chegar onde os outros chegaram ou ir mais além dos outros, ainda que a competição seja saudável e uma forma de entretém para coisas do espírito pouco úteis, certos vícios do pensamento. Interessa-te chegar, assim, onde mais ninguém chegou fazendo o teu próprio caminho. E isso envolve bastante dor e incómodo, vergonha, medo, muitos sentimentos desagradáveis que tens de superar. No fim, estarás sempre sozinho, como estiveste no início de ti mesmo. Ou, por outra via, estarás sempre acompanhado, pois nunca se está realmente só, em circunstâncias normais, evidentemente. A doença do social instala-se a pouco e pouco, como um ser misterioso e até bemfazejo, depois tarda em sair, porque na realidade tu queres estar doente para que te visitem, porque ninguém te liga nenhuma. Eis o vão da existência humana do social: a fatalidade de ter de lutar contra o esquecimento do social, a morte social, que é a pior morte que pode haver. Olha, Paul Connerton apenas escreveu dois livros. Isso não o impediu de ser considerado entre os melhores sociólogos. Foi por isso que o gatinho verteu uma lágrima, junto á janela, no final da tarde: é uma dor de mundo...

8. FALAR DEMAIS

És assim, estás assim, podias estar de outro modo, alienado, não querer descobrir os segredos do viver social, como Pierre Bourdieu ou Anthony Giddens, não dar conta da armadura cultural e simbólico como deu Bateson ou Victor Turner e tantos outros. Eles tinham razão, têm razão e, de alguma forma, também tu tens razão, portanto precisas de dar tempo, essa é a tua profissão, foi essa que escolheste no cardápio das actividades profissionais humanas... Pelo menos, ainda que no incómodo e na dúvida, és tu mesmo, não estás alienada, como dizem para aí, nem és um tarado, ou seja, a tua solidão está cravejada de razão, sendo que muitos outros pensam como tu, são como tu, portanto constrói, reconstrói a tua identidade alterada pelos media e torna-te forte, valente, grande, herói, torna-te no que és, pois foi para isso que vieste ao mundo, ser um herói, um cientista do apostolado, como diz o Papa...devia estar calado, fala demais, como o Presidente Marcelo. E quem fala demais, dá a opinião a toda a hora, não deixa lugar ao outro, à existência e persistência do Outro, nem que seja em nós mesmos...

9. PENSAR DEMAIS

Por isso, é dito que o filósofo pensa demais e depois não tem tempo para os amores e os sentimentos, é essa a minha experiência da filosofia, nunca percebi como nem porquê, talvez pelos professores de Filosofia que fui tendo ao longo do meu percurso escolar e acadêmico, ou seja, havia uma separação entre filosofia e desejo, entre falar-pensando e fazer amor, quando o fazer amor é talvez a melhor maneira de pensar até mesmo com uma certa brejeirice, como dizia o meu amigo já ido, ou seja é no entretém (no entretanto das coisas importantes), que o homem sonha e se suspende, porque se suspende a articula a vontade para com a transcendência. Esta questão é deveras interessante, ou seja, articular o desejo carnal, o imanentismo, com uma certa transcendência, diria até ascetismo. Talvez esteja aí a chave para muitas das humanas coisas. Assim, a filosofia aproxima-se bastante da religião, da teologia e até se mistura, a dada altura...

Procuras destacar-te do presente, do momento presente que te é incómodo e precisas de ir para o futuro, para outro lugar, para perceberes como és feliz no Agora, como já formulei no meu Método Taigen (de medição, de vida de vida e do mundo, de realização do sujeito), só que ninguém faz isto se não tu, ou outros sob outras formulações, por isso mesmo é que o tens de fazer tu, porque ninguém mais o faz... Deixa de pensar e ouve o silencia, não é apenas o silêncio das tua teclas ou do gato ronronando, é o ar que te preenche o corpo, faz dele veículo de amor, mesmo que não estejas apaixonado por ninguém em particular, vê a tua falta, usa o teu chão, o teu *vão* e percebe como é bom estar vivo, melhor do que um bom Porto, uma boa refeição no chinês... Por isso, deixa de pensar, não precisas de agir já, fá-lo quando tiver de ser, naturalmente, fora do teu juízo, apenas fazendo, aceitando que o mundo e as pessoas estão em permanente mudança, embora tenham de passar mais ou menos tempo nesse *vão* da existência...

10. NATAL

Vê...observa. Não há nada de mais erótico do que um homem só, dias e dias, procurando agradar a alguém e julgarem-no um sem-abrigo, um incapaz, só porque não tem bens, carro, enfim, mulher. Nada de mais erótico do que isso, calma, nem uma orgia superar isso. Por é assim a sociedade ocidental, feita de picos, altos e baixos, euforias e depressões, por isso está doente, por causa do dinheiro, por causa

de tudo e o mais espantoso é que, com tanto sábio, ninguém sabe a solução para uma sociedade melhor, com menos violência e estupro, nem tão pouco os cientistas sociais, esses estão reservados aos focos da academia... onde de gera e gere o exibicionismo próprio daqueles que pouco sabem. São esses os doutores, os dignos de nota, só porque têm nota...

É Natal, exibem-se as crianças, exibem-se os adultos. Não é Natal quando um homem quiser...ou é? Para mim, enquanto sujeito, já deixou de ser, não senti nada em especial, apenas um sentimento de apego à minha mãe, aos meus, a admiração pelos feitos atléticos do meu irmão, o reconhecimento da ajuda da minha irmã na minha recuperação psiquiátrica, para fazer diretamente teoria social, para vosso proveito, mas temos de dar tempo ao tempo, poucos homens se atreveriam a abdicar de tanto, talvez em nome de coisa nenhuma que alguma vez existiu...

11. PENSAR POR SI

O mundo tornou-se num lugar estranho e violento, depois do que chamaria de uma *luta pela familiaridade*, ou seja, conhecemo-nos uns aos outros, mesmo fora de fronteiras, como nunca, mas nunca como agora nos odiamos tanto. É uma nova Inquisição, tudo se faz pelo segredo, o Mal, sobretudo, mas também ainda algum Bem e ainda bem, exploram-se os direitos humanos e tudo tem de ser dado conta, em conta, tudo tem de ser publicitado, como se as pessoas não tivessem já os seus princípios religiosos, tudo corre ao lado do mendigo romeno de mão estendida e é o cientista social que lhe dá cinquenta cêntimos, justamente aquele que mais precisa no seu empreendimento microcósmino...

CONCLUSÃO

Na verdade, como dizia no ensaio anterior, porque escrevemos? Porque escreve o autor? Porque temos de fazer relacionar o popular com o erudito, i.e., as culturas primitivas com o classíssimo europeu, põe exemplo? Poderão algum dia os antropólogos escrever bem, mesmo sob os cânones da erudição europeia, ou seja, realizar o que está implícito na obra de James Clifford, "The Anthropologist as an author"? Por outra via, perguntamo-nos, alguma vez será o antropólogo um autor, não será apenas e tão somente, tão maravilhosamente, um tradutor? Porque na escrita se concede e concisa o mundo, o mundo do autor, os mundos que aqui e ali estiveram

antes dele, os mundos que ele semeia pela palavra e pela sua presença, nervosas, lhana de nervuras sociais, mesmo em trelação às crianças, como se estivesse junto, como um anjo, ao cendenado no corredor da morte? (“Last Man Standing”)... Portanto, somos todos um pouco como Saulo, ou Paulo de Tarso, desafiamos o Deus mesmo que Ele se manifeste das mais variadas maneiras, até pela palavra, a Sua e a Nossa, num lugar mais inaudito, que cabe ao homem preservar, acolher e desenvolver, não impedindo Deus (nunca!) de o Homem fazer o que ele bem quer e entende, só que lhe dá o benefício da dúvida, porque todo o homem quer, em certo sentido ser Deus, um deus, Ele, sem no entanto se deixarem humilhar como Ele e pregar-Se numa cruz, sofrendo até à morte por ti, por mim, por todos nós. Se é facciosa a Igreja? Se há outras religiões? Claro que cá, mas esta é aquela que vai estando por cá, dentro de mim e de Ti, por isso somos irmãos...

A Norma e o Desvio: Distintas Formas do Ser

Resumo

A norma é a minha norma, o desvio é do Outro, o outro está sempre enganado, ou seja, a norma também pode ser a norma e o desvio do Outro, enquanto acho sempre que estou certo. O problema é eu ter sempre razão (Schopenhauer), ou seja, se Cristo teve razão eu também posso ter, baseado n'Ele ou fundando uma nova religião, uma nova Igreja, como já fizeram muitos. E para que propósito? Não será, antes de mais, para garantir mulheres, descendência, memória? E se acredito no outro mundo, logo esses itens levi-straussianos serão teoricamente dispensáveis... E, no final de tudo isto, não serão norma e desvio distintas formas de Ser?...

Desenvolvimento

1. MAL OU BEM...

O mundo está cheio de pessoas que te dizem como deves viver e só te apercebes que estás sendo feliz quando te habituas a pensar por ti mesmo, não dependente da opinião dos outros. Então, o que é a felicidade? Coisa de pessoas ingénuas? Coisa do poder? É muito relativo, enquanto uns vêm na norma a sua afirmação pessoal, outros a vêm no desvio. Mas, na verdade, o que é a norma? A norma moral? É coisa moral? O Direito? O Bom-Senso? O prestígio, status e afirmação. Portanto, o Bem é relativo ao Mal, ou seja, só é Bem porque o outro é Mal, Mau? Da mesma forma, se a Norma é entendida como Bem, o desvio é entendido como Mal...eis uma perspectiva verdadeiramente antropológica, isenta de preceitos morais, que vamos desenvolver neste ensaio.

Depois, o horizontal e o vertical, ou seja, não é só no futebol que há verticalidade nas jogadas, podemos ter uma relação com Deus em termos verticais, ignorando os irmãos, "twitando" projecções para o alto, que a maior parte das vezes é o vazio e podemos ter uma perspectiva horizontal da vida e dos irmãos, da religião, de Deus, ou seja, Ele disse, "Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos..." Porque quando

estamos encostados uns aos outros, tudo parece simultaneamente mais fácil e mais difícil e tem a sua devida eficácia, concerteza... Portanto, acabando este item, a fé em Deus é quase sempre fé no Homem, numa certa ideia de homem, logo ideal, logo numa certa filosofia de vida...

2. O SER DISTINTIVO, DIFERENCIADOR

Então, porque é que o comportamento sexual é uma bitola do social? Porque tendemos a moralizar tudo o que nos acontece, que acontece aos outros? A norma é o pensamento religioso, o pensamento militar, correto, por relação a outrem? O que é afinal a norma? Não é uma certa forma de coerência intuitiva sobre o si-mesmo, o mesmo? E o que é a norma? O Direito? Não vai o pensamento religioso além disso, instituindo o ascetismo como dever de parangona em relação ao Outro? Porquê regular o social, num regime de etic, como falam os antropólogos? O homem, procurando resolver o que se passa dentro de si...

O Estar aqui, aquém, o Estar aqui, além o estar além são modalidades do ser, como o desvio o é, como a norma o é, mais adiante um e outra se encontro, não se sabe bem a que propósito, com que intenção. Muitas vezes, por seres antropólogo, viram-te sofrer, mesmo nas instituições psiquiátricas e nada te disseram, nem uma palavra de alento e coragem, raramente tiveste nessas instituições psicólogo, tinhas o teu psiquiatra a quem pagavas barras de ouro e assim continuaste, as pessoas nunca estão satisfeitas, costuma-se dizer que Cristo, que foi Cristo, não agradou a toda a gente e ainda que o teu ascendente zodíaco dite a vontade de agradar a gregos e a troianos, acabas por sofrer mais e mais nesse processo de construção social, de identificação das variáveis do relacionamento humano. Por isso, estás cheio de feridas, quase silenciado...até um dia em que te virás libertar de tudo isso, por ti mesmo, sem meios nem ajudas de ninguém, como um semi-deus que até gosta de uma boa brejeirice, porque aqueles que estão no poder, sabe-se lá Deus como serão...

3. PODER E BREJEIRICE

Ora, a ciência social é neutra, não há mal nem há bem, mas a agressão é moral, logo eivada de conteúdo, ou seja, quando insulto alguém ele fica-se detido na sua honra, face ao que faz, ao que fez, algo de mais ou menos digno ou heróico, logo digno de nota para o outro. Para isso há medalhas, há reconhecimento social. De um momento para o outro, uma chamada telefónica feita com uma certa brejeirice acaba por custar a reputação do funcionário público, do político, do senhor do banco, porque há

sempre alguém que gosta de condenar e que vê o argueiro na vida do outro mas não vê a trave na sua. Esta é a lei religiosa, depois há a civil. E há as boas maneiras, o bom senso. Muitas vezes essas pessoas têm falta de afecto, talvez porque nunca o conseguiram demonstrar...

O humano, em geral, segundo a biologia do comportamento, quando está em baixo, culpa sempre o outro, isso é certo e sabido, raramente se culpa a ele mesmo. Ou então culpa Deus, que é o mesmo que sacudir a água do capote, como diz o meu irmão, habituado às lides da gestão. A culpa vem com a modernidade, um pouco mais ou menos entre as duas grandes guerras. O homem sente-se culpado no horizonte do desenvolvimento alcançado, porque não encontra Deus no final do caminho, como esperava, encontra-se consigo mesmo e com todos os seus fantasmas, ou seja, ele quer ser Deus mas não tem arcabouço para tal... Aí começa a brejeirice e as mulheres, quando não os homens, por entre ficar adstrito à sua individualidade e o suicídio moral, ele prefere a turba, misturar-se, como o Carnaval brasileiro, ou seja, depois da privação a abundância, o *potlatch*.

4. SENSIBILIDADE E BOM-SENSO

Mas, por outro lado, a questão também é a seguinte: deves alguma coisa a alguém que não te dá valor, nem sequer os bons dias? Isso não é direito nem propriedade intelectual, é o mais comum do bom-senso...Porque as pessoas nunca estão comumente satisfeitas, ou seja, na cidade, os consensos são mais complicados, numa andrajosa forma de caminhar que roça o policiamento a ver se tudo corre bem... E não vale a pena insistir, é mesmo assim, onde se concentram muitos humanos acaba por haver sempre confusão, mais tarde ou mais cedo, com o uso ou desuso da linguagem. E, ainda assim, a internet está ligada, está a correr, está acesa nesta democracia global que não conhece descanso, por isso as pessoas quebra e abandonam a cidade, por motivos de saúde psíquica e até financeira, ou seja, tanto investiram que o retorno foi meramente simbólico...apenas toleram a tua presença, de tão habituados estão de sacar sentido de tudo e de mais alguma coisa. Aí, tu conheces uma forma de resistência e até vitória, na perseverança que trazes do norte, bem lá do norte, onde há muitas boas qualidades de carácter...antes de mais um forte e claro sentido de justiça...

Depois, a instalação não é de arte, mas de vizinhança, que não existe nem se promove senão no âmbito da compra do jornal ou do tabaco, ninguém se muda para a Lapa, se a coisa é assim tão importante, deixam-se estar, com as paredes a rachas e a água a infiltrar-se pela placa, ou seja, estamos a definhar, a padecer, a sofrer, mais

ainda assim há tempo para desconfiar do vizinho que se desloca na sua casa, a cinco metros de distância...ou seja, sou animal, mas não tanto, ou ainda mais animal que tu!...Eis aqui um bom tratado de etologia, sociobiologia, ou biologia do comportamento, aliás, Konrad Lorenz ficaria surpreendido com o que se passa por aqui, cuspidelas no chão, merda de cães por todo o lado, grande cidade, ah! Lisboa, sai de dentro para fora e não volta a entrar, cidade lassiva, lascívia, onde tudo é permitido desde que não se confrontem uns com os outros, desde que não se saiba quem tu és... Costumes?!...Então porque condenadas a cidade nos eu geral e não no particular, uma pessoa ou outra? Porque eu tenho um sentido agudo das minhas limitações e, sobretudo, porque não tenho advogado...

5. CONVIVENDO COM A LOUCURA

O que interessa, de resto, em contextos urbanos, não é a sinceridade nem o esforço, mas a oportunidade, o olho para o lucro, o tiro, o furo, nem que seja jornalístico, como se tanto se amassem uns aos outros como quisesse verem-se mortos uns aos outros... Depois, passas a não te desgatares demasiado com a opinião dos outros, sobretudo daqueles que não te falam, não te dizem os bons dias, não te desejam Bom Natal, Boas Festas, se calhar até nisso têm mais coração os miúdos chineses da loja da rua acima de ti... O tempo causa sedimentação da memória, mas também dos sentimentos, por isso é tão notável viajar, porque vemos sempre pessoas diferentes e, na verdade, o mundo anda à deriva desde há alguns anos e tudo começou com Mega Ferreira, com a EXPO98, aí, graças a esse notável homem de letras, o mundo até então conhecido tornou-se desconhecido, ou seja, há sempre qualquer coisa a descobrir, nos países, nas gentes, nos costumes, por isso o Português não fica muito tempo na sua pátria, na sua terra, porque ela é, antes de mais telúrica, outras há concerteza com esta, mas esta é particular, pois contém em si uma semente de universalidade jamais vista, original, tolerante, andante, viajante, porque, afinal o que interessa são as pessoas, em suas lamúrias e regaços, em sua deliciosa brejeirice e a forma como saltam desse registo para um ascetismo digno de António de Lisboa, porque sim, o mundo anda em trânsito, humanos andam em trânsito e eu mesmo tenho pena de não ter viajado mais, quando no fundo sou apenas mais um francês espanholado numa terra que ainda não me impediu, mal ou bem, de escrever...

6. O LASTRO DA MEMÓRIA

Todo o ano tem um sentido de diligência em si mesmo, seja por si, por sua “limitude” (a expressão é minha), seja por outros, por estar subordinado, por relações de trabalho ou de afectividade, aos outros, por meio de um contrato social, no caso casamento, ou por um contrato laboral, este mais estreito quanto às obrigações morais. Mas...dizem-nos os antropólogos, o que é moral, é económico, pois equaciona, *virtualiza* (torna a dispor, torna e retorna ao dispor, ou seja, instala mais adiante em termos de disposição), no mundo real, um senso de uso, uma razão de uso. Anselm Jappe analisou muito bem esta questão economico-filosófica em *A Teoria do Valor*. Ou seja, eis mais uma vez o *dasein* no espaço público, ou seja, como diz Tolentino de Mendonça, tudo está ao dispor e se disponibiliza, quando estamos enfrontados nas máquinas virtuais e não sabemos conversar uns com os outros, sendo que é tolo aquele que vai contra a corrente, ou seja, está fora do tempo e do momento presente. Porque o tempo é momento e não adiante andar para trás, por isso deixamos afixar num registo de velocidade (Paul Virilio, *A Velocidade da Libertação*). Mesmo o sexo é feito à pressa, ante as considerações dos vizinhos, não há tempo para romance, para espera e desespero que dá valor ao encontro de dois seres, é preciso mais, sempre mais, como a carreira de Cristiano Ronaldo, que não se sabe onde e como irá parar, pois ele procura isso mesmo, um ritmo de velocidade que roça o impossível, logo, a conquista do espaço (este e aquele) por meio do que é humano. Assim, o ser escravo dos outros é o ser que agrada aos outros, que faz parte da tribo, do grupo, do bairro, da nacionalidade. Sendo assim, defendo que não vivemos em democracia, mas numa espécie muito particular e mais ou menos refinada de ditadura, a ditadura da imagem e da opinião, ou seja, todos procuram a boa representação social, que represente o que eles são face aos outros, mas os outros já estão noutra, ou seja, tanto acabam por denegrir os outros quanto acabam por se meter eles próprios em sarilhos, digo mais ou menos legais, porque há uma distinta consciência dos limites e que está sempre a puxar para cima, para novos valores e novos ideais. Eis, então o valoroso papel da memória, se és injustiçado, ninguém te incomoda, para bem e para mal, a sociedade há-de dar-te algum tipo de recompensa, nem que seja a paz de andar no Centro Comercial como se nada fosse, seres um cidadão útil e respeitado, respeitador...

7. BEM E MAL ENQUANTO DESVIO

Sou, então, apologista do desvio, do descuido, se quiseres, da infracção da norma como afirmação e vontade libertadora de sermos melhores. Agora, depende da forma, depende da infracção. Há direitos básicos, mas também necessidades básicas, até para os sem-abrigo. O homem, sem dúvida e pragmaticamente, aprende com o desvio, com a infracção, mesmo no ambiente escolar é assim, como referia nas aulas de Antropologia Social Raúl Iturra. E aquele que infringe é, na verdade, mais cioso do direito dos outros, veja-se o espírito de grupo que certos reclusos mantêm e desenvolvem depois das suas penas, desejando sinceramente integrar-se na sociedade, levando uma vida pacata e sem problemas demais. Eis-nos chegados a um ponto importante, ou seja, há que escolher entre a maldade do desvio e a arrogância e hipocrisia do Bem, ou seja, é nesta relação mais ou menos volátil que se regista e desenvolve o que é genuinamente humano, na articulação do sujeito com o grupo (que começa com o ambiente familiar), primeiro e o conjunto da sociedade, depois. São esses os níveis (societais), que o sujeito tem de cumprir, entre avanços e recuos, de forma integrar o seu corpo na sociedade. E é aqui, neste ponto fulcral, que eu discordo de Michel Foucault: a sociedade não é punitiva, não é uma órbita de esferas de poder, nem mesmo Hegel tem razão na sua lógica do senhor e do escravo, pois esta é apresentada como estática e ela é, determinando o contexto, dinâmica, ou seja o poder pode ser ridicularizado, posto em jogo, em equação, pela brejeirice, justamente. Como já disse a alguém, a vida, mesmo a biografia, não é estanque, nem é uma linha recta a negrito, ou seja, é qualquer coisa que mete também itálico, sublinhado e às curvas e contracurvas. Não é, em última instância, a linguagem...

8. PORQUE PERTENCEMOS

Porque temos de provar umas aos outros que pertencemos, e isso, o pertencer, essa sensação de estarmos em grupo, fazer parte, dá-nos uma sensação mútua de liberdade e pertença, ou seja, de identidade relacional que tem que ver com os nossos maiores e mais primitivos instintos de grupo e sociabilidades, anteriores mesmo às formulações de um Aristóteles. Talvez o segredo, para o cientista social, esteja resumido num pequeno texto de Max Weber, “A Libido do Cientista”, coisa que já Pierre Bourdieu falava ao “falar” dos desejos “murmuriantes” dos académicos transportado do cenário dos corredores, entre quatro paredes, para o campo, o desenho e o desejo societal, pois o cientista social é um pouco como o padre, retém o desejo para o desdobrar e se desdobrar a si mesmo uma dimensão societal, estética...

Foi um pouco este o ambiente que apanhei no ISCTE e devo dizer que não me bastam as saudades que tenho, devo dizer que, naqueles anos, Portugal cresceu às golfadas como um golfinho em mar aberto, ou seja, muita coisa de boa foi feita nessas primeira década de ISCTE. Jamais poderei sacudir do meu ser as experiências que lá vivi e me permitem ser um iscteco, embora esquecido, o meu coração está lá, nesses anos oitenta, quando oiço Gene Loves Gezebel e a rádio M80, mas também está cá, por cá, em *dasein*, ainda projectado para o espaço social do aqui e do agora...

Também as Letras me fizeram bem, foram anos de muita tensão criativa, entre literatura e teoria social, filosofia e alguma poesia, como o foi na Nova, durante quase vinte anos.

9. UMA MESCLA DE CONHECIMENTOS

Ainda guardo, por isso, a minha camisola de caloiro, com um original desenho de um jovem a irromper com sua voz através de uma parede. A minha voz ainda não se calou e talvez nunca se calará, diante da injustiça, diante daquilo que considero ser ou poder ser uma sociedade melhor... Porque o cientista social é aquele que fala quando todos os outros se calam, estão calados seja por interesse seja por delicadeza e polidez. Mas a sua voz não vai a destempo, vai oportuna, pois é preciso não perder a marcha da sociedade e percebê-la, perceber os mecanismos de como é que elas evoluem num sentido, enquanto outras evoluem noutro, é o homem no fundo a desenhar o seu destino, a consertar-se a ele mesmo. Tal tarefa é por vezes árdua, pois muitas vezes te podem cuspir na cara ou ao passarem por ti, como se fossem um legionário, um cristão renegado, como se não tivesses coração. Mas, em todas as actividades e profissões há senão e este é apenas um deles, ou seja, não ser imediatamente compreendido. Os filósofos têm outros desafios, alguns deles já os abordámos em "A Função Social do Filósofo" e talvez abordaremos de novo mais adiante, noutros ensaios. A norma, portanto, pode ser o desvio sob outras formas e vice-versa, ou seja, os juristas entendem isto muito bem, melhor do que, mas eu dou uma ideia antropológica de como o costume se insere na vida prática e ora condiciona a volição e representação do sujeito, ora o arrastam para circunstâncias bem mais nefastas, independentemente do dilema "virtudes públicas/vícios privados"...

CONCLUSÃO

Sim, a certo ponto e em certa medida, sentes-te farto, farto de tentar, farto de não ser retribuído, farto de promessas vãs e ninguém que se assumia, por ti e por ela mesa. Assim, vais pensando em te vingar dessa cidade que não percebes, dessas pessoas que não te dão os bons dias, que têm quezília contigo e com os teus pais, o teu pai, principalmente, muitos deles são racistas e queriam ficar nesta ocidental praia lusitana para sempre, em regime de exclusividade, quando na verdade precisam dos outros, dos espanhóis e dos franceses, dos italianos e dos gregos, para lhes darem valor, porque a sua auto-estima, o seu modo de fazer as coisas, é demasiado solipsista, demasiado triste no seu fado... Eis, o tipo de Lisboa: plano de fervor, inchado, promíscuo, tipo macho alfa de Alfama. Não o combato, tolero-o. Até o compreendo, em certa medida, equacionando se alguma vez deixarei de ser nortenho, parisiense e se continuarem a adaptar a esse tipo como um preservativo se adapta para melhor protecção... Depois, constato que ele é assim, mas constato também que a maioria é pobre e isso chama uma certa chama ao coração, coração mole como eu tenho e até o ajuda a erguer-se, porque tudo isto são **(m)odos** do Ser Odos, em grego, refere-se a “caminho”, ou seja, no grado, caminhos do Ser, maneiras de ver, se ser, de conceber a vida e os outros, na verdade, na praia ninguém dá muita importância a ninguém...

É a cidade. E tu concebes isso, uma cidade do sul, onde ninguém quer saber e acham que Deus lhes patrocina e salganhada que fazem entre as pessoas, com as pessoas, mas isto até que não vai mal, ou seja, em terra de mouros não é fácil ser-se cristão, e se já levou mais de trinta anos, não levará muitos mais até se manifestar uma certa forma de afirmação, mais ou menos política, mais ou menos simbólica, isto em termos do metro desenha-se de uma forma que a solidão não dure para sempre e tu possas fazer história e até te casares, aderires ao contrato social, depois de tanto tento de tempo, intento e tentativas.

Ainda o direito à privacidade, como se não soubesses que, se queres ser famoso, tens de aturar os outros, mesmo aquele do pobre canal de futebol que só dá jogos da distrital, ao lado do outro que tem dois ou três jornalistas e não sabe que fazer senão debitar jogos da liga alemã ou francesa. Assim andam os media em Portugal, em roda viva, transmitindo novelas e trivialidades de que todos se alimenta, enquanto os cientistas sociais, ciosos da sua profissão, se escudam e escusam de ir à TV falar de suas descobertas, porque, aliás, os jornalistas não fizeram ciência social...sociologia, geografia humana, história, antropologia, psicologia social...estamos atritos a um país anquilosado e adiando, a vários títulos, lhenos de injustiças e incoerência.

A perda do critério: ensaio sobre o devaneio patológico do não-ser e não saber-ser

Resumo

Em busca do critério perdido anda o homem de hoje, melhor, o género humano, tanto neste como noutro contexto etnográfico. Muito há a fazer para um etnografia filosófica, tirar dos dados quantitativos ilações mais ou menos lógicas, tentar perceber se o homem está perdido, ou seja, desorientado, sem referências, ou se o sinal de todo este desvario pós-moderno, ultra-moderno e supersónico é sinal de que ele vai além de si mesmo, no fio do tempo e da velocidade-luz, daqui e dali para um espaço posterior infinito, que trai as permanências e premências da Coisa-Terra.

Desenvolvimento

1. O Homem Desvairado

O homem de hoje está desvairado. É o que se diz. Perdeu o critério. Mesmo os EUA, ainda a nação mais próspera da terra, tem inúmeros problemas sociais, mentais, a população paga um preço caro com a liberdade em democracia. Não estará o índice de desenvolvimento em correlação com as mais diversas patologias psiquiátricas? Como se o homem, quanto mais rico for, mais aumenta sua preocupação, isso ao lado do pode, político e na esfera pública.

Estamos falando desde o nosso ponto de vista, ou seja, uma TV na sala de estar, com canais internacionais, a maior parte deles americanos, outra TV no quarto, que tem apenas os canais da Televisão Digital Terrestre e depois o rádio, ao acordar e ao levantar, a Rádio Maria ou M80, por vezes a rádio Estádio e a Comercial e ainda a RFM, pela além da Rádio África. É o fio da escrita que nos conduz até aqui, gostaríamos de nos divertirmos mais um pouco, falar com este e aquela, mas ficamos assim, mais ou menos aconchegados com o peso da teoria, tentando dar índice e critério a este ensaio. O não ser tem que ver com a capacidade de alienação que o ser humano pode

suster, mas nunca é total alienação (ou seja, tornar-se Outro, desmentindo a sua identidade), porque o homem se aliena principalmente em função de um sonho, nem que seja de vingança face a uma honradez perdida. O não-saber tem que ver com a insatisfação face à realidade, uma realidade que se esvai por entre os dedos numa praia de paz e concórdia à primeira vida, mas cujos subterrâneos estão sujos de ratazanas e animais moribundos que andam de um lado para o outro comendo-se uns aos outros. Dante pôr isto muito bem, entre outros, talvez Conrad, Twist...

Pouco tempo depois, a partir deste contexto etnográfico que tem sido Lisboa, quanto mais solidariedade existe, mais eles se comem uns aos outros, ou seja, quanto mais próximo estão, acabam em autofagia, mas também não há grande sentido de comunidade, o que é que se vai fazer? Talvez deixar andar, adaptarmo-nos e resistir à tentação de cair num lugar melhor, porque por outro lado é bem pior e o sujeito não pode estar toda a vida a tentar adaptar-se...

Fala-se de uma filosofia da suspeita. Mas há também uma antropologia, da suspeita, da suspeição, da conspiração: o modo conspira para seres feliz e não descansas enquanto não conseguires, porque apesar de pareceres a-subjetivo, ou seja, um tipo sem carinho, demasiado alheado dos problemas concretos, és um tipo que dá atenção a tudo, um sujeito a quem tudo interessa e isso é pouco vulgar nos dias que correm, pessoas que se interessem pelo andamento do mundo, que saem de casa única e exclusivamente para comprar o jornal, que têm uma perspectiva poética, da vida, do mundo, da existência, que respirar em céu aberto como sorvem o seu cigarro ao pé do gato...

2. A Pulsão Essencial

A terra é pulsional como a mente, o homem perde a razão, anda de explicação em explicação, para se sentir convencido e quando lê Osho acaba desvairado, como se estivesse estado errado todo o tempo do passado e da sua existência mais ou menos verificada. Sim, o homem ocidental, sobretudo o americano, tem sede de verificação, as patologias desenvolvem-se e uns tantos ou quanto que haviam sido motivo de chacota, acabam por se curar, porque a doença é mental, passou por eles como se nada fosse, como se tivessem, afinal, com a experiência da doença, ganho mais alguns

neurónio que a medicação não foi capaz de domar. Têm esse sentido de sobrevivência, uma paz, como se parecessem subservientes, mas não o são, na verdade, porque a sede de verdade atravessa o seu espírito, conjunto a uma sede de coerência face a um certo projeto de vida...

Sim, o medo instala-se, atravessa paredes e tentamos disfarçar com a TV ligada, entrando num qualquer registo coletivo ou lamuriando a merda que os cães deixam no chão, fazendo ver que ou as pessoas se respeitam ou não respeitam, há maneiras de ser que nunca se vão alterar e muitos do norte tomaram ser como nós, que vemos boa coisa na coisas de um dejecto no passeio em frente à porta de casa, esmagado por um transeunte incauto.

__Quando não dizes nada, pareces antipático, aproximamo-nos de uma sociedade muda de tão grande é a cacofonia fenomenológica dos dias de hoje, ou seja diz tudo ou não se diz nada, pois, quando não dizes nada és covarde, rato, quando dizes alguma coisa és ouriço e ingénua, não sei bem qual das duas...

3. HONESTA INDIFERENÇA

Não vêes honestidade na maior parte das pessoas, apenas surpresa e aquilo a que poderíamos chamar de “honestia indiferença”, ou seja, de um modo de tolerância que advém do contexto e que vinca transformações societais e modos de ver, de fazer, de comentar. Hoje em dia tudo tem uma opinião sobre algumas coisas e fazem-se teses sobre os assuntos mais ridículos que se podem ajudar, só para ajudar a promover carreiras, das bolsas a desbaratos a miúdos e miúdas que nunca fizeram trabalho manual. Mas, há muito que não conseguem sair dele porque nunca arriscaram, por exemplo, um seminário, uma formação clássica. É destas coisas que falo. É a noção de *vinco* no seu melhor, associado a estoura de *marca*, ou seja, enquanto uns *vão* ao de leve, outros querem deixar uma marca neste mundo, ou seja, deixar vincado um ponto de vista sobre a vida, os outros, o mundo, si-mesmo, de certa maneira. Como se costuma dizer, “já passaste das marcas”...

Mas...será essa indiferença, que se patenteia mais no metro do que noutras formas de transporte público, verdadeiramente honesta? Cada qual vai metido consigo mesmo, ou seja, com o *ifone*, o *ipad*, o *tablet*, pouco importa aquele que vai a meu lado e não se fala com estranhos, pode parecer até ofensivo ser-se bom, falador, ingénua, ter bom coração, e porquê, não há sentido, há uma perda de critério, ou seja, de norte, sendo que o desnorte é total, talvez pelos ajustes que o cosmopolitismo tem de fazer, de uma maneira ou de outra, ou seja, enquanto muitos têm muito

(dinheiro, valor, status), outros têm nada ou quase nada, sendo que a arma destes é mais poderosa e escatológica, ou seja, Deus... Ele impede-nos de ir ao reino do não-ser durante vários dias e orgulha-se de sermos como somos, assim, dessa maneira, honestos conosco e com Ele...mesmo com dores de cabeça, procurando sobreviver honestamente, ainda que seja com a ajuda daqueles que devem e podem ajudar, ou seja, a família. Mas também é essa “anonimidade” do metro uma forma de não-saber, pois nem todos se interessam pelas coisas sociais, pela coisa pública e a deixam ao critério dos políticos, que têm caminho livre para roubar e mais roubar, a torto e a direito, em linha reta ou aos ziguezagues.

4. IMAGENS QUE SE SORVEM

Assim, giram em torno e por cima de nós “imagens que se sorvem”, ou seja, se o cérebro comanda os nossos dias, os nossos pensamentos, as ideias, imagens, princípios, são comida para nós, mais do que aquela que metemos pelo esfago dentro com direção ao estômago. Ainda assim, há aqueles que não “sentem” essas imagens que não se apercebem delas, que até não lhes dão valor algum, de tanto que andam à toa. Mas há aqueles que lhe dão excessivo falar e esses talvez sejam uma espécie de *artistas patológicos*, são os que mais sofrem, talvez em nome daqueles que não querem saber. Mas a biografia, a existência, altera-se ao longo da vida e podemos experimentar essas modalidades do sentir psíquico de várias maneiras e várias vezes, sucessivamente ou não, ao longo da nossa vida...

6. LIVRE- ARBÍTRIO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Pretendes, então, deixar um vinco no vão da existência, uma marca na vida coletiva, estás convencido de quem aceder ao inconsciente coletivo acaba por se tornar Rei, o Chefe-Mandão disto tudo, o Bi-Men. É o que tentam fazer certos políticos, Putin, por exemplo, mas também o líder chinês, a antropologia, que parece a mais inocente das ciências e a filosofia, a mais plácida forma de existir, revelam-se auxiliares do poder económico, incluindo até casos de espionagem, sob várias ordens, grande poderes materiais a que elas estavam de início vocacionadas a servir. Mas, sempre foi assim, na verdade, por isso o antropólogo tem o prestígio que tem e não aparece, e o filósofo só quando lhe apetece. Têm consigo o poder da palavra e maior forma de poder não pode jamais haver, pois é algo implícito desde o fundo dos tempos ao homem. A mensagem que se passa, ganha direito a existir, o resto é o imaginário social que o faz...

O cinema norte-americano mostrou isso muito bem, ou seja, é preciso sofrer para ganhar e, mesmo na nossa sociedade, há o receio, o tabu, de ser pobre, *ideia-coisa* que atravessa toda a sociedade ocidental, talvez porque se tenha perdido um certo traço cristão na nossa vida colectiva e a Igreja não seja tanto centro quanto escape, ainda por cima sem sexo... portanto, como pode haver liberdade de expressão numa democracia, como a nossa, se a mensagem, a linguagem, é um vírus que perpassa todas as falas, todas as ideias, são sinais dos tempos, podemos dizer... Será que livre-arbítrio e liberdade de expressão são uma e a mesma coisa? Eu posso julgar, ou não julgar, posso reagir ou não reagir, virtudes públicas/vícios privados, ou seja, há sempre qualquer coisa que nos queima nos pés, por mais alto que subamos, repare-se o que aconteceu recentemente com Ximenes-Belo. Terão sido necessários programas como Big-Brother, as redes sociais, para percebermos que essas redes são virtuais e não reais, ou seja, não são redes sociais, mas redes virtuais?!...

7. A SOLIDÃO DO HERÓI

O herói vai onde outros não vão, veja-se Pélé, Cristiano Ronaldo, ou outros, desde a banca à cultura. É como conquistar território novo, que não pertencia a ninguém, no pensamento não há índios ou maoris, é terreno amplo e muita gente não quer deixar a segurança da sua vida ou, por outro lado, fazem mais do mesmo com suas vidas, são como as ovelhas, juntam-se a outros, talvez pelo receio permanentemente trémulo da finitude, pois querem aproveitar as coisas boas da vida, sendo que essas coisas estão dentro da tua cabeça...

É essa “nevrosidade” do saber mental que eu procuro, ou seja, o índice mais próximo da verdade sem realmente a ferir, sendo que a maior parte das feridas que tenho são da mentira e inveja de um dom que se tem e se vai afinando ao longo da vida, não sem com muitos problemas polvilhada.

Talvez estar só seja o derradeiro privilégio do homem de hoje, que se arremete para a multidão, para se misturar, por culpa de não ser tão associativo quanto os outros, ou seja, por receio de não procriar ou minimamente ter intercurso social e sexual...

Na verdade, a solidão é, a meu ver, uma questão moral, católica desde já, capitalista noutro sentido. Se Deus está contigo, não estás só, estejas ou não só fisicamente, na tua casa, ou fora disso, na rua. Estava habituado a ver as coisas, os problemas da vida, com mais frontalidade, de frente, sem ziguezagues, de certa maneira não perdi isso, pois tem algumas vantagens, antes de mais para a escrita que

vou fazendo ao longo deste últimos dez anos, talvez vinte. Mas percebi, em Lisboa, que há muitas voltas a dar antes de ser-se reconhecido, pelo menos por aqui, em português. E cá vou andando, nos meus ziguezagues e reviegas, esperando algum dia esse reconhecimento, mas se ele não vier, vou aperfeiçoando a obra, porque como nos monges e frades do convento, eu tenho todo o tempo deste mundo, se não me acontecer alguma surpresa e for atropelado à porta de casa...

Ao lado da luta pelo status, devidamente animal e ecológica, há a necessidade de relaxar, destressar, como naquela discoteca, a *Stressless*...os hindus não precisam de relaxar porque não stressam, mas vão aprendendo a fazê-lo dada a crescente proeminência em cergos públicos e políticos. Sou a favor...

8. OMELETES SEM OVOS

Diz o povo que “não se fazem omeletes sem ovos”, mas o povo não é sábio para todas as coisas, especialmente o momento, aí entre o artista, o poeta, o criativo, como um Fernando Pessoa, no seu tempo. Na verdade, o artista, plástico ou escultor, o poeta, todo ele é emoção e grito vindo do fundo do Ser, outros, que fazem umas grafitadas, apenas se aproximam desse bem-estar e realização do verdadeiro artista ante a sua obra e a ansiosa pressa de serem conhecidos. Em serem reconhecidos. O artista faz, então, omeletes sem ovos, alguns até fazem ovos com ovos, o que é bem mais surpreendente e digno de nota...

Em tudo isto, os pensamentos dos fundilhos arrastam a sua mente para pequenas percepções, coisas que aprende a evitar mas que não destacam da sua cabeça talvez aí esteja a sua estranha forma de ver, de viver, estranha forma de pensar, como se saltasse uma mola de todas as protuberâncias excecrais e dessa resultado a uma bela prova, para ser apreciava em saraus de vinho, passas e amendoins...

Portanto, tens sempre no teu ouvido uma voz que te diz “esse gajo é doido” e tens de prosseguir, pois, segundo Schopenhauer, esse tipo não tem razão, está mais preocupado com o Outro do que com ele mesmo, ou seja, se te preocupas contigo mesmo em demasia és egoísta, se te preocupas demasiado com os outros és bombeiro, que é o mesmo que dizer, altruísta. Sabes como o mundo funciona, fatalmente, como repará-lo de todos os seus males, mas fatalmente ou não, não sabes como funciona o teu mundo pessoal, mormente a tua área afetiva. Portanto, ficas à espera, fazes o que sempre fizeste para sobreviver, mais do que isso, para viver além (do mais) uma vida plena e frutífera, divertida e bem humorada, até. Essa voz persiste, não te deixa em paz, tomaram conta de ti, entraram na tua cabeça mas não te conseguiram iludir

muito mais vezes, susténs a respiração da tua consciência por mais e mais tempo e descobres uma maneira de sobreviver, duas, três, muitas mais maneiras de sobreviver, pois se não estivesse aqui, não estarias ali, poderia dizer Heidegger ou Deleuze...

Portanto, o boato tem essa dupla face, como a moeda tem cara e coroa, mas cuidado, há um friso que a faz rolar, senão ela se estatelaria no chão ou na palma da mão. Uma moeda não se arrasta, ou seja, não muda de sítio por um pontapé que lhe dêmos, mas vai em pé, por meio do friso. Assim vai o boato, entra em pantufas e sai de caneleiras.

9. A NÉVOA QUE CHEGOU

Podes dar importância ao que os outros pensam, mas podes também não dar importância nenhuma. As duas posições estão erradas se tiveres critério, ou seja, se souberes ser fazer, saber, se souberes articular devidamente as mais diversas categorias da natureza e do entendimento dos humanos que és.

Um dia conheci um velhote alentejano que dava por nome Touro Sentado, ele escrevia poemas com os de António Aleixo e deram-lhe esse nome porque estava sempre sentado, a meio da tarde, no meu lugar, na praça principal de Penedos, a sua aldeia. Um dia resolvi lá ir, para o ver, saber da sua obra. Ele disse-me: “Sabe porque estou sentado no mesmo sítio à mesma hora?”, “Não sei, meu caro autor”, “Um dia um sábio que encontrei nos meus vinte anos, disse-me: faz obra e senta-te nela” “Eu aqui estou, a esta mesma hora, estou aqui sentado sobre uma filha de livros que vou vendendo a quem passa, não pus nada ainda na internet e nas livrarias, sou eu que vendo os meus livros”. Na verdade, fui ver, ele era um autor conhecido dos meios literários e até cinéfilos e estavam, sim, muitas obras suas na internet, mas não para vender nem para fazer download. Quem quisesse ter uma obra do Touro Sentado de Penedos, em plano Alentejo, teria de se dirigir ao seu próprio autor e ah! Que aventura! Que privilégio conhecê-lo!”

Era, na verdade, como uma névoa social que havia desaparecido do mata e se instalara no sobrolho daquele homem e o obrigara a ser cego, isto para ver melhor, pois também diz o povo que “em terra de cegos quem tem olho é rei”... Na verdade, os cegos, há que distinguir os de nascença e os “adquiridos” tem uma forma de saber bem especial, talvez mais conceptual do que a maioria do vulgo e tal tem que ver com a

forma como pensam e encadeiam os seus pensamentos, mais sobre uma base conceptual do que propriamente gráfica, tendo em conta os tipos da tipografia.

CONCLUSÃO

A contrário do que a maioria dos filósofos apregoa, o Ser tem que ver com economia, logo, poder, com lógicas de distribuição de pessoas no espaço e com a forma como são adstritas ao seu património, antropologicamente, a sua casa. É esta noção de casa que me vem ocupando desde há alguns anos os pensamentos, as elucubrações, os sistemas sensoriais e afectivos. Por vezes temos de regressar à nossa zona de conforto para não estarmos sempre aflitos, expostos, com o coração nas mãos, seja porque a fama mata seja porque a discrição não faz mal a ninguém, sobre tempo para meditar e descansar a meio da tarde, assim fazia Agostinho da Silva e assim lhe pareciam os dias seres a dobrar. De modo que iludes a mente, que tende a olhar sempre em frente, como um burro com palas, e acabar por a tornear, dar-lhe a forte e fazer-lhe uma surpresa, aparecer do outro lado, face com face...

Assim, o ter e o Ser relacionam-se sobretudo através da economia libidinal, o não-Ser é, em certa medida, não-Ter. Mas...ter o quê e ser o quê, podemos perguntar-nos? Ser uma profissão, Ter dinheiro, logo poder? E que forma é essa de poder de quem tem tanto dinheiro, como Isabel dos Santos? Porque tudo isto hierarquiza pessoas, tal como num sistema de castas na Índia, não é somente uma questão metafísica, ou seja, se vou ou não morrer, e quando, se tenho de provar mais nesta vida para (não) merecer a outra, ou seja, se tenho de ser servo humilde para conquistar a vitória final, ou seja, a outra vida, o meu espaço do além, o meu lugar ao sol? Mais uma vez, o povo diz (inclusive nos Almanques Populares) que “quem tem boca vai a Roma” e, ainda, “nunca santos da casa fizeram milagres”. Mas poderíamos juntar mais dois: “nunca digas desta água não beberei” e “Roma e Pavia não fizeram num dia”...

Entre Corpo e Moralidade Reiterativa:

aspectos de uma relação reiterativa e viciada

Resumo

O espírito diz “não faças”, o corpo diz “faz, faz”, eis como se desencadeia uma lógica que bem pode ser entendida como patológica e que espelha a dificuldade da sociedade actual em o homem (e a mulher, obviamente, e derivados) em se encontrar consigo mesmo encontrando-se com o Outro. Esta relação pode parecer patológica, o homem, quando chega à cidade, procura um par, mas não encontra, logo, acaba por se refugiar na pornografia enquanto entretém, só que nem todo o homem tem a compostura para aguentar a desordem dos corpos, que se acaba por reflectir na vida real...

Argumento

1. A CIDADE ERRADA

Há um certa forma de política no nosso país que vem desde as universidades para o mundo real e está arreigada na mente de maior parte das pessoas, que é a lei de desenrasque, a falta de solidariedade para com o amigos e inimigos, obviamente e que no norte encontra outra configuração e quando falo do norte falo da França, obviamente. A civilização entrou em *clash* total, civilizacional, o homem passou a ter a felicidade ao seu dispor, contudo não sabe o que ela é, tem acesso a tudo, menos à felicidade, no entanto vive uma qualidade de vida que lhe permite dizer que é feliz. Só essa ideia, “ser feliz”, o incomoda, o homem quer ser bem sucedido, por isso o seu comportamento é tão ostentatório. A cultura é uma tortura, talvez para memória futura, talvez pelo momento, por isso, desde as artes às técnicas, o homem repete-se sem fim, num *ritornello* que assim o faz ilusoriamente feliz. Aqueles que estão nos conventos julgam ter a felicidade, ou seja, possuir a felicidade. Só que o ter não faz falta da felicidade, é um estado de espírito. Por outra via, aqueles que têm iates e mansões julgam ser felizes, quando essa felicidade, de mostrar aos outros o quanto são bons, magnanimamente e até artisticamente, é ilusória, mais uma vez, passageira, logo se vai. Devemos então, considerar que o homem de hoje não é feliz, vai sendo feliz, vai apanhando uma migalha aqui e ali, um ponto aqui e ali e fingindo, fingindo

que é para o outro ter inveja e eu sinto-me bem com a inveja dos outros, porque isso me faz sentir superior, mais “Chico-esperto”.

2. OUSAR O IMPOSSÍVEL

Assim, como conciliar antropologia e filosofia, conhecimento popular e saber erudito? Como conciliar sexo com religião? Talvez pensando que o sexo é importante, pois nos faz sentir vivos, há um olhar esganado de uns e desinteressado de outros, digamos que ao sexo nada é indiferente, tudo se aproveita e, nesse sentido, ele é fulcral na vida humana, desde os primórdios da civilização, pois está na base de tudo, desde a procriação àquilo que chamei de *jouissance*. Desde Marcuse a Bataille, de Deleuze a Baudrillard, o sexo passou a ser visto como algo de democrático, de acesso livre a todos, ou seja, palco de legitimação de um desejo primordial, o desejo de possuir. Talvez por isso, ao lado disso, se tenha incrementado a vida religiosa, negando o sexo, vivendo por oposição, no êxtase da negação do corpo. A Igreja esteve na frente de tudo isto e o seu poder é eunuco, digamos assim, sendo que há padres que dizem uma coisa e fazem outra...Padres sem filhos, abusadores...amantes da comida e endinheirados, enfim, modos de vida que se perpetuam nos nossos tempos.

Então, temos na nossa mesa, de um lado, o dilema carne-espírito, que se planteia em termos de sexo-religião e do outro a figura do homem bem sucedido, maquina, máquina de fazer dinheiro e sucesso, no magma da turba anódina... Sim, perdeu-se o critério e aqueles que têm razão estão escondidos, à espera que a bolha rebente, que alguém atire um tiro para o ar, para que algo acontece, uma revolução, uma revogação, nos termos marcusianos, do que é ser-se Homem...

Assim, as categorias de sujo/limpo percorrem toda a sociedade, todas as sociedades, ao longo da história, o seja, o preto e o cigano eram sujos, impuros, isso em termos de uma hegemonia branca, pura, como a luminosidade dos astros, e que eles não mereciam, como os índios, ser considerados espécie humana, humanos *tout-court*...

3. MELHOR O IMPOSSÍVEL

Por isso, em termos sociais, convive o possível e o impossível, a felicidade e a infelicidade, ou seja, duas modalidades do Ser, que a antropologia dá como não morais, ou seja, neutrais em termos do julgamento subjectivo do analista e morais em termos do juízo do teólogo, porque este visa em seu escopo escatológico construir a sociedade, reformulá-la, enquanto o filósofo apenas a questiona. Aqui julgo haver

uma grande diferença entre antropologia e filosofia, na sua essência fundamental e até metodológica, enquanto o filósofo não sai de si, ou seja, a sua mente é o laboratório de uma qualquer indagação científica, o antropólogo quer mudar o mundo, construir, com seus ou meios alheios, resolver problemas humanos que têm que ver com relações sociais e seu intermédio com o ambiente, a natureza, até a ideia de Deus...

São assim dois extremos que se unem nas festividades, como no Natal, na Páscoa, na Passagem de ano e nas festividades de verão, pelas aldeias, pela raia, pela terra de saloios e mesmo no centro de Lisboa, desde o Corpo de Deus ao Santo António, em Lisboa e ao São João no Porto, e ao São Pedro em Braga, o país fica atravessado literalmente por uma onda de positivismo, muitos batem na estrada e até se matam e de alguma maneira se encontra o dito de Foucault de que “é preciso mudar (vulgo “defender”) a sociedade”. Porque é na falta, no vazio, na necessidade, que te encontras melhor com Deus e ainda que o teu espírito esteja desordenado e oscilante, prossegues, como numa corrida, a corrida que fizeste desde logo cedo para chegar ao âmago do ventre da tua mãe, ou seja, cada um por si e um por todos. Os antropólogos mostraram, desde cedo, que são os alquimistas da sociedade moderna, actual e até futura. Por isso devem colaborar com os homens da interrogação, os filósofos, tal como colaboram desde já com os historiadores, os geógrafos, os economistas e, claro, os sociólogos. As ciências sociais são um campo fascinante para mudança e melhoramento da vida social e é disso que estamos falando, vida social, societal, como se queira, a articulação entre espaço público e espaço privado, as classes e estratificações, a moralidade (veja-se Viktor Frankl, em especial), os costumes, e aqui entra o Direito e a Jurisprudência, sem esquecer, claro, a psicologia...

4. HEGEL E HUSSERL

Depois, a lógica do senhor e do escravo e os fundamentos da religião, quando os teólogos defendem a sete chaves o que acontece no reino do espírito. O corpo, de resto, é como o jogo e bem que está mal considerado como veículo da lama, do espírito e da mente enquanto adequação a este mundo. Sim, somos todos extraterrestres em processo de identificação de um mundo que não pára de nos surpreender, o problema é que somos nós que temos isso dentro, a inteligência e o saber, a manifestação de um espírito que não fica *a la mano*, como dizia Heidegger, mas vai mais além, digo eu mesmo, a propósito de vários pretextos...porque a filosofia te dá satisfação e consciência de que estás vivos, como aliás também a antropologia.

Porque, no país onde os antropólogos e filósofos são de capelinha, ou seja, de tribo e trilha, fazer filosofia e antropologia por fora, correndo na linha 8, não é fácil, mas

talvez sejam precisos estes heróis solitários para dar sentido àquilo que os “integrados” fazem, ou seja, são os apocalípticos que conferem legitimação aos integrados. Então, estamos num regime noturno do conflito entre *empowerment* e *humillitas*, ou seja, para teres o reino dos céus, precisas de ser humilde, de te humilhares perante o teu senhor, mas para seres reconhecido e seguir as leis da natureza e do instinto, precisas de *se empowered...* Faca de dois gumes, sacudir a água do capote...

Neste sentido, vale a pena visitar a lógica do argumento senhor-escravo adiantado por Hegel no prefácio à fenomenologia do Espírito, creio que nenhum filósofo pôr as coisas de maneira tão clara, e vidente e gratuita, talvez mesmo até nem sequer o próprio Marx com a sua luta de classes. O senhor é o Senhor dos católicos? Porque será problemático fazermos essa aliteração, esse confronto, essa conjunção? Husserl viu isto muito mais fundo ao falar de uma fenomenologia da percepção quotidiana, e depois veio Merleau-Ponty e acabou com o resto. Na verdade, a nossa mente é uma floresta de símbolos, não só a floresta equatorial ou congoleza, se uns têm uma outros têm outra. Nós temos o Lince Ibérico.

5. TREMOR MIM-ÉTICO

Desde que li Michel Serres, em várias obras, a minha percepção da realidade aumentou, melhorou, como se tivesse uma sobreexcitação face ao que acontece, à fenomenologia da percepção. Tudo me parece estranho e ao mesmo tempo familiar, tudo faz sentido e o homem precisa dessa zona de vão, como sugeri, para não fazer sentido, para se direccionar a essa zona escura de dúvida e incerteza que o ajuda a ser ele mesmo herói, como numa corrida São Silvestre na Amadora ou em Elvas, só para dar um exemplo...

Porque, ao sucedendo no espectro da vida social, vais fazendo a tua vida, tomando vários papéis e ainda que muitos escritores o sejam só porque estão na zona de conforto e nem sequer curso algum tiraram, continuam a perpetuar-se em lógicas lascivas quando tu permaneces agarrado ao osso. Porque escritor é qualquer um, antropólogo nem todos e filósofo qualquer um³

³ Lembro-me do livro de Peter Singer “Como Havemos de Viver” e do outro de Marc Augé “Porque Vivemos?”. Quando quis, ser padre e intelectual, procurei por isso, sofri a bom sofrer pelo que haveria de ser e de certa maneira consegui, tenho a minha independência de espírito, o meu sentido crítico, a minha boa-disposição, o meu ardor de pensamento. A muitos, tudo lhes é dado, depois não apreciam as coisas boas e simples da vida, e mais adiante acabam por fazer porcaria...

6. ARDOR E ASCESE⁴

Então, porque motivo, antropológico ou outro, o sexo aparece separado da religião, pelo menos do nosso ponto de vista? O cientista tem de explicar tudo, enquanto permanece só e sem dama, quanto todo o Deus tem a sua Chica... não é isto injusto? Precisamente aquele que garante o funcionamento do sistema é o mais desprezado, pelo escol dos doutores, por todos aqueles que pensam que podem comprar pessoas por dinheiro...

Se, portanto, temos uma “cambada” de cientistas sociais e filósofos nas universidades e alguns soltos pela opinião pública, independentes, porque o mundo não há-de ser um lugar melhor, mais feliz? É esta interrogação que deixo, para alguma reflexão, para a contestação de que a sociedade pode ser vista sob o ponto de vista científico, sem que isso signifique amoralidade ou imoralidade. É apenas um ponto de vista, ao lado dos outros, sendo que aquele do senso-comum é que fornece a matéria-prima para a teoria, sem a qual não podem laborar os académicos... Irónico, há?

7. O PROFESSOR PARDAL

Perdeu-se a teoria, entre a floresta de enganos do meu espírito, vou andando, em vésperas de ano novo, prosseguindo nas minhas mais ou menos elucubrações sociológicas, ou seja, frontalmente, em meu nome e da sociedade em que existo, em

⁴ No meu tempo de estudante, que ainda sou, de certa maneira, só era preciso ser-se licenciado para se ser professor, chamava-se nesse tempo de assistente. Hoje é preciso o doutoramento, para tudo e mais alguma coisa. Mas o doutoramento não é de pensamento livre, é preciso um orientador, além do mais, é preciso pagar propinas, frequentar, tudo o mais. Isto está na origem de uma certa ascese... Tenho feito ciência social e filosofia com apoio familiar, portanto, não do estado, e não tolero que nenhum cientista social ou filósofo fale comigo do alto, portanto, mereceria ter a tese aprovada e um lugar de professor convidado em qualquer universidade portuguesa... De certa maneira, a sociedade portuguesa não estava preparada para o que se fez nos anos noventa em termos de ciências sociais em Portugal, fundamentalmente no ISCTE. Claro que o CES, com Boaventura Sousa Santos, teve um papel charneira, ainda o tem hoje, julgo. Mas eles concentravam-se demasiado numa ala marxista, estritamente sociológica que, a meu ver, estava demasiado próxima do poder, os sociólogos sempre foram os teóricos da sociedade, aqueles que iriam mudar alguma coisa depois de analisar. Mas os antropólogos iam mais longe e, coisa boa e feliz, nunca interferiam no andar da sociedade. Por isso mesmo, o seu trabalho era bem mais sibilino, ainda que a maioria fosse uma cambada de preguiçosos e vaidosos, sem arrisarem nunca uma tirada subjectiva ou literária. Faziam ciência, mas aquilo não era sempre ciência, era embuste, tal como aquilo que os sociólogos faziam...

que me afirmo e permaneço. Na realidade, a sociologia, além da antropologia, parece-me um embuste. Começa a pensar como um engenheiro ou arquitecto, mais ou menos paisagista. Aliás, a filosofia académica é toda ela um embuste, em nome da verborreia que por lá vai, pessoas que passam o tempo de suas vidas defendendo o seu modo de vida, que é convencer os outros que há uma razão metafísica para todo e qualquer fenómeno que aconteça, que seja a violação de uma rapariga nos Jardins do Campo Grande ou um jovem estudante de engenharia que se arma em terrorista. Mas...não dê mais, se não te aproveitaste, como os outros (da mama) não é agora que vai acontecer, diz o filósofo...

E em que medida entra aqui o professor Pardal? Como são as suas calças? Têm alças? São azuis ou brancas? Rui Zink talvez dissesse alguma coisa a este respeito ou mesmo o professor Caeiro, que até já faz teatro no CCB, vejam lá...Lily dizia-me que “os homens altos são estúpidos”, nunca percebi porque, sempre achei que os rechonchudos eram mafiosos sem emenda...Enfim, tudo vale em nome da escrita e do leitor⁵...

Depois, a melhor lição de filosofia que fui ouvindo nestes tempos que faço ciência social à minha custa, foi Os Cromos de Portugal, podem ver no Youtube, grandes lições fui aprendendo deste povo simples e trabalhador, mas pleno de sentido de oportunidade quanto ao que ao divertimento diz respeito. Nisto, são muito diferentes dos franceses.

8. SALADA RUSSA

É dito, por alguns autores, que o filósofo é um funcionário da humanidade (Scruton, entre outros). E o antropólogo? Funcionário do povo? Da natureza das coisas? De uma idiossincrasia que só ele sabe escrever, descrever, ainda que não tenha os suficientes recursos estilísticos? Também o filósofo tem a sua idiossincrasia. Mas ambos nada têm do autor de literatura. Ou poderemos cruzar tudo e mais alguma coisa, fazer uma salada russa, como diz o outro?

Por outro lado, não será o sexo a pior forma de agressão, pois realiza ou simula um acto primordial de reprodução, social e existencial? Nestas sociedade ocidentais, há uns caracteres que tenho apreciado e tenho vários em meu redor neste preciso momento em que escrevo. São o que eu chamo os tipos psiques, ou os “tipos de Lisboa”, que odeiam madridistas e parisienses, porque lhe têm inveja, é uma coisa de território, não sei bem, nunca explorei bem essa temática, até porque nunca senti

⁵ Seja como for, segues concentrado em ti mesmo e perdes o passar da paisagem. Como em *Curvas Apertadas*, o meu primeiro livro de ficção. Ou devia dizer não-ficção?

medo deles, mesmo fisicamente ou até psiquicamente, sendo que todo o medo é antes de mais psíquico, diz Lorenz e várias obras e Vigotski também.

Aí, também na cidade, o mais primitivo da animalidade, se manifesta, ou seja, o macho que fornicava mas não quer que mais ninguém fornicar ao seu redor, ou seja, são questões primitivas, do âmbito da etologia, da biologia do comportamento, da antropologia, que eu sempre fui estudando nos meus cantos e recantos teóricos, com ou sem êxito, com ou sem popularidade...

Desviei-me entretanto do assunto. O corpo, portanto, está dividido da mente pela moral cristã, que pretende defender a ascese do espírito antes do tempo, ou seja, no tempo do trabalho, do hodierno interesse, no tempo de vida, antes de morrer, sendo que depois de morrer não se sabe realmente o que acontecerá, porque, na verdade, estamos do lado de cá da vida, sendo que a vida se confunde com a morte, como o sagrado se confunde com o profano...

9. VITA HIPOCRITA

Hipócrates fundou a medicina. Mas, hoje em dia, como antes, dantes, Dantès, há outra forma de hipocrisia, a cultural, ou seja, eu vou reiterando uma relação corpo-espírito que está em mim mais ou menos viciada e tudo corre pelo melhor, é tácito, é cultural, ninguém morre. O problema é que morre. E ninguém se preocupa com isso, nem o Marcelo nem o Bombeiro Léo. Portanto, há grande hipocrisia na academia e na TV, são sempre os mesmos, no governo também há, são sempre os mesmos e há tipos a lutar contra tudo isto, como eu mesmo, como outros que andam por aí perdidos, sem ter onde desencantar ou despejar a sua teoria, no ICS não é de certeza. “Porta-te bem, menino, para não teres problemas”, ou seja, favorece os outros, não a ti mesmo, porque somos todos capitalistas mas somos muito solidários, sobretudo para com o irmão religioso que precisa de rezar para ter comida ao fim do dia e dormir com os anjos...

Porque as pessoas estão insatisfeitas, frustradas, eu sinto isso, vejo e oiço isso, já desistiram de lutar por um governo que lhes faz todas as vontades, ou seja, retira-lhes a capacidade e a vontade de lutar, por elas mesmas e pela sociedade. E isto é a pior coisa que se pode fazer, um político que vem e que diz que resolve todos os problemas, que retira ao concidadão, ao concidadão, o condão de lutar pelo seu destino. Implanta--se, então, a ideia de que não vale mais a penas, por isso, na divisão ou na ligação entre carne e espírito, uns vão para a Igreja outro vão para a casa da putaria. E é o regabofe geral. Quem, por outro lado, pode educar estes miúdos? Que valores

poderá a escola neles instilar? Quando há uma cultura do facilitismo, do *deixa-andar*, da ofensa do próximo por um cisco insignificante no olho?

10. CORPO CORRUPTO

Portanto, temos o plano societal. A sociedade é o corpo, orgânico e mecânico. O corpo é o corpo, o espírito é o corpo. Tudo é corpo, tudo se traça e assimila, tudo se ofende, até as crianças, como a CMTV nos mostra pelas casas adentro todos os dias...

Na verdade, o que é o santo senão uma representação social (Goffman) da sociedade, mais, a ver, uma representação subjectiva do que é o social? Portanto, o corpo é santo, é um templo, diz a Igreja, portanto, deve ser usado “devidamente” em favor da sociedade, mas de quem? E quem é a sociedade? Sou eu e tu, e o outro e aqueloutro, mas a sociedade não somos todos nós e todos nós não somos Deus? Eis os erros de muitas pessoas, entre as quais muitos cientistas sociais e teólogos, para não falar de muitos filósofos, que se perpetuam em suas inúteis carreiras e não dizem a verdade ao povo, talvez porque não a sintam, de resto há também os programadores da televisão, que destinam aos olhos do espetador as coisas mais banais e estapafúrdias da vida quotidiana, de casais com miminhos, de gays afirmativos e ligados à moda, enfim, de gente que não interessa nem ao menino Jesus e que nunca há-de dar a volta...

Então, mais uma vez: porque vivemos? Uns procuram com afincos essa linha de investigação, apoiando-se nos mais diversos autores, outros são autores mas tão modestamente que ficam dependentes dos autores ingleses, americanos e franceses, para já não falar dos alemães, como o treinador de futebol do SLB... Sim, há uma cultura da condescendência em Portugal. Adoram-se os turistas, mas ninguém ousa falar com eles... na sua língua!...

E o que é feito da indústria? Há alguma indústria de cultura em Portugal? Tens o exemplo da Catalunha, mesmo aqui ao lado, um pouco acima... há alguma direcção neste país? EU, enquanto antropólogo, sinceramente, não vejo, nem no sentido moral nem no sentido social, apesar das estafas de palavreado de verborreia do Presidente...

CONCLUSÃO

A masturbação como argumento ontológico, eis a raiz da relação entre corpo e mente no contexto da religião, entre desejo e transcendência, ascetismos, ou seja, vocês têm os cargos, públicos, políticos, acadêmicos e servem-se das mulheres, vossas discípulas (e ainda se fala em direitos das mulheres), mas não querem que os outros façam o mesmo, ou não querem que os outros façam diferente, que é uma vida honesta, livre, simples e trabalhadora, porque de algum modo isso desafia e ameaça o vosso (corrupto) modo de vida? De quem falo? Das pessoas que fui encontrando no meu caminho, daquelas que leio no jornal e vejo na TV todos os dias. E oxalá eu nunca seja assim, mesmo que pague com mais solidão...

A técnica como recurso do filósofo não-binário

Resumo

Como há e haverá para sempre um dilema, ou uma relação entre Bem e Mal, também haverá entre conhecimento popular e erudito. Relacionar um e outro é uma aventura que está ao alcance do antropólogo e do filósofo, presos e libertos numa nomenclatura mais ou menos redundante mas que resulta em teoria e conhecimento científico para os mais novos.

Desenvolvimento

1. NEGAÇÃO DO MUNDO

Degradação e dignidade, eis o princípio ou não da coerência do sujeito consigo mesmo, em que o homem digno é aquele que é menos popular, num regime de relação entre público e privado. O conhecimento técnico, do que não é dito, não é escrito, tem que ver como sentido de superação do herói civilizador, como se pode ler na música do grupo britânico *The Mission*... Como se o branco, após anos a descobrir Cristo, tivesse necessidade de o partilhar a quem está longe, além-mar. E tudo começou com os portugueses. Mas Žižek quer reescrever tudo isto ("Palácio de Cristal") e muitos europeus do Leste nos acham escravagistas quando a maioria deles não deu um passo até Espanha ou até cá para compreender o fenómeno de um povo que passava fome, ainda que com fé e que com poucos recursos foi pontificar a sua fé e maneira de Ser a Oriente ale do mais a Ocidente. Assegura-me fácil, mesmo a Sloterdijk reescrever negativamente os Descobrimento ou pedir desculpa pela nossa história quando *simplesmente aconteceu*, e não há grandes parangonas literárias quanto a isso. Há por aí uma corrente de filósofos jovens e ecologistas que acabam por negar o ser adstrito ao teu e à técnica, à maneira de ser, sim, para pedir desculpa, mas quanto te imersas no que foi o colonialismo português, percebes que ele foi inicial e ainda assim mais brando do que outros.

2. ADORAÇÃO DO MUNDO

Quando percebes que vale a pena viver, dás tua consciência à psicologia e ao Deus que te salvou dos apuros, comesças a considerar, a reconsiderar para desconsiderar, não que haja tempo ao delíto, oportunidade para ele, mas porque acabar por entabular no teu espírito, um certo sentido de missão (que o políticas tem em sim jurado, como o militar, em outra dimensão, mais pontual, digamos assim) e ter uma missão dá sentido à tua vida porque é altruísta...

Por isso defendi na minha tese de doutoramento, ainda não aprovada, uma relação mais forte e estreita entre a antropologia e a sociologia, talvez não por elas mesmas, que têm campos moderadamente pouco definidos, mas estas em nada ficam a dever à filosofia, não apenas pela lógica mas sobretudo pela metodologia, mais uma vez), ou seja, pelo inquérito de opinião e pela observação participante, de modo a produzir ou acrescentar algo a uma teoria sobre o homem ou a espécie humana. Mais uma vez, somos nós mesmos a olhar para nós, como no sonho, sobre nós, nas várias geografias do sentido...

Portanto, ganhas uma, duas, várias hipóteses, se superares a adolescência, de te separares de uma doença doentia por si mesma e que não te tira de ti mesmo e acabas por preferir o mundo do social, ainda que o tenhas em casa pela TV e redes sociais. Há sempre uma saída, tudo tem concerto, disse-me uma dia minha irmã quanto tudo aconteceu...

Portanto, o que queremos evitar é uma certa verborreia abstracta a que muitas vezes está associada a uma certa perspectiva ou noção da filosofia. Muitas vezes, o homem do senso comum não tem sentido abstracto, mas Pierre Bourdieu provou que o sentido do *abstracto* ver de uma ou várias referências ao real, o mundo da concreção (Nuno Nabais e Raul Iturra), ou seja, há que conquiste um campo e permaneça nele e há quem conquiste e acabe por deitar a perder, muitas vezes para quem não agradece sequer o Bem que se lhes fez.

3. RACISMO E COMUNISMO

Depois de várias constatações naquilo que ainda é o meu campo etnográfico, fui percebendo que o racismo vem dos dois lados, que ainda, apesar dos gabinetes, se cospe para o chão e se deixa o animal doméstico fazer o “trabalhinho” fora do penico... “Ele é doido”, dizem, talvez o seja porque não te faz a vontade, porque não pensa como tu...

Daqui provém todo o racismo, é uma coisa mental, de tabu, de ignorância, lembre-se a este propósito Wierviorcka e Henry-Lévi, em várias das suas obras, mas também Le-Clézio e Ernaux, recentemente galardoada por um prémio Nobel. Depois várias inações, sirgiu-me uma outra personagem, a do “aproveitador”, o “oportunista”, que poderia merecer várias análises de antropologia moral. Quando és antropólogo, pensam que não tens moral, que és um alienado, a essas pessoas falta-lhe contexto. Ou estão apenas desiludidas com elas próprias.

Porque, geralmente, aquele que sabe, não alardeia a todo o custo o pensamento, guarda-o para sim e assim vai da sua sexualidade, não precisa de a expor, de a tornar espetáculo. O lucro, a ânsia de poder e liberdade, gerou todo isto, quando a maior liberdade está escondida no canto, numa dimensão, numa casa, entre quatro paredes. Os neerlandeses perceberam isso muito bem, veja-se o interior das suas casas...

E aqui entra a teologia, como narrativa que faz bem ao homem. Cristo não se referiu abertamente à sexualidade, nem era preciso, é coisa do íntimo e ao mesmo tempo universal, do local e do regional, das regiões erógenas moribundas do espírito... É coisa tanto de patologia quanto de libertação e o homem europeu é tão louco que se permite mais e mais libertação, enquanto o negro é como o português neste aspecto, dêem-lhe confiança e não pára, vai em frente. É por isso que o racismo pode ter uma linha de argumentação e é bom que se reflecta nisso, no mal que foi feito, mas também no bem, e há várias formas de racismo, não tem que ver só com a negritude, ou seja, a diferença psicológica pode ser racismo, é uma atitude, diria, modal... E, quanto ao comunismo, é tão perfeito teoricamente como o catolicismo, muitos fogem dele a sete pés e outros permanecem, porque não querem limitar a liberdade de alguns, portanto, a tua liberdade é sempre pertencente e dependente do sacrifício de alguém, por isso disse em tempos que a realidade é relacional...

4. DEVORANDO O MUNDO

Sim, a felicidade enquanto estado de espírito e constructo da mente, como manifestação de um certo equilíbrio entre mente e corpo, dualidade que me tem ocupado vários anos de trabalho e reflexão, entre promiscuidade sem uma relação fixa e regresso à Igreja, porque gosto de meditar, situar-me no mundo com cidadão de espírito positivo. Portanto, no âmbito familiar, o jovem mecânico desenvolve um conhecimento técnico que o safa no mundo e do mundo, ou seja, construindo prestígio na aldeia ou na cidade, entre teoria e prática, ou seja, ele próprio tira as suas ilações no café (Pais de Brito) e acaba por o desenvolver num regime de maior ou menos solidariedade, por isso me referi ao comunismo.

O género humano tem destas coisa, quando se lhe dá valor acaba por se engalfar todo, pensando-se um herói sem par. O que, de resto, teria acontecido se não se tivessem dado os Descobrimentos (ou Achamentos)? Teríamos ficado sem uns e outros, no encontro de cultura, anquilosados eles e nós. Por isso, não temos de pedir desculpa, pois isso é uma posição indefensável, mesmo do ponto de vista filosófico. Aliás, a antropologia estuda isso mesmo, até do ponto de vista moral e até moralizante... Sim, devorámos o mundo, mas não havia já antes contactos culturais, forças de sentido para ambos os lados, com o mais violência, com o mais morte? Não é a inquisição contemporânea dos descobrimentos? Hoje andamos em guerra e, na verdade, pouco aprendemos com outras guerras e de outros tempos, acusa-se o português por dá-cá-aquela-palha sem conhecimento de causa, sem a força de sentido da experiência, sem a fome respectiva...

5. A CASA E O MUNDO

O domínio da técnica é esse mesmo, o reino do Chico espero (no bom sentido), daquele que faz das associações técnicas, matemáticas e físicas, e prossegue, mesmo que não tenha grande sucesso, na sua aprendizagem... porque sabe que há outros a quem transmitir qualquer coisa, quanto mais não seja um *puto* que quer andar nas obras, como carpinteiro, electricista ou canalizador... Sim, aprendo a admirar, com o distanciamento de um parisiense, os indianos que fazem sucesso no governo português, britânico, ou simplesmente no meu bairro os nepaleses e bangladeshianos...

Mais uma vez, para não ser violento, o Ser humano refugia-se no século, no sexo, porque essa é a última fronteira do *Conquistador*. Mas, porém, ele torna-se mais

violento e esse facto, até desculpável, torna a violência mais passível, de certo modo, evitando uma violência maior...

Neste âmbito, talvez a religião tenha o seu papel, que não acho fora de cabimento na sociedade actual, hipermoderna (Lipovetski), porque antes de mais, percebe as necessidades do homem enquanto ser espiritual, além do século, a sua sede de Deus e de alimento para a sua alma torturada pelo casamento desfeito, pela falta de êxito, pela dependência, moral ou psicológica dos seres humanos...

6. A TÉCNICA COMO DILÚVIO

Portanto, é típico do português deitar tudo a perder e ainda por cima tirar conclusões sobre isso, ou seja, deixa tudo para a “última da hora”, porque a sua técnica é, poderia dizer, transcendente, ou seja, vem do grego e do nórdico (fenícios, visigodos). Portanto, ele deixa tudo para o fim porque a divindade se inclui e instaura no derradeiro momento, antes do fim, antes do Dilúvio. É essa a minha teoria sob um traço da “personalidade” do que é ser-se português, referenciado também Benedict (*Patters of Culture*).

A aventura humana é um processo físico, de domínio e sobredomínio, pró vezes de submissão, mas também uma aventura psíquica, poética, de pensamento e emoção, onde a técnica reitera uma mensagem do passado para ser usada num momento posterior a que chamamos de futuro. Preocupa-te não teres êxito com as mulheres, a mim também me preocupa, mas a religião ajuda, é ela que ajuda a transmitir certos preceitos que ajudam à compreensão do mundo, ao tateamento da emoção. A técnica refere-se antes de mais, não ao tamanho, mas à dureza e proporção do sentido que queiras dar a uma certa forma de Ser, de Parecer, de Pertencer, ou seja, diz-me que o tamanho não importa, mas por estas bandas do capitalismo ele importa mas ao fim e ao cabo morre numa esquina logo ali, sem destino, como desperdício, é portanto vão e sem sentido. Costuma-se dizer, à boca fechada que “small is beautifull” e é bem verdade. Portanto, o trabalho do antropólogo vai além do do psicólogo, em certo sentido o substitui porque encara o homem do costume, contumaz, moral e anónimo, que vai pela rua acenando até a quem nunca via antes, ou seja num regime moral das similitudes e contingências, dotando sentido mesmo a um passeio sujo, fazendo significado sobra qualquer coisa que vai *a la mano*...

7. A TÉCNICA COMO DESCARTE PSÍQUICO

Em certo sentido, a técnica resolve a falta de teoria, o homem gaba-se pela técnica, a técnica que diz respeito ao aspeto e desempenho sexual, a técnica de desmontar motores dos carros e os tornar a montar, a técnica da construção de casas, os desenhos interiores e exteriores perfeito pelo arquiteto de interiores ou pelo paisagista. A técnica resolve, assim, a falta de teoria, de abstrato, sendo que o abstrato também é ele mesmo “animal” em potência, ou seja, capacitação de sedução sob o ponto de vista estilístico do desempenho a vários níveis, antes de mais na dominação de uma natureza selvagem, dentro ou fora do homem...

Por isso, na carreira médica, o aparelho digestivo é a parte mais difícil, subhumano, precisamente do cheiro, por isso a França é o país do bom cheiro, enquanto outros são do mau cheiro, considerações morais à parte, cada um tem o cheiro que quer e bem entende, mas o dinheiro desperta a ideia de poder no homem, ou seja, da concretização ilimitada dos seus mais íntimos desejos, por isso digo que o capitalismo não é o sistema perfeito, pelo menos em termos teórico-técnicos, porque associa, desde já, a moeda à necessidade, quando ela é o complemento, a cereja (ou cerveja) no topo do bolo, ou seja, se o motor da dinamização e andamento social é o dinheiro, a porcaria é o seu alimento, nem que seja a porcaria visual, o anátema, denodado em termos mais o menos poéticos e/ou conceituais, por isso todo o filósofo é um ser masturbatório, não tem o sentido territorial e político do sociólogo e do antropólogo, “tout-court” falando. Na verdade, a mente pensa com o corpo, como o corpo, pois assim se locomove e o comanda a seu bel-prazer, em regimes distintos de sentido, dos sentidos.

8. A TÉCNICA COMO POLÍTICA DO DEVANEIO

Portanto, também a arte pode ser combinada com a técnica, para grande parte dos pintores, aquela é a arte por definição, ou seja, *ora et labora*, dizem os beneditinos, “90 por cento de transpiração e dez por cento de inspiração”, diz Einstein. Além do mais, porque quase toda a arte é devaneio, há quem diga que a engenharia é uma arte, como a construção civil, mas também considero de resto e, desde logo, que a arquitectura o seja, pelo menos conceitualmente, pois ela partilha ideias inatas com aquelas que são construídas num regime de partilha de ideias e de uma técnica que alia física à Matemática, com o auxílio da geografia e da toponímia...

Portanto, como se pode ver pela arqueologia da teoria (Foucault), é pela técnica que serás lembrado, não pelo tamanho da ponte, ou seja, há algumas mulheres que não

toleram os brancos e escolhem um preto, não sei por que razão, talvez o branco seja mais chato, talvez seja uma questão de tamanho, porque gostam do sarrafo, como diz o Domingas, ou seja, ou talvez são apenas pobres de espírito, pois é raro ver mulheres negras com homens brancos pouco endinheirados...

Isto tudo revela um pouca o inveja do intelectual branco do Harlem que tem pouca sorte, pouco proveito e apenas um quinhão de dólares para fazer o seu dia, mas basta-lhe abrir a porta para a rua para o ele ser diferente, novo em tudo como as diferentes cores e odores de um mundo em transformação, por isso somos fruto e “conceptores” da técnica (Hobsbawm), pensadores e construtores da mudança, daquilo a que o filósofo chamava ser a característica essencial do Mundo da Vida, ou seja, a mudança, nas suas palavras, o Devir.

Portanto, é pelo sonho que o homem vai, “o sonho comanda a vida”, estava escrito na casa de putas, o jornal diz que “Há quarenta anos que se descriminalizou a homossexualidade e o transsexualismo”, eu não ia mais longe, privatizava também a bissexualidade, para acabar com o trabalho, ou seja, a técnica como sedução...

9. ASSIM VAIS NO VENTO

A técnica não é pop? Ou seja, o trabalho compensa? Como se vê nos filmes americanos, a técnica do mal gera indivíduos ora preocupados com o psíquico ora com o espiritual e o físico, quero dizer, a mente desmembrou-se, como o corpo se desmembrou, numa desencantação de falsa autonomia do Ser, quando o filósofo é sempre pessimista, pois o seu *dasein* tende para o conceptual, enquanto o religioso se vai ficando pela obediência ao Senhor, nem que seja o patrão que lhe dá o ordenado todos os meses, ainda que não seja sequer o Estado, político, económico, social. Mas, contrapondo a Heidegger há, a meu ver, qualquer coisa, neste âmbito, de mais do que o Ser, ou o mero dasein ou a la mano, há o Pertencer, porque muitas vezes mais vale ficar em casa do que entabular conversa com quem não está em sintonia e não capta o seu ambiente, não é solidário, mas enfim, como diz o Presidente, “não desistamos do que depende de nós: Eis, portanto, a semana do natal e do Ano Novo, o mês em que (se diz, nas redes sociais), morreu Phil Collins, Pelé e o Papa Emérito. Semana também de eleições no Brasil, esse grande país onde o desenvolvimento intelectual tem na nata mental de certos académicos, bastante valor, em certo sentido mais amplo do que o dos nossos, aqui neste canto da Europa, mas onde falta muito por onde fazer, falta técnica e saber e este e esta vem sempre de fora, ainda que resulte na maior parte das vezes de uma relação entre interior e exterior, ou seja, entre reflexão (técnica) e adequação ao real...

Portanto, há tanto técnica no jogo, no futebol em sim, não me acusem de ser “bolocêntrico”, mas na verdade até o admito, até porque há outros desportos com bola, que eu apreciei em definitivo e todos eles têm os seus heróis, como se a bola fosse o mundo, como sugeri nalguns escritos literários meus. Quando estava em psiquiatria, notei um pormenor, no fundo dos meus pensamentos mais ou menos desordenados, mais ou menos punitivos ou imemorizáveis: a TV esta ligada, estava sempre ligada...talvez por eu não estivesse fazendo nada de mal e ainda que isso me desculpa do mal que não fiz, deixa-me um certo amargo de boca, pois poderia, desde o início, ter feito muito mais...

Embora a ele demos bastante valor, com ou sem negação, o sexo não é o ponto. Nem sequer a religião. É a fruição do mundo, uma associação que eu sugiro entre Ser e Pertencer, de modo a aceder ao Ser do Bem-Comum e verificar as categorias que fundámos em séculos de turbulência e injustiça. Porque o sexo pode não ter penetração, porque o capitalismo tem origem na dominação, na conquista, se quisermos, na penetração, ou seja, quando andamos de um lado para o outro e nada conseguimos nesta estafada vida da cidade, ficamos desalentados, uns têm paciência e até se conformam, outros revoltam-se, mas em pouco tempo percebi como o povo português suporta e tolera a dor, talvez não apenas em seu nome, devo dizer...

Porque o sucesso (e o sexo) pode não passar de ilusão, de alusão ao Outro...

CONCLUSÃO

O que o tempo trouxe, por outro lado, foi o apuramento da técnica em vários sentidos, tanto na arte como na engenharia, na antropologia e na arquitectura, como na filosofia. Ou seja, o mundo com fenómeno, como arte, domínio (do Mundo) da Vida (Hermínio Martins, *Theatrum Philosophicum*, uma obra rara que é bastante difícil encontrar, infelizmente). Também a antropologia é qualquer coisa que precisa de ser desvelada, re-descoberta, re-utilizada, pois ela se dirige e manifesta, antes de mais, à técnica do pensar (a uma maneira de ver e de pensar, como sugeria Lévi-Strauss⁶ a propósito do mitos e o jornal *Le Monde Diplomatique* em sucessivos artigos da coleção *Manière de Voir*). Depois, o mito do contexto na era da técnica, esta mesmo de fazer dinheiro e produzir riqueza, de acumular para esbanjar, quando há monjas na Cartuxa que apenas querem um pouco para levar a sua vida (que lhes é Vida de Deus) e um sem fim de pobres e i-limitados pelas ruas, entregues aos seus vícios e

⁶ *Antropologia Estrutural, A Oleira Ciumenta*, desde logo, *Tristes Trópicos*, como se o sexo gerasse tristeza, o que se pode ver também em *Bataille*, na sua *Lágrimas de Eros*.

desconsiderações várias da parte dos seus concidadão, num mundo que deveria ser mais solidário que a própria manifestação do sexo, que é coisa que vem da alma...

A Fénix que se debate: entre sociologia e et(i)ologia humana

Resumo

Determinar as causas de um determinado fenómeno, combater a desconfiança na sociedade, que se alastra como um vírus, a sociologia é viral, tal como a antropologia, para não falar da filosofia, muitos alimentam-se do próprio veneno que os criou e assim continuam vivos, embora doentes

Desenvolvimento

1. ESTÈTICA TRANSCENDENTAL SEM KANT

Olhemos a Fénix, sim, o mito, depois de quase morta reganha energias que advêm diretamente do seu carácter transcendente, enquanto o humano, debatendo-se com a culpa sobretudo de não ser Deus, esquece o fenómeno do aparecimento de e-ternidade e se refugia na política, no Direito, como se tudo pudesse ser assim tão pouco formal quando interessante. È disso que enferma a sociedade: formalidade. O conteúdo esvaiu-se para dentro dos vulcões que hão-de explodir, mar acima...

Por outro lado, a internet e as redes virtuais têm demasiado conteúdo, passou de moda a ideia de que a internet é vazia de sentido, superficial, hoje em dia é recurso para toda a gente, veja-se que os professores do segundo ciclo postam os seus exames no site da escola, ou do ministério, e logo acabam por fugir à lógica algo anquilosada do professor-aluno, uma lógica que foi de submissão durante muito tempo como em relação às mulheres, às minorias étnicas e sexuais... Portanto, creio que o mundo precisa de um dilúvio de sentido, até o Brasil, em toda a sua riqueza natural e humana, precisa, a África não tanto, apesar de ainda se morrer de fome, começam a aparecer os sinais de grandes potências e conómicas, sociais e políticas a sul, sim, em África, como no Oriente, árabe ou muçulmano, enquanto o leste da Europa se debate ainda com uma guerra fratricidade, a União Soviética ameaça reaparecer mas a Ucrânia tem mais simpatia por este lado do mundo. Mulheres bonitas...mas pobres procuram um rajá ocidental, um marido pé-de-meia para reconstruir uma vida, enquanto as portuguesas

pedem dinheiro por sexo, não só pela aventura mais ou menos literária, mas para alimentar o lixo mental que têm iludido e iludindo (n) o cérebro, copiando a América no seu pior...

Sim, o mundo está polarizado e para mim é neste aspeto uma polarização entre política e futebol, aumenta o espetáculo e tudo se perde na névoa do tempo nos idos e heróicos anos 80. Pelo menos tempo a rádio para nos fazer adormecer e entrar no regime da Fénix... Diria Soeiro Pereira Gomes e Cesário Verde, para não falar de Gil Vicente...

2. OCUPAS

Assim, a Fénix, em sua aventura, levanta-se não por si mesma mas por todos os mortos e pelo Cristo que há-de vir, num regime misto de nocturno/diurno, que visa amenizar as diferenças sócias e étnicas da consentaneidade teoria de algo mais irrisório do que ao recurso a drogas para se produzir uma boa obra, ganhar com isso a eternidade, porque a Fénix ama, antes de mais o mundo, que é feito de imanência e outrossim de transcendência. Nele está tudo contido, até o tempo, esse senhora que viaja peço espaço como uma cápsula (do Tempo, obviamente), como um antibiótico que o corpo humano absorve na via (vida) digestiva. Assim, o cérebro está descendo e há cada vez menos pessoas que pensam, cada vez mais Fénix e cada vez menos com pensamento débil e pensamento autónomo (Vattimo, a propósito de Nietzsche e Kant, a vários termos). Quando compramos uma casa, na cidade, melhor, um apartamento, compramos como que o ar que vai dentro, ou seja, não compramos senão a face interior das paredes, ou seja, a pintura. Daí a estética...

Estamos, assim, do lado de cá, habitando o Tempo que decorre da instância da sua voracidade, do estar aqui e já estar, num instante, dali a pouco, ali, ou seja, o homem contemporâneo realiza o sonho do *dasein* de Heidegger na perfeição, mesmo não o sabendo, mesmo não tendo estudado filosofia, o sonho também de Sartre quando escreve *As Moscas* e *A Náusea*. Por isso alguns atores vomitam em cima da câmara, para não dizer pior. E ainda assim, isso é cinema, melhor que Bergman, para alguns... O homem de hoje precisa de tanta admiração e referência (para não dizer deferência) que está dependente da opinião dos outros para fazer alguma coisa. Entrou deitado no convento e saiu a voar. Como Dédalo?

Assim, esta ordem de sentido, somos todos mais ou menos ocupas, sem-casa, sem-abrigo, lidamos com a aventura mas procuramos refúgio, domesticar o nosso espaço para fundamentalmente estarmos perco de Deus, perto de nós e dos Outros. Por isso,

Fernão de Magellan partir, como Vasco da Gama, porque mesmo junto ao mar, sente-se Timor por debaixo do chão, atravessando o interior da Terra e o abalo sísmico e marinho a “clashar” (o *écart*) a todo o momento, daí a licenciosidade, o porto de partida e de entrada, ou seja, de passagem, para uma outra margem, para um outro mundo...

3. A LIBERDADE É UMA PRISÃO?

Assim, o homem fica, mais do que a Fénix, que esvoaça como uma águia pelos mares do céu, refém da sua contingência, mas aí descobre liberdade, nas pequenas coisas (Arundhati Roy), como ao actor social, a sua performance, nos eu ziguezague, vê-se apertado pelo desejo e não sendo territorial (Valverde, verde), o que há-de fazer? Complexificar? Isso atrofia um pouco as partes inferiores do pensamento. Fazer como a aranha faz, construir uma teia? Fazer como a mosca? Ou fazer como a formiga? Talvez seja este último caso o mais conveniente, *au-delà* dos vedetismos da corrente política actual (estará Costa cansado?, pelo menos fez bom trabalho, cumpriu muita coisa), não que a sociedade seja equivalente a um exército se rumo, sem cabeça (do latim *capita*, capital, ali ao lado do Kremlin nos anos 80-90...)...

Mas será a liberdade uma prisão? Na verdade, só nos sentimos livres quando desejamos a liberdade, não tanto adstritos à sua realização, ou seja, há uma conjura e uma obsessão pela prova, pelo acto, na sociedade ocidental e isso torna as coisas mais ou menos cardíacas e impróprias para os petizes... Que há a fazer? Imitar a liberdade livre, como dizia Ramos Rosa num dos seus livros de poemas, ou inventar a liberdade, fazer o que não foi feito, como diz a canção de Pedro Abrunhosa, imitar ou criar? Esse é o desafio e o dilema de qualquer artista, pictorial e até escultórico, ou seja, dosear o tacto sem o acto, e quanto a mim, o autor deste artigo, compreendo os jovens, mesmo quando se riem de coisas sérias, porque também eu me ri um dia, porque também fui jovem e pequeno e o tamanho de facto não importa...

4. O HOMEM PERFEITO

Sonhámos, nós, homens, todos um dia ser perfeitos, para que de uma maneira ou de outra nos encaixássemos no mundo de uma mulher, obviamente num espaço doméstico, mas também no domínio da aventura, do inesperado, da ocasião. Por isso, o homem deambula e não estamos tentando desculpá-lo de coisa nenhum, nem sequer

o julgamos, não é nossa função nem afinidade condenar, arremeter contra a integridade de alguém, mesmo que tenha feito mal, pois não há ditadura maior do que a judicial, das leis, que correspondem a um pensamento formal e nisso tem muita culpa certa tradição filosófica, adstrita demasiado ao Direito e à Jurisprudência, deitando a antropologia e a sociologia para o caixote do lixo⁷...

O homem perfeito é, então, não tanto o marido da Barbie, mas o homem do espaço, mesmo que seja um voo rasante de limpa-chaminés, o homem conquistador, que deseja a sua arte de sedução no corpo da mulher tatuada, marcada pelo ardor do sangue quente e inundada pela semente de longínquas e inóspitas paragens, há que vá pela linha e à quem invente a estrada, os da rua não e diferenciam assim tanto do que os da academia, onde é mais fácil suceder, conseguir...daí a *tecné*⁸ que falava em anterior artigo.

Suplantar-se a si próprio, vencer-se a si mesmo nos limites da razão, entre normalidade e psiquismo desequilibrado, na manifestação de um génio do mundo, ao serviço do mundo, pelo mundo (fora). Porque, o homem que corre não está, aparentemente em luta consigo próprio, está em paz consigo ao deslizar na estrada como na neve, mas em linha reta, não em *slalon* sobre o gelo...

5. CIVES CARDIAC

Eis o destino do Ocidente, para quem não vê o céu azul, ou ver, o mar verde ou azul: vício, sabotagem, crime violento, drogas. Eis o resultado de tanta luta pela liberdade, numa luta eterna entre Bem e Mal, mas não era antes porque certas pessoas, por vários motivos ou razão, não sabem fazer o Bem? O viralata jamais tomou *gourmet* e se tomou não tem saudades, porque está habituado à rua e sabe que aí goza de liberdade, liberdade na irresponsabilidade, daí certos estudos de comportamento, certas temáticas, como o hip-hop, a cultura graffiti, que eu respeito, mas que revelam tudo antes de se guardarem, ou seja, é fácil ser-se revolucionário enquanto jovem, basta gritar, nem que seja contra uma parede. Mais velho é mais difícil, e mais valho ainda é mais difícil ainda... Porque o que está em causa, talvez seja apenas uma questão de filosofia do Dinheiro, mais, de antropologia do Direito... Ou antropologia do dinheiro...

⁷ Mas a culpa também é de certa filosofia, de certos filósofos, que se atêm à academia e estão, de facto, por outra via, dentro da Caverna... Podia nomear alguns, mas não o faço por coerência académica.

⁸ Veja-se a este propósito, alguma música da banda Kraftwerk.

Porque elas gostam deles revolucionários, tristes, vagabundos, a perder-se de dinheiro por elas, quando, como dizia o meu ido amigo, “elas têm a faca e o queijo na mão”, quando mais não seja, o poder da sedução, se decidir o *clash* ou o encaixe de dois mundos...

Portanto, a nossa cultura é a dos sanguíneos, como o ex-primeiro ministro José Sócrates, luto se leva ao extremo do estertor e a sociedade espaça ao algume do sociólogo, ou seja, quanto ao filósofo, ele pouco se importa com a fonte, enquanto o antropólogo não quer deixar o sarro do vício das drogas...

6. DESÍGNIOS SENTI-MENTAIS

Porque, se concordas com toda a gente todos te dão razão porque querem que concordes com o que eles pensam. Isso é ditadura, não é democracia. Mais, é fascismo, e ele ainda está enraizado. Por isso é que Costa está zangado, cansado e Guterres foi para fora, não sem alguma vaidade de engenheiro. Como aqueles miúdos das ciências exatas que fazer filosofia, diz-se...

Porque o aluno de filosofia pode ser brilhante, mas não evitou a lógica, assim como cientista social não evitou a componente quantitativa da sua ciência, ou seja, nem tudo o que é teórico é necessariamente “pouco matemático”⁹.

Por isso, o verdadeiro herói, permitam-me dizê-lo em nome de um falso consenso mais ou menos cultural, erudito, o Dom Quixote ou o Casanova, nem tão pouco o intelectual cujo pensamento se esvai no éter. É o *working class hero*, porque faz o que o sociólogo não faz, dá mentira à verdade e dissimula a verdade desta mesma no sentido do estertor que podemos ver em vários *tweets*, ou *twists*, de uma memória hipermoderna distorcida, retorcida (Lipovetski, a vários títulos)... Mas, É porquê?, perguntais vós. Porque um vai pelo desejo, o outro pelo sonho e dilaceração da mente, e o terceiro vai pelo processo em si, pela performance, por isso o mundo de hoje é do aliamento e/ou alheamento da cultura corpo-mente, cujo equilíbrio é tão complicado manter, fará o equilíbrio societal... Neste sentido, Cristo fica um pouco para trás, como o príncipezinho de Saint-Eruréry, mas estas são obras, opera magna, que se recuperam facilmente porque aprenderam a viver no tempo, de certo modo garantiram a imortalidade do nome do autor, talvez até a sua sobrevivência física, em regime de *dasein*¹⁰, noutro lugar, no meio da *natura naturans* que faz vive, faz e

⁹ Veja-se a este propósito a obra de Henry Michaud, bem como de Fernando Pessoa, no seu apego e dedicação à astrologia, talvez estivesse descobrindo o que aconteceu entre as duas grandes guerras mundiais, i.e, a antropologia...

¹⁰ Dai a significância da obra *Todos os Nomes*, de Saramago.

vive, viverás se fizeres, não como uma planta ou animal, mas como tu mesmo, como és e como serás, antes do tempo, além do vento...

7. ACONTECIMENTO

Tenho várias vezes dirigido esta crítica, sobretudo aos clássicos de filosofia, que são tanto abertos e universais, que acabam por esconder por detrás de um nome, uma morada, uma data, um acontecimento (Badiou, Husserl e o próprio Heidegger)¹¹.

E, nesta ordem de ideias podemos perguntar-nos: O que é o Acontecimento? É a verdade, em termos científicos, mas é algo mais, do ponto de vista estritamente filosóficos, não vale a pena facilitar, é o impacto do mundo ante o sujeito, muitas vezes no seu rosto esburacado pelas balas, cicatrizado como uma tatuagem, na sua forma de Ser, de Estar, de *dasein*...de manifestação, Epifania, logo de Desejo, logo de Acontecimento (Event). AO mesmo tempo, julgando que estás perto de algo, estás mais longe, seja do momento inicial, seja de ti mesmo, e quando pesas que estás longe de ti e das pessoas, está mais perto do que nunca tiveste, numa plena cultura de proximidade de coração...

8. EXPERIÊNCIA DO TEMPO

Assim, enquanto a cultura do não-saber é marcação do tempo, a cultura erudita vai até aos céus, baixa o céu, como disse algures numa outra obra de ficção mais ou menos etnográfica, é uma marcação noutra realidade, aquela que se busca, que há-de vir, ou seja, no futuro e, logo, num regime de deslocação da alma do corpo com o fito da **ternidade** de ambos, num certo sentido indiano agradecendo a forma como viemos ao mundo, ou seja, a foram que temos, gordos ou magros, bonitos ou feios, grandes ou pequenos.

¹¹ Na verdade, quando o jornalista vive de fontes, o filósofo não revela a fonte, daí a teoria de conspiração e o idioma da inveja inserto em muita da filosofia que se vai fazendo neste país, mas também em França, Inglaterra, nos EUA, ou seja, a remissão a diversos autores fulcrais, quanto os antropólogos fizeram bem melhor a propósito de bem melhores propósitos...

Porque, na verdade, o herói que cumpre a sua missão é o homem descansado, em tarefa de repouso, ainda pronto para dar à fêmea o que ele quer, a semente ou só um beijinho de boas noites e adormecer para o lado, num *dasein* que se repete mais ou menos todos os dias, ou seja, encaro-te de frente na frente e viro-me de costas respeitando o teu lugar, o teu espaço, o teu status em mim... Muitos fazem de ti um saco de porrada, para te tentar desmoralizar, para ver se entra, a ver, como diz o povo, “se emprenhas pelos ouvidos”. Não te desguies, segue em frente, mesmo que saibas que terás de fazer algumas curvas e até subidas, sem o carinho de uma mulher, mesmo no fim...

Mas os seres humanos não são todos iguais, há aqueles que serão sempre maus e sempre bons, o mérito é *do working class hero*, que aprendeu com os erros e pode dar testemunho da sua vivência, da sua experiência pelo tempo, porque conviveu de perto com a eternidade, provavelmente com a sua finitude, nem regime de **do ut des** nos termos de uma economia político do signo, já desenhada por Baudrillard há algumas décadas atrás.

9. IR A FICAR

Ou seja, estamos a ponto de poder afirmar psicológica e filosoficamente que tanto custa (a vida, o reino), a quem vai quanto a quem fica, não temos todos de ser viajantes, por vezes estamos fugindo de alguma coisa, talvez seja nada mais nada menos do que a palavra que se diz no teatro antes de entrar em cena, na reiteração de um sentido explosivo, pois somos vulcões prestes a entrar em erupção em qualquer momento de nossas vidas...

Portanto, não há tanto nesta ordem de ideias, uma bipartição entre os que partem e os que ficam, os que morrem e os que permanecem vivos, os que viajam (mesmos em drogas) e aqueles que ficam na habit(u)ação da casa.. E então, será Ronaldo pior jogador do que Messi? EM potência talvez não seja, mas em desenvolvimento da potência, sim, porque é um atleta, preparou-se, cultivou o diamante do seu espírito e vontade de ganhar, tudo é relativo, daí o relativo sucesso da filosofia na nossa sociedade, mesmos em ser relativista em alguns autores...

Eis então, o desejo perverso perpetrado por alguns artistas (Picasso, só para dar um exemplo), pelo que nos podemos interrogar se a genialidade não é um mero produto social, popular, emanando da sociedade como algo natural, sem precisão de ópio ou mesmo com a ajuda dele? Verlaine, Voltaire, Rimbaud, todos esses autores usaram drogas e estão entre os melhores, mas há muitos mais que se calam e não ousam ser

visto porque querem continuar os eu trabalho de abelha ou formiguinha pelo proveito e satisfação, como terapia, que esse trabalho árduo de escrita lhes traz à sua vida...veja-se Annie Ernaux. Porque, antes de mais, o bom escritor, como o bom pastos, o bom selvagem, acredita nas coisas simples, mais ou menos ligada à natura, e sem dúvida à natureza das coisas, por isso é adverso a um certo cinema, a telenovelas, e a tricas que nada mais passam de lixo psicológico, eivado de chantagem, malícia, mania e manipulação...ou seja, Mal!... Porque o filósofo não compreende o mundo, quer compreender, tem dele uma ligeira intuição, por vezes e uma pancada forte na nuca, uma tesoura nas pernas, ou um soco seco no estômago, eis o preço que tem, a moeda de troca que tem, de ser funcionário da humanidade, todos pensam que nada fazes, até te associares, cumprindo leis da antropologia social, submergindo-se num grupo, mesmo com risco de ficares lá por pouco tempo, porque para a maioria dos peixes, o ar é mais respirável quando se tem o espírito submergido no âmago do sentido que o Outro dá a certas circunstâncias circunstanciais¹² do estar aqui e ao mesmo tempo do ir, do ficar e do voltar, sempre todo o verão e por vezes no Natal e na Páscoa...

40. MOEDA AO AR

Assim, se pensas em te suicidar, tens uma solução, vai para árbitro de futebol e serás sempre feliz, porque escolher uma facção é, ainda que próprio do Homem, também digno quanto apitar para o princípio e o final do jogo, de um jogo (da Vida, do Mundo), que acaba por ser um jogo sem fim, um caminho sem fim que percorrer, além da tua ansiedade e sobreexcitação, porque aprendes com a passagem e os ritos (Van Gennep), aprendes mais contigo mesmo do que os outros, sem que no entanto te devas retrain a uma episódica falta de sentido, como se as luzes falhassem, falassem, e o caminho estivesse armadilhado, como em África...

CONCLUSÃO

¹² Somos todos, nos não-lugares (Augé), *mentes circunstanciais*, como adiantei noutro registo.

A Fénix quebra, entre sociologia e et(i)ologia humana, ou seja, procura uma prova para se manter viva ante o outro, no estertor da desigualdade e da injustiça que se apossou da sua pessoa, da sua identidade. Mata-se várias vezes e não consegue morrer...porque será, porque além vela por ela, nem que seja pelas suas cinzas, para a imitar (porque tem a mesma natureza) ou a elevar enquanto deusa (como nas canções de Russell Watson, nomeadamente o tema *Nella Fantasia*)...

Pressa de acabar todos temos, a consciência o que levanta o ser teimoso e decadente, porque aqueles que mais falam são aqueles que menos fazem, numa cultura do saber, onde, por outro lado, se promovem a doutores muitos que não têm-saber, trabalho e experiência, seja na filosofia, seja na antropologia, seja, por fim, na sociedade com um Todo. Por isso é tão fácil ir à TV, a experiência de estar na TV, “olha, fui à televisão, viram?”, sou famoso, é típico de certo regime de pensamento anglo-saxónico, ser famoso, ser uma estrela, entre génese do tempo e vontade trabalhar em prol de uma imagem, de uma representação social...

Devir Protésico: de como o saber silencia

Resumo

O saber silencia, ou seja, o sábio não propaga alarvemente a quatro ventos o seu saber, têm de haver canais e ventos favoráveis, adequados. Para isso há a academia, as Igrejas e outras associações. O saber é como uma prótese, qualquer coisa que se põs, mecanicamente, depois de amputar, por exemplo, uma perna. Ele está e não está, não ocupa lugar mas é preciso, necessário, indispensável, porque advém de muitas fontes, a saber, a experiência, o estudo, a reflexão, o trabalho, a convivência em sociedade.

Desenvolvimento

1.

Aquele que sabe não vai semear a quatro ventos aquilo que pode saber do seu saber, aquilo que pode ser nocivo para a humanidade. Mas...o saber é nocivo? Não precisa o homem de saber, saber o que faz, o que pensa, o resultado das suas acções? Sim, mas de certo modo ele está condicionado pelo que sabe. È aqui que entra o antropólogo, o seu saber não é de todo revolucionário nem tão pouco permissivo, ele é de certo modo ecológico (Guattari, Pina-Cabral). A sua casa é o mundo e ele procura soluções técnicas para algo de social. E quanto à arte, há um saber artístico enquanto herança cultural? De certo modo, sim. Ou não?

2. Gilles Lipovetski diz que, no futuro, iremos ter “tranquilas maiorias” e “minorias perigosas”. E o papel da religião em tudo isto, o que será? Por isso, somos o que produzimos, mas também o que consumimos, ou seja, nas sociedades industrializadas, como refere o Secretário-Geral da ONU, “desperdiça-se um terço do que se produz, um apelo ao consumo sem paralelo”. Este homem tem vindo a alertar o mundo de que é preciso mudar o rumo, talvez abrandar como dizem alguns filósofos, começar a desejar outras coisas, para si e para a casa comum, a causa comum, ou seja, orientar o desejo. Canalizá-lo para coisas boas e nem sempre abstratas do modo como

nos organizamos no espaço, porque produzimos “habituação à habitação”, como tenho dito, eis o modo como nos definimos enquanto homens, mulheres, seres em geral.

3.

Seja como for, lutamos contra um sentimento de sujidade, culpa, em relação a nós mesmo e aos outros e por mais que nos lavemos, por mais que o espaço em redor esteja sujo, ou nunca está limpo o suficiente ou só vemos nele sujidade, nem que esteja limpinho, ou seja, a neurose obsessiva apoderou-se do homem rico, gasta para se sentir integrado e está, na verdade, sempre nós, por isso há um regresso às origens por parte dos jovens, cada vez mais esclarecidos. Mas, de facto, em termos de geografia humana, a estupidez varia de bairro para bairro, de contexto para contexto. Mas...o que é na verdade o contexto? Não é a pessoa? Não é ela uma mónada? A meu ver, eis a chave do desenvolvimento do progresso humano, a relação do individual com o social, sendo que o individual passa a ser o social e este esvazia-se de sentido sociológico e toma a sua vez, o seu tempo, no desenrolar do forro do cenário os seres, mentes circunstanciais, se movimentam...

4.

O homem está, então, perdido, como na série *Lost*, está à procura de alguma coisa, nem que seja um ponto mais adiante, quem sabe para trás de si mesmo, onde se perca, onde se encontre, onde se torne o Homem que nunca foi, porque o tempo passa, ele é Devir, transformação, mudança nas mais variadas vertentes da existência. Numa viagem a França, bastante atribulada, aconteceu-me isto. Perdi-me, na terra onde nascia, em vários momentos, exasperada, não ouvia as pessoas devidamente, fartei-me de falar e exaurida acabei num hospital, quase morto. São Francisco chamou por mim do outro lado, mas eu não fui, ele disse-me para ficar, porque tinha uma missão mais importante a anunciar na terra, dizer de seu bem e de Deus na terra, manter-me vivo, manter os outros vivos do acampamento, dar-lhes esperança com o meu exemplo, não tornar a vida mais degredo do que aquilo que já é. Eis-me portanto, passados mais de dez anos, ainda em Lisboa...

5.

A reformulação do desejo só se faz pela reflexão, pela inspiração e pelo diálogo, não há, mesmo filosoficamente, outra maneira, alterar o Ser, as maneiras do Ser em boas maneiras de Ser, de Estar, de fazer Parte, coisa a que eu chamo de Dialéctica do Ser e do Pertencer... Muitas vezes vê-se o ser como coisa isolada do social, outra como um todo, a própria consciência coletiva. Não é uma coisa nem outra, é algo mais, como que uma hiperconsciência da realidade atribuída ao Homem...

6.

Na realidade, podemos encarar o estudo da sociedade pela relação do sujeito, indivíduo, actor social, com ela mesma, no geral ou em grupos e associações de indivíduos em particular. Quando a família nuclear se funde nela mesma pode haver vantagem, mas ela precisa de associações do exterior para sobreviver, para se replicar e ao seu modelo no espaço societal, é portanto ampliando-se que sobrevive no tecido social...

7.

Adianto aqui a noção de falta psíquica, ou seja, é sob o regime da falta, no extremo religioso, do pecado, que nos sentimos comprometido com o mundo em redor, o mundo dos outros. Se não tivéssemos noção da separação entre o limpo e o sujo decerto que não teríamos fronteiras, bandeiras, entre as mais diversas formas de comportamento, seria tudo liberal, livre, num âmbito de “liberdade livre”. Por isso, há um *friso* entre a noção de indivíduo e a noção de sociedade, ou seja, um cisco, uma percepção mínima de que nem tudo está claro. Neste âmbito se desenrola a acção social (Roche). Como nas auto estradas de qualquer caminho para algo, há uma separação entre duas ou mais vias, seja ela amarela ou branca... Como nos documentários de Jean Rouch...

8.

Depois, o mito de que o homem não chora, que não tem medo, o que é exactamente o oposto da realidade, social, psíquica. Na verdade, as mulheres são bem mais destemidas, pois atrevem-se a pensa, mal ou menor, correto ou incorreto e é isso que lhes faz governar o mundo, com os homens à cabeça, com o peso do mundo sobre eles, pelo mito do músculo, da força física, do patriarcado. Na Igreja, esta tradição

continua, será uma forma apenas de ver o mundo ou será a forma como exatamente o mundo se constitui ou deverá constituir? Para que a aventura humana prossiga...

9.

Esta *civilização da imagem* e, por outro lado, de uma “hiperintelectualização” da percepção da realidade social, tem qualquer coisa de pouco melancólico, porque baseado no comentário jocoso do Outro, tudo enfim depende do contexto e mesmo numa grande cidade (bem, relativamente grande) como Lisboa, há invejas e tricas que nos fazem sentir mal uns com os outros, e isso explica-se? “Ah! É a natureza Humana”... Não era, antes de mais, a estupidez humana? Lembro que a ignorância nos faz falar mais, enquanto a sabedoria nos faz calar e sermos ora espetadores, hora ouvintes atentos e participativos. Portugal é o país da Europa com menos taxa de alfabetização...isto quer dizer alguma coisa...Muitas das vezes associada à rusticidade do carácter do povo portugueses...

10.

Eis, pois, o signo genésico, a voz de Deus, a voz do pai, a voz do sangue e tal determina muito do percurso biográfico do actor social, porque o referênciamento a uma comunidade de origem anterior mesmo à sua existência e isto verifica-se, mesmo, em grandes cidades como Nova Iorque, onde a densidade populacional é devidamente proporcional à de Lisboa, cidade de embarque, de passagem, de travessia...

11.

O que há de distinto entre o actor social e o actor propriamente dito é que um mete para dentro (os seus papéis, o seu *roleplay*) e outro deita para fora e é nesse regime de alternância entre interioridade e exterioridade, desdobramento, que se joga o todo do jogo social.

12.

De uma maneira ou de Outra, entre futebol e Igreja, o mundo depende todo, mais ou menos, do mediatismo, daquilo a que poderíamos de chamar de *mediaticidade dos fenómenos*, ou seja, o meio através do qual percebemos certos fenómenos, como a Igreja, o futebol, a política, o interesse...

13.

Andamos, assim, pouco a pouco, passo após passo, afazendo uma teoria da sociedade, do modo em que é composta na sua diversidade, na forma e no conteúdo das suas trocas comunicacionais, onde o saber é, na maior parte das vezes, demasiado exposto, colaborativo, sendo que a academia nem sempre publica para a internet, pois na maior parte dos casos, que eu conheça, a universidade é sinal não de divertimento, mas de intriga e inveja, essa inveja própria do português e ser professor universitário talvez seja mais importante do que ser político, por exemplo... Isto é sintomático de que algo vai mal, enquanto outros não conseguem entrar na academia, depois de lá terem estado mais de metade da sua vida, a independente e a católica, a estatal e a liberal...

14.

Mas...o saber silencia? Não há lugar aos direitos humanos, aos direitos cívicos, mais ou menos adquiridos, não estamos nós a entrar num eterno regímen de teoria, ou seja aquele que faz diz que faz por fazer, quando todos querem parecer sinceros, é essa a ideia que parece prevalecer que trabalha à frente e atrás das câmaras, ou seja, mais uma vez a ideia-conceito de “vícios privados, virtudes públicas”...

15.

Veja-se de resto, as sondagens que indicam o site Pornhub como o mais visitado em todo o mundo. De facto, a antropocena parece estar a cumprir-se ou seja, a fama daqueles que são famosos por serem o que são, como diria o radialista Alvim, relaciona-se com a ideia de que no sexo se concentram todas as energias do mundo, união de contrários, união de semelhantes, ou seja, a multiplicação dos pães no seu melhor...

16.

A este meu ver, junta-se a ideia das alterações climáticas: para quem estudou e ensinou geografia, a física e a humana, é fácil compreender uma via de compreensão do mundo, sem ser zoologia, filosofia, etologia ou sociologia, mas que se aproxima de certo modo a antropologia, ou seja, a forma como o homem se relaciona com o meio e o desequilibra, porque, justamente, está desequilibrado, está desenquadrado de um ponto de mira que não sabe o antecede e o justifica, mas ele continua negando a sua própria natureza, que é ser Bom, consentâneo com o mundo em redor, laqueando o mal e travando o avanço dos vícios e de tudo aquilo que é nocivo, destruindo lares e tornando o homem num ser demasiado esperto para se manter vivo por muito tempo...

17.

E estaremos, de certo, numa era de declínio do individualismo, de certas formas de individualismo, como sugere Mafessolli? A que individualismo ele se refere? Sim, entenderei a sua mensagem como a promoção do grupo, algo que está de intermédio entre a sociedade e o sujeito. O sujeito filosófico, aquele que habita o seu redutor de felicidade sem ser redutor, sendo criativo, ainda que cavernosos e algo viciado...na sua própria felicidade e bem estar, porque isso ainda não é proibido, regulamentado...

18.

Assim, o homem empurra o problema com a própria barriga, esgueira-se ante o infinito e até o vislumbra, ou seja, o seu futuro, mas logo vira a cara e volta à sua rotineira forma de in-felicidade...

19.

Assim, a multiplicação do pães de hoje dá-se pela via do espírito, quando até o Papa tem dificuldade em controlar a irrupção da natureza humana sobre a forma de individualidade orgânicas, ou seja, continua a haver uma grande luta entre criacionistas e católicos, entre evolucionistas ateus e transcendentistas cristãos, ou seja, o homem está não já dividido ao meio, mas em várias partes, o homem do Vitruvius, o Cristo das artes renascentistas de Da Vinci...

CONCLUSÃO

O saber não ocupa lugar, porém, saber é poder e quem ocupa e usa de poder (sobre os outros, sobre si mesmo enquanto sujeito mais ou menos filosófico) tem os seus amuletos, os seus talismãs, porque em todo o homem reside um desejo secreto de interesse ou então arbitrário para modificar qualquer coisa da natureza do homem, nele ou nos outros. Porém, o verdadeiro saber é silêncio, eis o que defendemos e até o não-saber, a ele equivalente, se propaga mais na falta de ruído do que na buzina dos carros, no seio de um homem que não pára de se transformar em máquina de função, de resolução, de eficiência e...por fim, morte, dele mesmo e dos outros que hão-de vir, eis então a biografia como forma de arte, como em Hollywood ou Bollywood, dentro de casa ou na rua que os caos acabam por sujar, à revelia daqueles a quem chamam de donos...

O filósofo ingênuo: entre troça, discriminação e admiração

Resumo

O filósofo é o bode expiatório dos tempos hiper modernos, está roto e sem dinheiro e ainda assim o perseguem como que buscando nele a razão, a explicação de tudo e mais alguma coisa. Enquanto uns se espriam nas academias no saber dos autores, outros andam na rua, em busca de uma razão última que faça o povo viver, lhe dê esperança, enquanto a maior parte dos políticos são corruptos.

Desenvolvimento

1.

Buscamos nos superheróis o herói que há em nós. É fácil ancorarmo-nos neles e conduzirmos a nossa ação pela deles, pelos seus ditos e trejeitos. Mais difícil é levarmos uma vida por nós mesmos, pela nossa crítica e racionalização, mas aí à soberba vai um passo. O mundo dos cavaleiros mudou-se para a realidade virtual e aquilo que é virtual é real, porque tem existência na mente das pessoas, ou seja, corresponde a qualquer coisa que se legitima por si só na mente do leitor, do espectador. O filósofo é, por sua vez, um homem preocupado, ora com umas coisas ora com outras, ora com o fundamental ora com o acessório, convive com a morte, num cigarro, num capô de vinho e ainda assim safa-se, fica vivo, livre de todos os constrangimentos sociais para se dedicar à filosofia, o que quer que isso seja...

Mas, porque é o filósofo tão admirado e ao mesmo tempo alvo de troça? Porque ele ocupa uma zona do cérebro diferente da dos outros, ele procura explicações e admiração em tudo, como Fernando Pessoa. De alguma maneira ele capacita-se noutro tempo, a sua alma não é deste tempo, do momento, em cima do joelho...

2.

Ele alcança uma fuga para a frente para a terra de ninguém, um lugar inóspito onde não encontra senão a sua consciência, ou seja, é território do Outro, assim ele é um invasor, um herói-civilizador de uma certa forma de sentido. Tem de consertar tudo e

mais alguma coisa que está fora do lugar na Terra, ainda assim é ou não é da Terra, move-se portanto por caminhos que nunca foram traçados, ao mesmo tempo que procura cimentar cada conquista na sua subida, na sua escalada, para o caso de os braços e pernas fraquejarem e acabar por cair em direcção ao chão...

3.

Eis o filósofo com seu interesse pela vida social, ele não se entrega, resiste e apesar de ter vozes de holofote em cima dele, insiste em levar a sua vida social, em interessar-se pelos assuntos mais ou menos comunitários, num regime de valentia e resistência, por isso é algo mais do que um imbróglie humano, é um bicho de viver, bicho de pensamento, entre a acção e a razão e-volutiva, e-volitiva, entre real e virtual, entre pensamento e acção.

4.

A sua cabeça é um grande novelo de lã, plena de personagens, como as de um grande escritor, mas o estertor que o acompanha é cada vez mais frutífero, mortífero e ele acaba por estar mentalmente só, ou seja, ele próprio é o agente de sabotagem da sua filosofia, mais do que a CIA ou SIS...

5.

Depois, o conflito moral, semelhante ao do teólogo, do do antropólogo sendo que uns são sagrados, o outro profano, ou seja, deambulam entre um registo da carne e outro do espírito, como aliás, noutra nível, qualquer leigo, qualquer pessoa humana, que não se deixa assim tanto prender pelo ascetismo que descarna o Ser nem entregar-se às paixões a todo o momento. Assim, o espírito é refém da carne e a sua sentença é ter de se adequar ao mundo a todo o momento, sufocando o espírito que olha para cima, que tende a se evaporar...

6.

O puro espírito procura assim o puro pensamento e o filósofo de hoje arrasta-se pelas franjas da sociedade, desviado do centro, em deviancia, derivação, deriva, produzindo com arrotos a sua teoria, num mundo onde o sentido se perdeu numa rua

escura, num passeio borrado pelos cães, em lojas de chineses que têm tudo e mais alguma coisa. Há uma divisão entre a casa e a rua, mas ele sente-se na rua em casa e em casa na rua, quando se destapa o topo dos seus pensamentos volantes, no entendimento modesto do mundo, das coisas, da relação entre elas e da razão do viver, do fundamento...

7.

Quanto mais sabe, menos sabe, o seu Ser está coarctado pela certeza, porque aprendeu ciências sociais e sabe como a sociedade funciona, ou seja, sabe mas não quer intervir, não é ético, de sua parte, por isso deixa que o mundo viva sem ele, sem se revoltar, como se fosse uma planta que vegeta diante de Si-Mesmo e à consciência regressa quando se lhe pede, quando o mundo que recebe a sua semente lhe está mais ou menos solícito...

8.

A carne sustém o seu espírito nos dias deste mundo, mas o espírito quer mais, quer o que não quer a carne e, logo, o seu corpo está dividido no corpo social como vítima sacrificial, o dilema persiste e há-de durar toda a vida, enquanto o seu espírito for (sendo) carne...

9.

Há, assim, qualquer coisa de errado no humano, ou seja, qualquer coisa que não bate certo, será sua cabeça? O filósofo questiona-se portanto como é que um corpo de carne e ossos, de vasos e nervos, poderá compreender um espírito que dele salta a todo o momento como um salmão na queda de água, ou seja, se a mente se pretende desligar do corpo, o que será do corpo, mais, o que será da mente? Como resolver este dilema?

10.

Na verdade, chegamos de facto a uma conclusão. A solução para o enigma não está na cabeça do homem, do filósofo, está algures fora dele. A solução é uma mulher, a mulher, sobretudo nos dias de hoje, quando se unem dois seres em chama de amor, qualquer coisa deixa de ter o seu brilho passado pouco tempo, dá a ideia que todos querem encontros mais ou menos imediatos e não se querem comprometer. Assim, o homem precisa de encontrar uma mulher para fundar em Si o equilíbrio entre mente e corpo, entre carne e espírito. Por isso indaga e procura um sentido da vida nessa indagação, nessa especulação sobre o outro que qualquer um como Kant faria...

11.

De modo que o homem, para estar sempre a provar que é homem, tem de andar com esta e aquela, no exagero, até encontrar aquela que é certa, para uma parcela de tempo e logo que a encontra, ela foge, pois há algo de desajustado nessa procura, a não ser que a prenda, que faça uma amarração, ou seja, que firme contrato social pelo casamento, em nome de uma imagem de representação social daquilo que ele pensa que a sociedade dele quer...

12.

Portanto, o filósofo, entre indagações e abominações do social, mesmo que seja também cientista social, procura no corpo de Outrem a entrega que não faz à vida social e comunitária, ou seja, pelo amor, regressar ao crisol de felicidade de si mesmo, nem que seja por pouco tempo, porque se outrora a filosofia era prestigiante, hoje em dia não o é mais, ou pelo menos não o é tanto, pois num país de dez milhões haverá cerca de cinquenta mil advogados, enquanto filósofos, serão uns dez mil, se tanto, enquanto os antropólogos andam em torno dos dois mil...então, por aqui se vê o peso do filósofo no jogo social...

13.

Depois, a solidão enferma o filósofo, não lhe bastam as críticas acintosas da mulher do peixe, a peixeira, e do homem do talho, o talhante, ambos trabalham matérias que se podem comer, logo, têm voto na matéria dos assuntos práticos, da praticidade do devir quotidiano. Mas isso não quer dizer nada, há sempre qualquer coisa a especular

e ainda bem que há quem o faça, porque a partir de notícias é fácil fazê-lo, mas difícil é gerar teoria em torno das grandes ideias...

14.

Portanto, muito se espera do filósofo, a ele se dá a autoridade que não e dá ao político, a das causas últimas, o que de certo modo é paralelo à tarefa da Igreja e ao lugar da oração na vida do homem do quotidiano do senso-comum, ou seja, muitos são os dispositivos para sermos felizes, mas então porque não o somos? Porque há esse dilema, que não só está presente na mente do filósofo, mas sim na do homem do senso-comum, ou seja, toda a civilização ocidental está aqui bem presente na sua enfermidade civilizacional, ou seja, na condenação pública do sexo, ou ao menos sua tolerância e na produção de cérebros mais ou menos espirituais, enquanto alguns sabem ver a coisa por outro lado e se tornam espirituosos...

15.

Por isso, agora se começa a falar de saúde mental nos media, porque a opinião pública reconhece que o assunto é importante e que é preciso lutar contra o tabu das doenças mentais, que sempre gerou celeuma e isolamento nas pessoas. Terá sido por falta de Deus? Por falta de fé? Talvez, em parte talvez sim, mas a raiz da questão é bem mais funda, ou seja, o homem moderno está em crise, a sua mente está um puzzle, e na verdade, em termos práticos, comezinhos, só é feliz quem tem dinheiro e poder, porque se convencionou, no âmbito de um capitalismo sôfrego, que todos têm de ser sucedido e que para que tal aconteça, tenham dinheiro, prestígio, poder. Os novos media andam em torno desta ideia, ou seja, o BigBrother, **eu vejo(te) e tu-(me)-vês** e todos sabemos uns dos outros, quando não há lugar ao segredo, à discrição, à contenção, à oração...

16.

Assim, embrulha-se no mesmo pacote Espinosa e Hobbes, Sade e o Don Juan, porque o mundo pede isso, a mente, o mundo dá, a mente dá, ela produz cada vez mais pensamentos desde a raiz do capitalismo, da vida urbana, do estertor das explicação que o homem precisa sobre tudo, para poder continuar, daí a psicanálise, a psicologia, todo é legal, legítimo, em democracia, somente não pela coisa em si, mas para evitar

males piores, ou seja, é preciso destapar a panela de quando em vez para que ela não expluda, para que a comida possa ser bem confeccionada.

17.

Mas, nesta ordem de ideias, quem estará certo? O homem do momento, do Jet? O filósofo? Quanto mais se fala menos se sabe, quanto mais bonito é o invólucro, pior o conteúdo, sendo que o conteúdo está nos conventos, nas universidades, nas bibliotecas públicas. Então, ler para quê? Ajuda a combater a solidão, confere uma ideia de projecto à nossa vida, de utilidade, de sentido, enquanto a vida social se vai repartindo entre festas e “catering”, porque de alguma maneira as pessoas, na sua grande parte, perderam o sentido, pelo menos o sentido do que havia antes de...

18.

Tudo começa pelos dezoito anos, porque antes não percebemos grande coisa do que estamos a fazer neste estaminé a que chamamos de vida social, este palco que retrata as nossas glórias e misérias, dores e condescendência. Muitos acham que vai durar para sempre o prazer, outros escudam-me, como vítimas sacrificiais, na dor existencial do existir vagabundo. O amor romântico acontece por volta dessa altura e continua a manifestar-se, seguindo um pouco Kierkegaard, até aos 25, só aí o homem começa a implantar o seu sistema de vida, ética ou pouco ética, para além do juízo de valor que possa aparecer, parecer. Se não vivemos um grande amor por essa altura, talvez nunca mais o possamos viver, porque ora não se proporciona ora estamos fugindo dele a toda a hora, seja também porque a mulher perfeita para o contrato social, não aparece, talvez porque a nossa relação com os outros, a sociedade, não é das melhores...

19.

E o filósofo repete-se e volta a repetir, num ritornello incessante que cansa mas ao mesmo tempo lhe dá sentido do que vai fazendo, reiterando formas de pensar e de sentir, porque talvez fiel ao seu Deus e àqueles que lhe são caros e instala-se enquanto “writist”, escritor artista, em inglês writer artist e a sua vida, a biografia, passa a ser um exercício de estilo, ele não confronta os grandes dogmas, seja da fé seja do sentimento, vai entre eles, como entre os pingos da chuva, exarando forma de satisfação mais ou menos psíquicas umas, mais ou menos físicas outras, de modo a

obter a afirmação da entidade com que se relaciona, de modo a firmar um identidade que é tudo menos coerente com certos princípios instituídos da sociedade. E quem lhe manda ser assim, dizer assim? Não se sabe bem ao certo, talvez a sua ânsia de explicação, explicações e mais explicações, para ele e para os outros, de forma a poder respeitar entre as friestas do Ser, do Ser social...

20.

O seu terreno, se mesmo lhe pertence, é instável, cheio da dúvida, das dúvidas a propósito de tudo e de todo e se uma vez se ergue seu orgulho, logo depois se abate ante o estertor da consciência em forma de solidão, mais do que física, psíquica e então ele precisa de facto e mais factos para satisfazer a sua mente, a sua verve, a sua condição e continua a procurar, a demandar, explicações e mais explicações, a razão está entupida de questões, mas ele continua, talvez sob a promessa de um Cristo que se há-de revelar mais uma vez, numa segunda vida que a Ele lhe é atribuída e que o filósofo pensa também poder vir a viver em plena manifestação de sentido...

21.

Depois, o síndrome de Nietzsche, ou seja, o síndrome de que o êxito não é tudo, não traz tudo e que por vezes a felicidade é estar triste, melancólico, neste fado do arfar, ou seja, a melancolia é uma forma de vida e nem todos temos de ser heróis, mesmo que custe muito menos do que às vezes parece...

22.

Não, o segredo de uma vida feliz não está somente no corpo, na carne, nem somente no espírito, ainda que a Igreja diga que si, está antes numa certa forma de equilíbrio face ao exagero altímetro de nossas vidas, ou seja, a moderação da tendência para exagerar, para baixo como para cima, ou seja, o português está mudando, devido a muitas trocas comunicacionais e evidentemente também comerciais, a nossa maneira de ser está mais próxima da inteligência artificial. Deixaremos, então de ter sentimentos? Que papel está reservado à emoção nas nossas vidas no futuro? Como a combinar com razão, com fé e desalento? Porque tem tudo de ser binário? Assim como procuramos um mundo que não seja a preto e branco, qual *film noir*, procuramos também um mundo de odores e aquela dor de cabeça insistente, aquelas imagens que

massacram repetidamente a nossa mente, poderão não ter sido senão dores de crescimento...

23.

Portanto, gostaríamos, em jeito de proposta, de inserir a noção das mónadas de Leibniz para as ciências sociais, ou seja, para o entendimento da sociedade como um todo e dos grupos em particular, bem como algumas ideias de Robert Owen. O homem não é desprovido de sentimentos, como o filósofo não é, como o cientista social não o é e na verdade, cada vez mais acreditamos que o filósofo não é nem nunca será um cientista social, por mais que o empurrem para isso e por mais que digam que o cientista social tudo percebe da sociedade, porque há sempre qualquer coisa que nos escapa e que só se pode agarrar com o instrumento da fé...

Dividir para Reinar: autonomia na mente ocidental

Resumo

Será que o Sujeito desapareceu do discurso filosófico da pós-modernidade, imerso num mar de referências e de saturação do Eu? Não vivemos num mundo de fabricação de expectativa que leva a uma gestão dessa mesma expectativa, ou seja, a consequência de qualquer coisa que se procura, que se provoca, há-de ser a frustração de se ter ganho, ou seja, já nada chega ao homem de hoje, nem sequer o sortilégio de se ter tornado Deus, um deus...

Desenvolvimento

1.

Dividir para reinar. Desde cedo o homem ocidental percebeu que, para analisar os fenómenos da natureza, através da ciência, teria de decompor os seus elementos, ou seja, separar os componentes de um dado fenómeno e analisá-los separadamente, ou seja, mesmo com os problemas da mente e da filosofia, foi isso que aconteceu, desde Galileu a Copérnico, Tico Brahe e Newton... Até mais tarde, Einstein não perdeu a mania... Estamos, pois, sob o reino do homem dividido, sob o signo da autonomia da razão e da separação das ciências. Mas há interdisciplinidade, qualquer coisa para fazer...

2.

Os dogmas passam a ser acessórios, o homem é o realizador do próprio filme que é a sua vida. Se a mente ocidental quis ficar autónoma de uma tradição, até mesmo da sua componente corporal, cultural, para onde se dirige, então?

3.

Onde mora, então, a integralidade do homem? O espiritual não é concebível com o sexual? Porquê a distopia das crenças e volições? Que é feito desse homem desagregado

que tenta se recompor, pela viagem, encontrar um Outro nele mesmo? Não será porque ele é já, à partida, o outro, um outro em si mesmo? Enquanto uns se dedicam à vida social e vêm nesse magma a felicidade que julgar ter pela posse e comando dos outros, outros vivem só e são assim felizes, como o Velho Sábio e a Águia... Outros são como que misantropos e evitam o contacto, talvez porque tenham para si e para os outros, outros planos, bem mais dignos e meritórios, mais notáveis e importantes...

4.

Muitos não têm tino ou capacidade para o contrato social, por causa da responsabilidade ou algo de parecido. Outros embarcam em compromissos que não cumprem. Os outros, pois então, outros esperam pela altura certa para dar o passo, ainda que ele se dê tardiamente e a realização pela como casal como que tem de ser feita à pressa, já depois do mais importante ter acontecido. São opções, a vida é tão múltipla e diversa que não dá devidamente para entender porque fazemos ou não fazemos certas coisas, porque damos um passo adiante ou um passo para trás. Nessa medida, há sempre lugar à reflexão, á consideração, enquanto uns pensam demais, porque gostam de pensar, sendo que o cérebro é o melhor órgão erótico, outros vivem sob o signo do corpo, das duas cabeças...

5.

Sim, a vida do corpo, enquanto ele dura, ou seja, a sociabilidade está devidamente associada à exuberância sexual, isto nos mostra o mundo do espetáculo, seja em Hollywood seja no Bairro Alto, à sociabilidade e logo é uma aproximação de certos ritos canibais, logo profanos, onde o fervente do magma humano vem ao de cima e logo nascem ilhas e continentes... Jean Duvignaud fala a propósito disto nos seus vários livros, escritos nos anos 80 do século passado...

6.

Por isso defendo que a vida, a existência biográfica, mesmo em termos carnis, é uma vela e não uma lâmpada, para uns é as duas coisas sobrepostas, para outros os filamentos da lâmpada são demasiado frágeis e logo se quebram, fazendo com que a pessoa entre na escuridão. E porque é que digo que é uma vela? Porque somos lírios ao vento, uma bafurada de ar mal-disposto pode trazer a escuridão e mesmo a electricidade pode ser cortada de um momento para o outro. Os dois regimes são de

imensa fragilidade, por isso sobre-nos tempo para sermos conservadores e apreciar o mundo, a natureza, os outros, enquanto é tempo, enquanto ainda é tempo...

7.

Quando se perde o amigo, um ente querido, qualquer coisa fica a falta em nós, algo que partiu para outra dimensão, como se alguém tivesse desaparecido da nossa presença. O indivíduo não é apenas ele mesmo, mas também os seus, os que os rodeiam, ele influencia e é influenciado, ou seja, a vida social, não se presta a grandes singularidades, basta ir comprar o jornal e já estás a socializar, mas alguns autores insistem na era do individualismo, no seu fim e no seu princípio, não sei bem a que propósito. Para mim, isso não é um dado, o ser individual não é mónada, é pedaços de outros, protensão para com o seu semelhante, mistura, Terceiro Instruído, como diria Michel Serres, Filosofia Mestiça...

8.

Há no viver pós-moderno uma gestão da expectativa emocional, ou seja, é bem mais interessante o que acontece antes do sexo, mesmo que ele não aconteça, do que durante e depois, depois lá teremos de repetir uma e outra vez, como todos mais ou menos adolescentes, época em que nada acontece e vamos sublimando, dia após dia e o contrato social do casamento aparece como a forma mais segura e socialmente aceite de canalizar a maior das energias, a sexual e se alguém se nos atravessa no caminho, bem podemos sair feridos dessa intromissão. Para a vida, para o resto da nossa existência...

9.

Sim, a vida é espera, espera atenta, é passar o tempo, pelo tempo, sem que nada aconteça demais, de mais, ou seja, mesmo os tratados anti-envelhecimento apenas retardam, não é fácil termos de enfrentar a morte, quando vivemos rodeados por ela, a todo o momento, senão na nossa casa com as mortes pequenas, ao sair de casa e quanto mais vemos as coisas do mundo, mais morte se estatela no chão sujo dos cães para nos encher a paciência e, por isso, optamos por esquecer, por viver por nós mesmos uma existência errante, metafísica, sendo que na verdade todos fazemos filosofia, estamos imerso no reino de símbolos e sinais de índole quase escatológica. Cristo consertou muita coisa, mas também obstaculizou muita coisa, a liberdade e

responsabilidade do homem ser ele mesmo, capacitado, Deus. A eterna luta do homem com o seu senhor, na dicotomia que o joga para a escravidão, quando não é isso que ele quer, mas também não é valente suficiente para afirmar a sua transcendência em potência, por isso vai-se deixando andar, com a cabeça entre as orelhas...

10.

Portanto, a mente ocidental é um espaço aberto, arbitrário, anárquico, por mais que se tenta implantar a democracia ela tem sempre fugas e na verdade, todo o homem quer mandar, essa é a suprema liberdade, mandar, ter o poder material e só Cristo esteve no deserto, com o rol de santos, como Charles de Foucauld, tentando viver a terra em vez da terra, em abandono, na contemplação do que a natureza lhe dá. Como conciliar então, na mente ocidental, a herança grega com a herança, já documentada, de outras culturas, iletradas a grande parte delas, desde África ao Amazonas? Porque na mente do ocidental convivem também o orientalismo, porque o homem ocidental está em trânsito, em constante e contínua viagem, porque ele deixou de ser quem é em nome de uma certa idade de humano...

11.

Sim, este homem procura o link perdido, na época onde ainda não havia telemóveis, em que os computadores ainda não tinham internet, por meio das canções de *The Verve* e *This Mortal Coil*, na adoração de Elisabeth Fraser, tentando manter-se à toa, ainda que à toa, enquanto autor, quando a literatura vai já longe e espera conseguir alguma coisa com o ensaio destes ensaios, extirpar da menta qualquer coisa que está oprimido, comprimido como um ficheiro ZIP...

12.

Então, porque é que o filósofo não tem intercurso? Deseja assim tanto evitar os contactos, sexuais, sociais? Não, o humano é seu objecto de estudo e ele vai com cuidado, pois para além de ser filósofo é cientista social, por isso vai de mansinho, para não fazer estragos, porque é um vulcão sexual em potência, uma flor abstracta que tarde em manifestar-se, quando quase todos vão pela facilidade, trocando de parceiro, quando para ele a sua mulher é a humanidade, quisera fazer um contrato social e já esteve mais longe de o fazer, veja-se a este propósito alguns escritos de

Ferdinand Tönnies, Max Weber e Anthony Giddens, *A Transformação da Intimidade*, especialmente.

13.

Enquanto uns se afiambram ao poder, mesmo sabendo que não poderão estar no poleiro durante muito tempo e mesmo que a sua transparência lhe dê lucro e aproveitamento quase insano, obsceno, face à condição da maioria da população, outro preferem ser ratazanas. Ou, ao invés, as ratazanas estão no poder, ou seja, tecem formas de agredir o outro em sua integralidade física e psíquica, por meio de droga, corrupção e outras coisas, fazendo crer ao Zé-Povinho que o crime e o roubo compensam, pior, gerando nele, sobretudo quando não tem formação, a ideia de que o trabalho intelectual é, mais do que inútil, desnecessário e muito para isso contribui a indústria de Hollywood que, neste canto do mundo, é proeminente em audiências, para falar da Televisão e das redes sociais.

14.

Depois, o filósofo desiste de tudo, entra em si mesmo e leva uma vida de eremita urbano, cultivando as coisas do espírito, farto de pessoas lúbricas e desequilibradas, más, mal intencionadas, sem formação. Assim, a sua sabedoria não está mais ao alcance e ao dispor da cidade, porque, de certo modo, acabou-se a resistência e a boa vontade foi traída. É mais difícil ficar só, mas é o único caminho na exploração deste planeta, sem grandes ligações, sem grandes compromissos. E isso também o afasta da vida pública e política, do aparecer, da luta pelo status, porque está cansado e saturado de que haja sempre um link, uma relação entre algo, dois ou mais termos, sendo que se depara com o estertor da sociedade moderno-capitalista, sob o signo da conquista, em vez de ser presa, passa a ser caçador...

15.

Mas ele mantém o ambiente de sedução na sua vida, porque o seu coração é bom como o bom selvagem de Rousseau, afinal ele é o *Victor*, de Aragon e de François Truffaud, por isso vai mais além, o seu terreno favorito é ainda a cidade, que ele palmilha a pé e que conhece como ninguém, vai a uma ou outra discoteca e não tem grande sucesso com as mulheres, no local onde vive, num bairro de Lisboa, é visto um pouco como incómodo, um emplastro alegre, mas ele gosta de ser assim, sair de

manhã para comprar o jornal a ver o que vai fazer nesse dia e prevê que tudo isso, todas essas hesitações e medos, são coisas da mente que, como as coisas do mundo, devem ser vistas ao longe ou até de olhos fechados...

16.

Sim, a mente é a câmara, o olho é a câmara, ou seja, vivemos sob um regime de predominância do visual, em detrimento dos outros sentido, como o olfacto, mais forte numa civilização indiana, do tacto, sentimos todos demasiado uns e outros, uns dos outros, sentimos em demasia, em vez de levar a coisa pelo meio termo, cabeça fria, império romano...

17.

E, porque estamos dependentes uns dos outros, sentimos, não podemos deixar de sentir, sob pena de ficarmos isolados para sempre uns dos outros. Então, há uma compleição para Pertencer, como já disse algures nos meus escritos, uma compulsão para fazer parte, aumentar o magma do sentir humano nas grandes e pequenas geografias, na nossa casa, para sempre ou no tempo da nossa vida, num dia ou noutro, de uma forma ou de outra, ou seja, nem razão nem intuição, mas sentimento, eis o verbo que melhor define esta nossa época e à luz desse sentimento muitas coisas de errado se fazem, quando o exagero toma conta do agente. Mas...calcular, reflectir, para quê? A que propósito? Não sabemos que amamos quando de facto amamos? Porque fugir então a esse sentimento, sendo que o filósofo o sente, o vê com os olhos da alma, ou seja, ele é o contrabalanço da estrutura social, ou seja, o antropólogo é não só o bode expiatório mas o maior agente social de sua comunidade, tendo deixado a observação-participante para tomar as rédeas de um poder que as sociedades e os grupos ainda não conhecia, que é o do sábio...sapiens!

18.

Em desespero, no estertor de si mesmo e do seu Ego, o sujeito dobra-se sobre si mesmo e contempla o seu fundo, um fundo sujo: eis a humanidade, eis o umbigo do mundo cravado em si mesmo e a mente deixa de ser ela mesma, deixa de mentir e revela a percepção da natureza humana na sua condição de não-ter-obrigatoriamente casa, ou seja, quando tens casa de alguma forma deixas que o mundo não seja a tua

casa, pois estás numa caixa de fósforos, fixa, porque a móvel é o carro com que te diriges aos teus afazeres quotidianos...

19.

A dobra, então, que tu vias diante de ti e que imaginavas na parte de trás, é agora a dobre sobre ti mesmo enquanto corpo, corpúsculo, ou seja, estás dobrado mas não quebrado, pois acabas por te erguer mais dali a pouco, distanciado de Ti-Mesmo, no espaço em redor, em termos radiais, no mais além do que aquilo que a tua vista alcance, projetal, objetal, como já disse numa outra ocasião.

20.

Mas o conflito mantém-se: acreditar n'Ele mas Ele nada te diz sobre o teu corpo, entrega-te o d'Ele na missa e pouco mais, quando sabes que ele te trespassa por todos os poros, não queres é dar a reconhecer. O sexo? É qualquer coisa que não é qualquer coisa, é bom, e a seu tempo virá, porque sabes que tens feito para tal, tens estado mais ou menos disponível, apesar das orelhas moucas e tens um projecto e isso poucos têm, vão andando ao sabor do vento no rebentar das nozes no verão, sem ter a oportunidade de reflectir devidamente, de pensar in-devidamente...

21.

E o filósofo descansa. Nem tudo é assim tão interessante ou tem traços de brilhantismo, ou seja, mesmo o sexo não é assim tão interessante, mesmo quando feito com emoção, portanto, nem tão filósofo nem tão sexual, tudo a seu tempo, tudo em certa medida, enquanto muitos estão lá longe escrevendo as suas obras e biografia, o filósofo cá-de-casa vai pernoitando com o fiel Farp, aspirando a outras vidas, a outros pensamentos, talvez ignoto de muitos, mas com a consciência de que podia e poderá fazer melhor, bem melhor, basta, afinal de contas, ter uma certa paciência, ainda que na maior parte das vezes passe por chato, porque afinal, a sua patologia, não sendo grave, dá-lhe bastante trabalho e os estados de ânimo replicam-se a si mesmos ao longo do dia, que mais parece uma vida, uma via do século ante a dominância de um sentimento vagamente religioso, místico.

22.

Essa imagem, da dobra deleuziana, traz medo com ela. E a visão instila-te esse medo do acontecer, do receio de ganhar porque é responsabilidade social, por isso te habituas a perder...até um dia, ao dia em que virá tudo de arrasto, de enxurrada e a tua vida fará de novo sentido socialmente e não serás mais um nado-morto social, de quem ninguém tem noção ou não quer sequer saber.

23.

Porque te habituaste a perder, não queres saber. Mas, como estás habituado a tentar, vai andando, sempre andando para a frente, no teu punção da mente, porque sabes que há frente, como com os outros, há sempre qualquer coisa, há sempre mar e areia, nem que seja escorrendo entre os dedos de uma mão...

24.

Porque o conhecimento, a ciência, é sempre furo de qualquer coisa, como quem tira uma catarata do olho, ou seja, é esse rompimento que causa dor e até solidão, o maior abandono, quando ao mesmo tempo é frutífera, ou seja, tem que vez com um avanço, uma doença de crescimento, qualquer coisa que leva o homem adiante, e assim o mundo pula e avança, como diz a canção...

